Universidade de Coimbra
Faculdade de Letras
1317840505

j

F. L.
1
2
1 5
2 V.

D. Branca,
Ou A Conquista do Algarve,
Poema.

Havre 1824 –

/

D. Branca.

ou

A Conquista do Algarve

Poema

em VII. Cantos.

Primeiro Borrão.

Começado Havre 19 Agosto, acabado 19 Novº.

1824.

Lusiada
ou a Conquista do Algarve.
Nove / Agosto 1824

Faculdade de Letras de Coimbra
SALA FERREIRA LIMA
N.º 13.153

Canto Primeiro.

I —

Armas, e Barões assinalados,
Que da ocidental praia Lusitana
Por mares nunca dantes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

A

Canto 1

Não vos, meu Philosopho Duarte,
De minha conversão; vinde-a ella.
Dirse ad.ª ás furias do paganismo e christianisar christão verso
Irão meus versos ao retiro mysterio
Aonde te escondeste procurar-te
Descubrirão teu cottage tranquillo
E ao levantar da nevoa matutina
Te hão-de achar a contarte a historia
Dos bons tempos q fôrão. Ouve e escuta
O alaude troveiro ouve as coplas
De um trovador; á nossa terra
Vamos que vamos cortes Soulio,
Cubra-se ao seno q. de dar folga.
As magoas d'alma aos ficções de engo.

— II —

"Em hora boa saia a nova esposa
"Por caminho de flores — saia a bella
"A casta filha de Joam Fagundo.
"Pari os paços magnificos de esposo
"Choremos nós que ella vai, choremos
"Que nos deixa a q. vai. Outro rebanho
A apascentar caminha em prados novos

"Doutros velhos cuidará Sabélia
"Que não denós; sua corda mysthia
"Outros mãos teceirão da roca agreste
"Do lyrio das campinas o aprestes
"Da pastora daqueles o bago santo
"Doutro redil defenderá a entrada.
Em hora boa ☧ ☧ ——— //

III

Aberta estava a porta do mostr.º
E as virgens do Sr. ali cantavão
Hymno de Jandomé despedida
A sua jovem prelada que hora as deixa.

Bella, e no viço de florente anno
A real Branca de Lorvão Senhora
Alli trocou de Jesus as grandezas
Pela soidão do claustro, e o nobre affecto
Deu com lagrimas por mãe de magoa
Depôr ainda p.º a regia purpura
Pela estamenha austera. Alva e bella
O manto empunhou de regen virgens.

De seu Santo mister. — A mais subida
Mais alto grau na hyerarchia chama
O cantelludo rei: ouvira a Dama
De seus virtudes o avô regio; quer-lhe
Como a Sangue que é seu e amada Ja
De Beatriz neta amado. — Eleita d'Olgos
Vai Abbadeza a tomar posse agora
De seus nobres riquissimos dominios.

— IV. —

Cavalleiros cinquenta armados d'aço
Luzidos cotas diversas mallhas vestem
Altos cruz nos broqueis, e alvo penacho
No elmo brilhante flutuando ondeia
Alta a viseira tem nos buços olhos
O respeito lhes não fita ousada
A vista do guerreiro as virgens Santos
Que o véo do templo separou do mundo.
Vassallos elles são que as terras varzeas
De Burgos teem; e d'Olgos ao nosso
Preito e homenagem dão: custoudié armados

A estirpe assim nos Reis portuguezes
Com mt.ª campeãa rosa herão baixos
E em pontes e castellos de Senhores
Houverão que brigar: nem lhe vallêrão
Salvos-condutos do Valente e ffº
Luz o portuguez oiro não tolera—
Nem castellanos em terra sua—
Mas passárão d'elrei, e a sua bella
Real Prateleão. Já flutua
O pendão bramo ao vento matutino.
Dá signal o clarim, vibrios descem,
Lança em punho.—Alva anulla a jaeza
Com seus ricos pavilhões d'ouro, e frios tellos
Monta a fouceon da sua acompanhada
De seus doutos. Soeiro, & Lopo de seguida
Soeiro, e Lopo, veneraveis padres,
Dignos exemplar em letras, e virtudes
Dos fos de Bernardo; de sciencia
Tem a seu cargo da gentil princeza

E bulla especial do Sto Padre
Em qualquer caso o mais difficil
Que nem o agudo Baseubaum Jouhasse
Nem o Larraga lhe mettêm deante
Mestre Pedraz que em Padua fez prodigios
E Salleno e Severoz dá falta e bouta
Em gorra * russa nulla (e nas de Stynto
De neden qual é) pêsar de Thorianos
Grave cano junto ao reverendo
Nuno
Seguem Mordomo, e cruz nova
Que ens direitos do todo cavalgando
Vão em vistoso bando ás Imagens lindas
Do Sul visinho e klaro Meio dia

— V —

Raro e só véo alvo a touca e transparece
Pelo véo raro, e pela touca alvissima
Astrauros louras como o Sol que nasce
De trás do outeiro, como os raios delle
Luzem grandes ligeiros os cabellos

Deáphana no ceo. — Quem tudo os olhos
Deburpar? — como o azul do firmamento.
Em noute pura? — Não ☞ tão mui lindos
Como a Saphyra em relicario Santo
À luz dos tochos cadorado em fôrno
Em devota Junção? — Ah! ☞ outro brilho
Bello luz tem; c'a devoção que inspirão
Beatas relig.s purissimo o verem
É mais fervente. — Oh sabem dentes olhos
Languido-azues — uma Suave chamma
Mas quasi effluvio d'alma ☞ transpira
Em Sol de Coração ☞ dore mana
E o ar, o peito, que o respira, embebe
Seio — imagine-o amor... cô'ôlho atrevido
Do perspicaz desejo — amor, que dijes!
Amor! virgem do altar não sabe amores.
Longe atrevido olhar profano:
É cedo esse pomo — ti'do que o tocar

Vela o espoço do ceo: ou ceo pertence
Admire-a a terra, mas avante é mister
Passar da admiração: Brama a formosa
A linda Brama sangue real d'Afonso
Tam bella tam gentil fez de seus graços
Dos seus encantos roboramento ás aves.

— VI —.

Leda caminha a nobre comitiva
Mas o Sol que declina, lhe põz termo
Ao viandar — Judiça sente a jovem
Princeza atanto andar não costumada
E mister de buscar pousado commodo
Para a noite. Onde? a luz já vai minguando
Não tarda o manto a se cubrir d'astros
Orphão do dia o ceo. Dobrou o passo
Que a poucos legoas jaz mosteiro rico
De monges negros.

"Monges negros (disse
Fr. Socio cum gesto de desprézo
Perdoitor d. A em tal convento!

Foi grande sto foi S. Bento
Meu pae S. Bernardo me perdoe!
Mas fui tam fidalgo com migo
Para vos real fr. Sobretudo
Dos monges brancos honra flor e nata
Tal feita nunca houve! De nossa regra
O mais santo preceito, ecclesiastes
Quereis infringi-lo? — Outra mil vezes
O voto todos trez — E o. A.
Me perdoe, porém uma só coisa
Sem o cumprir! Não chega a tanto a bulla
Do Santissimo padre. E se minha dita
Fr. Lopo ahi está que me denuncia
Mas absolvez não posso esse peccado //

Infante

Que é padre mel? que peccado? Temo
De vos ouvir. Outra agui na terra
Deva dormir, e do reluto frio
Que um tamanho peccado commettemos.

12

Conte 1º

Dozei oz é dizei ez nos empere 165
De ir poios no mostr.º de S.ºPto
Tem elles padres fama de virtuos
E não sei o que lhes falta

Dizie voz antiga ~~e tem~~ oz lhes falta
Que a fruita primeira de aterrado 170
Entremeou na tella, e não pôm
Um bayeno, que acode a seguinte
Do encommendeo que vem salvea toda
Pulmonar calhoa — "Oz que lhes falta
Respostou sem curar do mal que a offia
"Oz que lhes falta oz. falta a tremend. 175

— VII —

Ruinos koje nós degenerou
Tibrio ficou da enfatica resposta
Do ~~Bernardo~~ Sacro. e tal mayor
Flandria de spirito philosopho
Que inspio mafarre do Zeloso padre 180
E lhe ouvesse dizer Tom Fernando

Porém naquelles tempos de fé viva
Em que do mais leve incredulo respiro
Tremenda excommunhão lapava a boca
E em caso de mais palpa um bom milagre
Tempo santo que nás não mais veremos
Mal dita seja a ~~vaia~~ ruim philosophia
De João Jaques Voltaire e outros pedreiros
Naquelles tempos desgraçada historia
Que responder a um veneravel padre
confessor — confessor de S. A.?

Indecisa parou a commitiva
Os olhos fitos nos claros dentes seus
De S. Bernardo, moços e anc.ãos
Cavalleiros, apropria cinfl. ag.ada
A decisão do caso de consciencia
Que por ventura a todos os condemne.
A dormir ao Alteno e mais — seus cães.

VIII

Sem crer! — Este negro pensamento
D'azas pesadas entrava a alma

Ao triste lago adultero: ando debalde
Com todos os conselhos se lhe ensinam
E qualquer solução q lhe deponha
Vo difficil problema — este segredo
Corolario fatal, sem ceia. — Hamlet
Os dous graves juizes de retirão
A conferencia: e a voz primeira
Que unisona soltárão foi — sem ceia!

Fr. Lopo
"Sem ceia f.e mestre!

Fr. Socio
Sem tremenda
Caristia! Fr. Lopo
Assim é, porém mais vale
Pouco que nada.

Fr. Socio
E a regra?

Fr. Lopo
A regra diz
Instituido emais accres que o não virão
~~Ignorar alguns~~ os conventos todos

Fr Socio
"É elle meu padre que um capitulo
Não viera alabo em decidi-lo ao jantar.

Capitulo. que diz. a ser em papel
A conselho chamára a christandade
E meu afim Fr Lopo
Me as padre. Se mais alguem
Alguem advirta e ver se concertam
Acaso. Pó eles negros monges — negros
Sejão elles. Fr L.

Que raio de luz esse
Espirito nos deu S. Bernardo
Sim padre, sim, vá Vossa Reverendissima
E converse com elles sobre o modo
De se cumprir nosso sagrado voto
Nós iremos entanto a passo lento
E que resposta da missão nos volte.

— IX —

Assim se decidem os casos graves
De consciencia: e assim a Dª providencia
Se definiu todos. Deu de esposos
A Ines nada sabio conselheiro
E informada a princeza o/ confessor

16

De amordaçar todos os prud. Apostolados
O Camp.º do Corpo humano conhecido.

D. Bazio mestre de Santiago — altor — alg.ª

A bem affam Sylves —

— X —

Leváo tempo as disputas; e ar de sobre
Me dáo q̃ nenhuma. Estava a luz incerta
Do crepusculo tetrico dubios lores
Ao vesperis dos campos dava ainda
As loureiras dos muros e de verde-alvos
E os ferteis olivaes q̃ a estrada bordão.

Erão dias desse mez festivo e bello
Consagrado a João Santo e mais gloria
Mas festivo obrigão do calendario
Santo do proprio nome festejavão
Cujos orvalhos tenros dão Saude
Ao corpo e alma cuja noite amena
Damos e dos prazeres tanto amadores
Furtivo gôso, matinal desejo
E os reaes q̃ vai p.ª arruinar p.ª sempre

Pelos ~~devotos~~ margens de seus rios
Catholica Ellysia - quando as moças
Quando jovens tapuias simpáes da aldeia
N'a abençoada noute vão devotas
Ao milagroso banho. - Santa advogada
Advogado dos simplices correntes
Amiga pro Ctetor das Freiras Gouta
Para quem tece de mimosas flores
Recamo grinalda, a quem rainha
D'a donzella innocente, o lindo canto
Qual ha hi renegado iconoclasta
Methaphysico abstruso protesto
Que ao verte assim gentil cóturnado sinto
Pastoril dialogo fella, e affagado
O coração sinto q'ateos hei nelle balha
Que m fere que tal vista não converta!
E cutão as agoureiras alcaiotas
Oraculos d'amor e da crepitante
Fogueira, e a baneada fina perna
Que se plantou ao Salto - como

Canto 10

Ai! maravam que me verão: Quasi Nada
Nad Saldo mais — Mas um dia 10 Soneto 270
De crestes a orla crespa eben frouxoa
Do tapete verde — Ergue mais alto
E vio-se quasi — quasi tudo agora
Benedito S'João Auto dei-nos
— Tam bom que é e santifica tudo. 275

— XI —

Era foi a estação formosa do anno
Em todo o seu fausto em luz e galas
Por nosso mesmo Chimos favoneia
De vida esperdiça a natureza
O Sol gotam benefico despende 280
Para tanto aderem ri ruio d'ouro
Em fim Zenith ao vezes obri o fogo
E a calma intensa aos seres habita
De ver sair dilluto

— XII —

Mas entre boi o sombro deleitoso 285
Do arvoredo fresco do alando copado
Que ao pé da horta respeitou arene

Ela gerais que é vencedor abrigo
De Caés depois no quinto ceio
Ala a glória espessa da coroa
No cedor da Gaffa — do cefeador Cenado
Ito assedor segunte — Sa gente Pena
Do pé do rio que Salgueiros borda,
E os regadores pomos Laboriosos
Corros com a face de donzella
Guardo as Primeiras — Sol Rio
Tinou — e o nos revellão o Deos longuis
Que o tem — Sol — Ogos — Cruzes
— III —
Os Bretões — Bretanos — Ogos vos Cianta
Bretões bons tanto formosa porque
Tanta gente (de Deos Commendo)
Tam Ditosos relvos Tão gentis nbair
Ogos a Cafona que se vole Joyna
Dos de Sol que de Preço Tanto emin
Dorte que em vão triumpho da natureza

20 ~~Eu não. humida Canto de fumo negro~~

~~Petão defloreas. Boi urros insofrados~~
~~Os pluviosos gemeos não dobrarão~~
~~Quasi fiper no immovel Todiano~~ 310
~~Di as desejas no emborcar no leite~~
~~A Lobo na patria di dos Elisios~~

I

XII

~~Entre flores~~ abrigo ao bouge enfiado
~~Vi~~ a ~~abaixar~~ choro caminhando
Pela ~~mesta~~ planicie, ouço coinchas. 315
A pesar raras as nocturnas Sombras,
Olhos com delicia ~~le~~ estendidas.
Sepa a maga, ~~saudosa~~ perspectiva
Ao cabo lá, cerrada cordilheira
De outeiros cujo verde tachonado 320
Co a palidez dos ~~braços~~ de marmore
Do ador de Lyria ~~lyrio~~ cinta o ver dos trevos
Permitte distinguir ~~uns~~ de vivaz calos
Negro & quasi de Solido granito.
Nesse enramado quadro florencio 325

Em scena tam viva, quam o esqueleto
De monte, e contra posto imagem funebre
De noite em tanto brilho e flor de vida
Como atáude egypcio entre os brindes
E prazer dos festins vem travar jogo
Cá lembrança — terrivel! — do fatal.

— XV —

Escarpado de agudos penedos
Isolado, só, árido, e de pontas
De vivo fero agudos eriçado
Estava o cerro — como em mar d'areas
Solitario theorema a subir — se ergue
Sobre dos Pharaos Tão vagaroso
Pelo variado aspecto desta vista
Os olhos dos viandes — qd.º subito
No alto do escuro monte uma luz clara
Surdia — desapparece, outra vez brilha
E some-se — a luzes volve, e tranquilla
Como um fanal em porto mal seguro
certo mal seguro

Canto 10º

Ao horrid. baixel do frigio aviso.

— XVI —

Maravilhou-se todos o espectaculo; 345
Inesperado — a timorata gente
Quiz ser de novo encantados
De feiticeiros más de Lobishomes
Todo o exercito em peso a ser sobre ella
E sem ousar nem dar bastante credo 350
Nem vão de reto Sátanaz q dizem
Nem sempre cousa más de vão com rezo
E á vezes é peior o q se assanhão

— XVII —

"Eu sou? disse alfim com rumor surdo
De vozes dos que tremulos parárão 355
E observão com terror a luz estranha
"Deus nos ajude!" disse baixo a cafa
"E o Sr. d. Bernardo antes de todo
Fr Joam ajoelha emendou. Isto me espanta
Disse Nuno ermadeiro da provincia 360
Portuguez Borda-d'agua, e nomeado
Por feitos de primor barão matança

Que em mouros estremecheo fez com arte
Quando

Perto me espanto este signal estranho
"Que fez volar ao mouro o touçáo
"N'outra paragem — Bem travado co'elle
"Anda o mestre D. Pais que os deixaste
"Passar do Algarve agua. Affé vos digo
"Que este é proprio signal que usa em seu campo
"Aben Affan ~~Aben Affan~~. "Aben Affan repetten
Em fôrça a commitiva espavorida
Com frigida terror. O mais tremendo
E mais temido acerrimo inimigo
Vão teve Portugal. Valente ousado
Era elle senhor de grandes terras
Foram rei todo o Algarve o reconhece
Seus gales innumeros infestão
Entre as columnas de Hercules os mares
Em vão. Com seus arrs cavallos
D. Pais o mestre de Santiago o atalha

Corre o Sangue infiel, o chão tão corre
Mar do queimado Algarve nos castellos
Firmes vinha nos barros mussulmanos
Prostrados luar brilhão. — Como as sete 385
Aureas torres no escudo lusitano
Deutorno as Quinas se juntárão?
— Como a nobre Lavia abria seus portos
Ao portuguez? — Como o singelo titulo
Derei de Portugal veio a enfiada 390
Daquem e dalem mar — que outros cousem
Inuteis troupeis mais inuteis hoje.
Que de memorias tristes nos recordão
Do tam caro ganhado e tam barato
Perdido — Reis de reinos desunidos 395
São hoje os reis — Bispos de nomes impossiveis
Metade desses titulos possuem
A outra D. ey sabe aguentar ando
Não em pé certo — emfim menos elles.

—

Infante

Serão mouros D. Nuno?

Nuno

Real Senhora

Este Signal (Ex.ª) vos dizer verdade
De mouros é, e a hora a costumada
De seus reis ao mal d'elles nos dão lida
Em que estamos. Tem cerca dos castello
Delrei e outros Senhores poderosos,
Até ao Cabo em que morreo Sebastião
Ahi assim — De mais agua? — Tem pouco
Não tem la elles que fazer no Algarve
Cós. de Sanctiago — E se o levais em gôsto
Ireis ver o que é — que me não temo
Delles.

Ao proferir destas palavras
Surde como visão de espectro ou sombra
Hum mouro negro armado em Cavalleiro
E em corcel tambem negro que o rege
A noute em carro de ebano — Passando
Atravessou inspirado ao ligeiro

Dos Castelhanos — que tomados subito
Como de espanto frio — nem ousárão
Até fazer-lhe a pergunta costumada
De — Porquem Cavallain? — Ja já longe
Quando acordão a bradar com elles
"Por quem? Porquem — Mas elle sem volver-se
Nem apressar o seguinte passo.
Em portuguez tornou — Real real
Pela Bravura com Flor Real de Portugal
Deu d'esporas e a rapido galope
Desappareceu. — Tranquillos ficão todos
E a resposta e contos — que d'amigos
Certo era — Já Deos lá comsigo
Entre dentes rosnava. "Ant! embora
Prem afé Cavallo e Cavalleiro
Pam Christão, elles vão como eu Jou mouro.

— XIX —

Andando vão caminho do mosteiro
E andando, a noute mais e mais redobra
Seu véo negro de estrellas recamado

Eu ouvi alma voz no ceo dizerem
Alvor brilhar — qual o sertão bando
De douradas loirinhas se prasmou
Em horas derradeiras e longe d'Ilhor
Sempre alerta, ligeiro, dando fronte
Frouxo jogo primeiro — sorri-lhe o annalte
Do prado e as flores tam gentis como ellas.

— XX —

Mas já cahido o rijo Joeiro
Na telonja do ceo reverendo.
Começa de assombrar-se-lhe a consciencia
Co'a idéia de quebrar o mandamento
Cardeal dos preceitos hermaicos.
Já entre a comitiva mal disposta
A arder os escrupulos do padre
Murmurarão alguns, e só continha
O respeito da infa — que affrontar
Não rompesse aquentão entre os dous
Poderes que este mundo entre si regem
Frades e baionetas — frades sempre

Canto 10

As baionetas hoje — escutão ao Cerco
Durindanas e mais antepassados
Do ~~grande~~ milagroso inventor franciscano
Frades nisto tambem! Disto o dizia
Eu em vellhinho de qualquer natureza
Eh! mirate che frate non vi manca.

— XXI —

Eia! cobrai alleito animos fortes
Eu, vedes, Lapo trago amebicina.
Para escrupulos, fomes, e receios
De mal passados nortes, magros ceios
E o mais que agora encontrastes aborrecido
"Tremenda, padre, eriva S. Bernardo
Gritava ja de longe esbaforido
Di galope o que vem — "Viva a tremenda
Voein volve e vivos acompanhado
Da companhia alegre co á mesa cea
Brama afformosa com outras alma de amor leonas
A tutora monacha Caffeito
E seu vont. fua onde é senhora

Vai onde a leão, crezando sempre
Começa uma novena e trez rosarios.
Lee nos prologos da estrada promettem.
A não fel q.tos sts milagres os.
Se á prisada ésta noite esfalso a leão.

— XXII —

Correi correi ó nobres cavalleiros,
Correi correi: S. Bento vos espera
Com farta ceia e regalados vinhos.
Porém como os escrupulos cessarão
Do regio soccio; como pode
O douto civiado conjugar ~~disputar~~ differenças
De mangas bravas e de pretas mangas?
Sahi não foi, travada Louvre disputa
E a não ser Com Gil Vaz santo prelado
Que o bago episcopal metteu no meio
Da renhida contenda — haje ao Jerem
Ficáras linda Brama delicada
E as purpurinas rosas de teus faces

Amantes dos batalões não dormião
Inveja e zelos aos raubrir d'aurora.
E esses olhos tam puros donde mana
Doce arroio de luz celeste e meiga
Olhos p.ª q.m amor deu o seu thesouro
Sem um vodo prazer de venturoso
Se outro ceo se outro amor já não tomara
Para si todo. todo esse thesouro
Esses olhos vesados de veludo
Morna a luz dem fulgor de novo dia
E não brilhariã matutinos raios
Qual joe brilhar no ceo a estrella d'alva
Percursora do sol — tam radiante
Tam magestosa não porém mais bella.

— XXIII —

Ei os repiques nos sonoros grupos
Ei os tochos e os cantios — Bem vinda
A filha de Sion — bemvinda reja
A progenie dos reis a casta esposa
Eleita do Sr — São os seus olhos
Como os da pomba q.e em terno arrulho

Amelia . . . . – Oh padres bentos o cantarão
Não sou que o inventei – e outros mais cousas
Excitantes imagens dos delicios
Conjugaes dálma – hymno exemplar e santo
Extrahido do cantico dos canticos.

---

30 d' Agosto 1824

3.ª Ed.ão 1824.

Canto Segundo.

I

Oh formosura, oh dôce encanto d'Olhos
Enlêvo d'alma, pura gôa do mundo-
A Terra debruçou-se á mão do Criador, e foi dobrada.
Que vicio fazer do céo á terra
Ornato d'anjos, divinal reverbero
Da face do creador. — A luz da estrêlla
No firmamento azul, o alvor da lua
Fronte brilhante, e bella como a face
Da virgem que Jesus por seus amores
Fagos que em peito infiel lhe desfrontão.
Assim meigo da rosada aurora
Que vem o dia annunciar com flores
Rozas colhidas nos jardins do Oriente
E o sol orbe de luz no ar radiante
Olhos, imagem de Deus, clarão e vida
Ser, existencia, prerrogativa eterna
Por innumeros orbes seus reinos.
No espaço, oh formosura as dois vendigão
B
nas ondas a luz em imagem, a sons

D. Branca

Do edifício magnífico do mundo.
De tuas bellezas adornou sua obra
A mão que tudo fez. A maravilhosa
Architectura do orbe foi traçada
Assim numa grande rasga de bellezas
Simples Sublime e grave como a idéia
Que o concebeu no seio da eternidade.

II.

Ahi homem, tu miserrimo dos entes
Que te arrastas no espaço circumscripto
De um dos mininos globos do universo
Insecto dum só dia q nasceste
Só para continuar o elo da vida
Na cadeia dos seres, q apontaste
Num canto angulo da scena magestosa
Para vê-la, e morrer — homem q'pose
Comprehender teu fado mysterioso
Nos destinos do mundo — e como aprouve
A natureza — liberal, e avara.
Comtigo, já nesse grande e generoso

Ja via eu dous já pobre em Jaulo.
Quo te deu a negra, e assim te deu feito
O mais raro phenomeno da terra
Incomprehensivel, unico, homem como
Se ajuntou em teu rosto a formosura
Toda pelo universo repartida!
Como tu, fraqjot vidro obscuro e quebradiço
Em ti só concentrante o preciso lustre
E a belleza no mundo dispersos!
— Ou zombas delle ou alto é teu segredo
A ceira de homem creadora gloria!

III

Então da especie na porção mais debil
Mais fragil foi cahir teu raio
Deformissimo! — Então p.ª compensar
De bellezas tamanha crueldade
Natureza, a mulher! — E p.ª tal cofre
Rico demais cyoaço confiante!
Nossos prazeres todos nossos ganhos
Consolações a dor em magoa, amor

D. Branca

Na infância encanto meu juventude e velhice
A velhice de ti mulher nos hosten
Concede-lhes tu lá ou no-los negos.
Negos — 8 gl.os vezes! Mas tyranos
Não fomos nós? injustos oppressores
De quantos maiores provações e tormentos
Lhe não causamos duros a existencia!
Em Jordão banhemos que vis encantos
Teus Orientes Sepulchros tristes d'ouro
Onde jaze a virtude e amor cortez
Cede a brutal desejo o paço e a vende!
Curvos Europa o mussulmano barbaro
E os teus corseres negros e traidores
Pisa á vontade e cauda pied.
Arma o perfido bonzo o laço astuto
Laço que eterno a vida arrancou della
A ventura o prazer Deus nos negasse
Curta fosse dos annos! Isabel cercada

O derradeiro bem d'um desgraçado
A esperança. E esperança ahi um crime
Nem um só raio tem perdão os ferros.
Da escuridão que o tem tua cóva vida
Nem um só raio tem dos bem-fazejo
Aqueous cobertos geados mortos
Mortos nos prostituindo no cipoleto
Aqui vivos ——— Homem barbaro
Ingrato e desleal qual é teu crime?

IV.

Escrupulos atrozes torturantes
Por ignorancia interpretem abaixo
Quanta victima cega não controzo
Ao altar profanou de holocaustos
Tam sanguinolentos! Patria amada
Casa paterna, maternaes carinhos
Dores futuros d'um espero amavel
De meigos por — santos goros d'altura
Dados de D.ª — E tudo abandonado
Pela impia crença degradadora não prazer

D. Brianna

Lus impuresza ou detorpa ouvido os manha
E só do ellustos fº o dia ha estrada.
Dogma fatal preverso e injurioso
Adivinde! oh victima innocente
Fornicou Brianna de tal êrro forte
Devota pia timorata, ofraia
Tementé o mundo enveltos de virtudes
E sem o conhecer fugiste o mundo
Frigos cachopos teem o mar dividido
Traidor beijos procellas tempestuosas
Mas o quanto q pinido largasse
O baixel q o conduz a doce patria
E dos rinos dos ondas aterrado
Fosse em cachopo ingreme isolado
So no meio dos rochedos acolher-se
Onde nem doce esperança d'algum posto
Nem conforto de vida deem aos bouços
De melhor sorte: mas so ermo monte
Mas só avante soluços do oceano
Prudente o chamarão.[2] — Santa virtude

Eu Lomens q' leu d'oj fomens Seconheceu.

V.

Trazei, fo. de Bento, ds fruitentos.
Largai portas do nitio curto.
Correi devotam.te ôa dormitorio
E um grosso pinque de toucinho gordo
Me afogue os escrupulos berriardos.
Foi tanta a ceia, carga, folha berros trinta
Por cabeça o, ademis beiroes sem conto.
Nas mangoas opiparos não brandos
Delicadezas d'exquisito gôsto
Mas fartura
A portuguera velha — Comeu pouco
Deptenecada annos fomos lapa
Mas fo ella esp.o di fo mu conto
Comerão os dous padres confessores
Nem tu meitre Filraz em tal appôsto
De tentações podeis recordar-te

D. Brama

Do fatal — Omnis vidigerão mala —
Sepulto que em tua clemencia se afflige
Unico entono a vasta medicina
Que interpretou-lo bem não consegue
Teus doutos vigilios. — Ja repletos
Com tam frugal reparo ao leito forão
E no primeiro somno em paz dormirão
Ora de cruz aliada e cerradurão
Em processão constou se encaminhão
Com cirgente marcha ao dormitorio
Onde jazem os hospedes bemaventurados.
Supinos jazem e fazendo jornada
Mas ao devoto cheiro dalbremente
E ao conhecido canto almorem prestes
E assim a processão andando entoavão.

VI

Deus erguei-vos, irmãos q esta é hora
Esta é ahora bemaventurada
Onde vinde fazer penitencia
Levantae-vos que ahora é chegada

Apparece hum corpo e cabeça
Coberto todo tremendo horrado
Sonhou muitas tentações do diabo
Fique tudo em torno afogado.

Louvor seja ao glorioso Bernardo
Que tam Santo instituto nos deu
Seu tremendo q.e pode saber-se
Sem tremer de ninguem se perder

Seus engenhos Ilha

VII

Cahiu hũa monacha e annunciava
Os irmãos bentos aos irmãos bernardos
A respeitavel horra do tremendo
Pelo antigo sagrado e inalteravel
Dos monges brancos, e hoje por nós vista
Exemplar tolerancia permittido
Aos Claustros pretos, não sem mto mando
Dos padres graves regidos da ordem
Que altam.te em capitulo alteraraõ

D. Bruna

Assignárão s/ voto em Separado
E protestárão n'acta. Mas o abbade
Mais tolerante, ou mais cortezão q' elles
Relapou á sua resp.ª da primeira
A face monastica austera antiga
E a liberd.ª franqueou do culto
Por cita noite só em seus dominios.
E q' nos faz a nós q' os bons bernardos
Cornão toucinho ou não (argumentava
Philosopho abbade) ha hi peccado
Ou offensa de D.ª? — Que, padre abb.ª
Torna inflammado em zêlo um reverendo
Q' indifferentismo em taes materias
E' dos peiores todos o mais grave.
Q' nos faz a nós q' elle cornão porco
Ou que nos faz q' os judeus o não cornão
Ah ao p.ª ceia ha bom toucinho
E então aquelle! — Basta p.ª a ordem
Por ora obtempero-lo ordeno
E decidir-se q' a tremenda pena
Canonica reparação aos hospedes

com todo o ritual prescripto e usado
entre —

VIII

A procissão fora direita à porta
Da primeira gentil — mas tanto cançara
Se anhava da virgem q' impossivel
Lhe era cumprir cõ êste preceito Santo
Da regra. — Meiga voz disse de dentro.
"Dispensae-me hoje que ....."

"Não posso
"Não posso — brada em cuecas acodindo
"Porta cachaci" — pansuda figura
Lui da vizinha cella a correr veio.
"Não posso que não chega a tanto a bulla.
"Dispensar." Com dispensar vai perda
"A igreja, e as ordens — dispensar no caso
"Mais grave no preceito mais restrito
"Da nossa santa regra." — Não, Senhora,
"Hei de toma-la ou não sou eu Fr Joaõ

44 E atacava dizendo os descozidos
Bragas que cahiam à pressa arrebatado
Dezêlo e rijidez "Esta lo monte
"Esta só p.ª mi. p.ª pisar
Valeu a sonora voz dentro da porta
"Todo me doe o corpo fatigado
"O meu bom patriarcha S. Bernardo
"Ha saber se ou paço!"
Fr Soeiro
Embora embora
Mais aucita será a penitencia
Quanto mais custe. Vamos V. A.
Como prelado q é dar ao exemplo
Sacrificar seu cómmodo — e vontades.
Só assim se mantem a disciplina
Da ordem Luta
— Mas...
Ver-me-hei foi objecto
A sublimidade da excommunhão ou raios
Luta
Excommunhão — não não em abro em abro

Misericordia não reverendissimo
Si não me excommungueis! Um porco vivo
Comerei antes — antes —

Uma ideia!

Bem appetecida donna abrio a porta
E o rigido Soeiro indo em buscas
Um pesado facão na destra empunhava
Elan manta enorme atabalhando um lado
Tal que a so vista delle affligentára
Synagogas inteiras — triumphante
Do grão poder de Assuero
"Approximae-vos abbadeja d'Habyas
E a timida innocente a passo lento
Ao bruto janitor se encaminha
Os lindos olhos mede o decidido
Bronco pedaço, que o brutal herdeiro
Para bôa tan breve ousou talhar-lhe
E um gesto de magoa tam afflicto
Mas tam formoso tam encantador —

D. Brama

Em abrigo companhão em bronzes peitos
Peitos de tygres — que não fossem frades
A'espreguiçar-se em molle penitencia
Resignada D. humildade se prepara.

IX

Scena era digna d'um pincel flamengo
Digna de Ti O', Wanderneer mimoso,
Da natural simplicza inferno
Ella q' n'alma agora me debruça
O meu imaginar — pintame o escuro
Fundo dos quadros teus com longo e funebre
Quasi abbadado dormitorio
Põe-me na luz primeira d'esse quadro
Feminil e jovem candida donzella
Alvos longos roupos, e o meo alvo
Erguido que denoda a face angelica
Onde a amargura não deixou vestigios
Meo rosto contrahido desfigurado
Mas a que a face juvenil mostra
Contrae á vista do leal mestre

Brandindo austero aferrada lemida.
Esta esta angustia da immensa altera
A nuvid' dos feixes divinos.
— Diante delle a comica figura,
Do fradalhão bojudo encarniçado
As grossas curvas e cevados flancos
Transparecendo dos lisjeiros linhos.
Na mão tremenda forca de torcinho
Que rindo amostra com prazer maligno.
A timorata virgens. — Grupos negros
Brancos de monges de diversos côres
Cavalleiros armados de armas brancas
Brancos labirinthos de corpos
Em derredor com arte collocados
Não fora se em tal quadro.
Divino Menge tem pincel tam brando
Não fôra entre os milhares de prodigios
De tua corbola immortal o menos bello

Novo autor no meu quadro, nova dicção
Figura — pois q̃ falla a lingua d'outr
Ou entáo novo autor — porém na scena
Mestre Silvas q̃ accode ao arruido
Accord d'um fouto affadigado
Em q̃ se vim q̃ Tantalo inter dapes
De pasteis de perdiz detrompar d'ovos
Cerrado entorno — e a cada mão q̃ estende
Acha avida boca q̃ enfastia
Hum livido aphorismo em feia fórma
De alado spectro cóa asa demorsega
Lho arreda accinte, e cocanha o atormenta
Como o d'outr'ora de Damocles no banquete
Hum depoz d'outro os alimejados pratos
Do faminto emul. denegrido —
Acordou do terrivel pesadello
A bocca da tremenda e mal lembrada

Contrac. a vivos ao nu mente

Da verdadeira causa do divorcio
Em a taes desoras o socego quebre
Da habitação monastica, aturdir
Do sitio corre onde o arruido escuta.
Estava a linda Brama nesse instante
Resignada a enjoativa penitencia
Que a seu cabeçudo confessor tão doce
Tam delicioso e brando parecia.
Eis bom Mestre Gil Paz entra esfregando
As semiseccas palpebras, e como
Bocejando em hyatos tremendissimos
Detrabalhos tanto ingente acaba
Vio-o a infanta e cobrando em si alento
Um alento de esperança, o melhor olhar
Com supplice expressão valor ao galeno
E: "Mestre Gil! oh! mestre Gil!" lhe clama
"Valei-me por Deus Pois. Ai não não posso
"Mestre Gil vós sabeis que fraco em tenho
Estomago desde a ultima doença

D. Branca

"Que aquellos dez garrafos trinta pilulas 320
"Fisanas infusões, purgantes tonicos
"E não sei q' outros mais doutos remedios
"Vossa mtê saber me receitára.
"Ai! acudime senão desta morro."

XI.

Os olhos magistraes de novo esfrega
E ainda tonto do somno e mal desperto
Chega a primeza e quasi fé custa
Da doctoral natura a não entende
E ao nivo pulso gravemente a applica.
"Febre disse - febricula - está duro
"Intermittente e vir com seu tanto.
"De - vejamos a lingua ... E de appetite
"Como vamos? - Funcções segregatorias
"Em regra? - Bom: o caso é de importancia
"Mas não de perigo: a historia morbi é simples
"E a capitulação tyrannia minima
"Porquanto Galli - E porto que nos diga
"Que me não afabedor dos Salios

320

330

335

"Ars longa, vita brevis — divertir
"Com ofnor de D.ª já muitos vezes
"Pedio o douto aphorismo — Vida longa
"Com arte breve — e assim heide emendá-lo
"Na primeira edição corrector, auctor
— Ubi ars brevior, erit longior vita —
"E que saião a campo esses doutores
"Da multa ressa, a pé firme os espero
"Cum sylogismo embarbara, outro ad hominem
"Com trez cornudos bifeios dylemmas —
"Que lhe dão de entopetos ou cabellos
"E fazer comer terra á Faculd.e
"Ignorantões heide vencer-los! ... "

Finis Vide

"Que é urgente ...

Mestre Gil Se é urgente brilhem

"Sevandijas alcorla vil insectos
"Perteader enfesnos-me a mim ao mestre

S. Bruno

"Ah! vaz doutor pela alma academia
"De Padua q' tres dias Juncçoens
"Sustentei a pé firme as minhas theses
"E elegrini cõ primeiros disputei
"De Bolonha e Paris. 'Amim birbantes
"Amim.' — Eu no ardor da dialectica
Com pés e mãos Jallava e combatia
Imaginarios Zoilos e atrevidos
Petulantes ignaros Aristarchos
Que a lançadas dacros argumentos
Desmontava do arção prostrava em terra
Na escholastica arena estatelados.

Emfadado o emplora o chama agentil Bruno
E a circunstl. turba as gargalhadas
Lhe responde aos Jornadeiros dias
Que não intende: mais emais irado
Lhes torna "Ignorantes. 'amim birbantes
Não esquecendo a fim nem de emfadonhos

Do famulo e natural modestia.

XII

Fr Joeiro entanto cóa tremenda em punho
Tinta. Brama suspira e ensaia o Doutor
A fradalhada ri Gil Vaz recebe
D'entusiasmo o confessor declama
E em q vitoria tal ninguem se entende.
Quando um leigo a correr cabaçando
Vem agitar — "Misericordia. acudão
"Misericordia morre no convento!
"Horror! — repette em uisona a caterva
Os berros de Joeiro - os argumentos
De Gil Vaz, os risadas dos conitos
Tudo passou n'um gelido silencio
Como n'harpa ferida os sons alegres
Do trovador q ferio della a unica
Lucuda cantiga cóos cumes diuinos
As damas dos Zagues no florem passaro

Mas o cruel archeiro d'alta torre
O mirou certo ao corvo ~~t.gel~~ frio
Póra a mão, q as vibra, sonoro chorro.

XIII

Mouros! — com olhos fixos & desmaiados
De susto e medo atonitos se fitão
Uns dos outros, — como perguntando
Em seu mudo falar: "O q fareemos?"
Dos cavalleiros dorme a maior parte
O q'em função nocturna
Da orgia bacchanal tomados subito
Do terror imprevisto amovardados
Sem ânimo sem força irresolutos
Em pavor frio como os outros gelão.
"Que faremos?" — tá annos gritou Nuno
"Animo! ás armas! & seguirme todos
"Que eu — Não bem proferiu estas palavras
Tremendo Alá soou pelos abobados
Aguoes do compridos dormitorios

E os alfanges nos trevos scintillavão
Malaccanos das noitadas lampadas
Luzirão finos pedros nos louvados
Bordões d'alvos turbantes — Alá — sôa
Os frades os Pr os cavalleiros
Serrão n'um instte sobre os peitos
Apontados as duros envitarros
Cru terror de Christãos. — Nem um susto
Nem um ai: mãos atraz, e um só valente
De rijo esparto. Nunca só q entontes
Desordem conservou tão sua e firme
Das mãos do Frade toma a cruz q gravia
A procissão burlesca e a golpes vivos
Co'a bandeira da fé a infiel combate.
Sôbre elle alfanges cento os golpes chovem.
Se demorreção flandeiros hachos
Mas o intrepido Nuno a um lado e outro
Fere, estrue, defende-se, e derruba
Inerme e só abysmo de heroicidade armado

Faculdade de Letras de Coimbra
SALA FERREIRA LIMA
N.º

Não lhe comporta o generoso peito
Perder, sem disputar, a liberdade
Antes a vida e a honra bem barateia.
O caminho se abre entre as cerradas filas,
Dos mouriscos apoios — espantados
De tanto esforço, como domados
D'um poder superior remos ouvem
E o intrepido mancebo defendendo-se
Erguendo alfim desnudo alvejante
Um desesperado golpe e furibundo
Aterra os que mais proximos o seguem
A pulos desce — atravessa a ponte
Como o fulgor da luz na tempestade
Que as nuvens rasga e torna-se — na serra
Dentre arvores e o cume desaparece.

XIV

"Deixa-o: — disse entre os infieis um deles
Que em nobre coração no seio dos vencidos
Tem respeito e dor os mais altivos
Seu chefe se demorou — quem tem nobre

"Assim defende ainda cabiberd.
"E' digno decagoem: — Nimgeem o faga. "

XIV

Quem é este inimigo generoso
Que alma tam nobre em peito infiel encerra?
Quem é este guerreiro mussulmano
Que tam gentil, tam magestoso brilha
Nas pituerem arabe alfaia
Que o talhe heroico e altivo porte e graça
E belleza de moral nobreza ornada?
Brasão entorno da frente em tredobrados
Voltas o cinge resplandente estofa
Como a neve nos picos abrilhados
Da serra dos estrellos — puros virgens
O adorizão nos hombros fuzos
D'Atlas nos verdes planos estendidos
Ao som das namoradas cantilenas
Dos romances do oriente que a memoria
Contão d'avós nos tempos apartados

Donde vierão ao reitano trez
Do vingativo pae pela offensa
Flores da loura virgem — Innocencia
Em derredor circulo brilhão
A esmeralda da côr dos verdes campos
E a saphyra ☿ a azul do ceo reflecte
E as amethystos rosas como a humilde
Violeta modesta que se esconde
Na relva ebrupulea aos doces raios
Do sol creador na florea primavera
Olhos negros tem negros como as trevas,
Que ao derramar-se a noute esparze longe
Pelos ebarneos cortes — vivo lume
E ofego da progenie do deserto
Do rosto bello como tochas lampão
Accesas no agreste minarete
A'hora do prazer na mesquita
Bate o crente ☿ o sol creador os faces
Ha longas gerações da raça altiva
Do filho do ermo, porém bello e fresco

De animadas expressões, e ao vivo realção
Cor viva das faces, respos fior d'anno
Que em annos romanos vos thedirão
O airoso bigode.
Obem fend.o nitido bigode
Formoso ob.to vitta d'ouro fino
Entalhada em lavor cautoso d'ouro
Longo pendo e curvo o alfange pendelhe
Fiel á empunhadura — a morte se ha portado
Nos gumes desse alfange e duas vidas
Ampla ceifa de vidas. — Quantas lagrimas
De viuvas d'orphãos nesses feros gumes
Correo sem sem lhe embotar os fios
Sem lhe embaçar alamina brilhante
Que novo sangue novos golpes pedem!

XV.

Este era o Chefe da infiel cohorte
Que o Sancto asylo profanar se atreve
Da monachal virtude — Prêso o abbade
O resto de seus monges que dormião

Com os mais castellanos cavalleiros
Aqui grilhões pesados despertárão
Dobrando somno, manietados todos
Excepto o duro guarda habitadores.
Durou teu cruel noute malfadada
Ao vencedor seus campiões obrarem.

XVI

E de ti linda Branca de ti bella
Mimosa dama delicada & delicia
Aide ti com horror meu canto fuge
Cortada a voz nas chordas do alaude
Teu destino cruel dizer não ouza
Virgem botão que ao Sol desabrochavas
Em jardim deleitoso ai! calhandre
Propicia mãi dafalteado doburgue:
Quem te defendera! Tua virtude
Teos a candida cor da innocencia
Nem teu espirito q do ceo agradou
Teás sa de rei sangue d'Alouso
Ramo augusto desa arvore
Que germinou nos campos daurikoria

E co'as raizes no sanguento Ganges
Topetar os astros na estellada esphera,
Trás pois tu que os thalamos dourados
Dos principes da terra desprezaste
E reposta avos gemedora pomba
Vivea no seio do celeste amado
Trás de immundo Harem, victima abjecta
Deprazeres infames, ao capricho
De barbara senhor jazer estrava
E estrava, oh D.! do crime e da vergonha!

XVII

Correi lagrimas tristes, desfogae-vos
Do coração onde travaes tenazes
Dolorosos folluços — Ancias duras
Sahi terriveis apperturas d'alma
Vinde em mares despremto aos olhos triste
Espalhae-vos em nuvens de suspiros
Desoffogae-lhe o peito comprimido
Para um só coração é muita a mágoa

62 — primeira — 2. Bruma

Ah! chora linda virgem. o teu destino.
Sobre teus dias malfadados chora
Essa flor de belleza essa virginea
Candura d'innocencia — oh! — Has ou sabe
Da real donzella que desprezão eu vejo? 545
E'afflição, é'dor? — Não. — Ene! sem medo
Sem horror encarar o gesto impuro
Do inimigo ao Sé! que olhar tão doce
Ene lhe ella lança: creára q um encanto
Acaintou do occulto feiticeiro os alcandores 550
Lhe desvairou o coração e os olhos.
Que aos do moço gentil vendo tendem
Qual tende F. incognita potencia
Ao pollo do outro a namorada agulha.
Não ha sorriso nos vermelhos labios 555
Não ha meiguice nos brilhantes olhos
Mas ha não sei que pena anto languido
A ressumbrar de toda essa figura
Angelica divina, que o desprezo
Santo — q as justas iras não soubéras 560

Onde ent tantta belleza depurar-se.
Elle o jovem traidor elle o contare
Oj não adivinhão floreos annos
D'um ~~mouro~~ gentil? Oj não sabem
Ler nos da virgem olhos de mouro?

XVIII

Quem de ajoelhou aos reaes hombros?
O bello mouro faz — Quem lhe protesta
Respr. Rivas Gallegos? — Se formoso
Neto d'Azar — Como o encantou o bella
Fez d'Affo? — Murmurando as cordas
D'ella não christan vergonha
Não o ousão dizer — os niveos arcos
O anjo guardador desprende e foge
Para o ceo donde veio, e a virgem nova
Leva ao ponto d'uma perda ouvida.
Perdi! Sim! a borpe voz domouro
Aos ouvidos galaicos — Brama ah fa
Dos reis da terra e do celeste espora

D. Brama

Brama Senhor — com Vossa favor volve
E o atrevido imprimio ousado ardor
Na mão deseve que se entrega ao beijo
E — vergonha fatal decor eterno
Parece no contacto envenenado
Estremecer — Ulc cá impressão lasciva
E no deleite infando estorpecer — Me
Alma or / entios o deleite a honra
Tal em cheiros bo espiões mil?
Tal perde vida / Em longuido letargo
Que não trance de morte mor tranquillo
Adormecer da vida e socego
A tuba dirá repouso da existencia

XIX

Um brado ouvem da ré eu entendo
Partem. Voae voae correi ligeiros
Da rica joia q̃ levaes roubada
Correi q̃ atraz de vós irmã corre
De exterminio e de morte vejo armados
Luzes cohortes, phalanges estrangeiras cohortes

C. II

65

Vh defende-os amor — puneos virtude

600 Ahe que mereem eller. ? — o castijo

— elbas castigar amor. ! — Deo tem vais

E a crime tal uma or mandou a terra

Fim do C. 2o

a/tro 13 —

20
12
40
20
240

14 7.bro 1824 Acto Terceiro 67

I

Que monta a vaza frigida copesado
Calculo de meus pensamentos
Pela bitola compassada e estreita
Dessa philosophia austera e fêa
Seva tyranna d'alma e em tam brando
Sonho nos amorteu de illusões doces
Phantasias embora — mas tam lindo
Tam delectosas! mas meus prazeres
Bens, verdadeiros bens, q os vêr gosamos
E satisfeitos de sonhar dormiamos.
— Despertos, q encontrámos? — nossos olhos
Descerrados á luz q vem q achámos?
Forte realidade da existencia
Esqueleto da vida denodado
Que ôco sem as flores q a embellezavão?
Ficarte como a varzea requeimada
Do ardor do nuto sol sem flor sem relva
Arida feia — Mas o sol é vida

D. Branca

É a luz creadora do universo.
Mas ah nem tanta luz q cegue os olhos
Nem tanto sol q nos desgue o prado.
Razão q ei dálma o sol gera em n/alma
Dá-nos dia e clarão ao pensamto
Mas de teu carro ai ard.te Phaetonte
Vai moderar mãos não ponhas rédeas
Fogo q foi de luz será d'incendio
Fogo terrivel - e o calor de vida
Laborea volcanica - de morte.

II

Oh magas illusões oh contos lindos
Que em longas noites de long.os invernos
Nossos avós felizes entretinheis
Ao pé do amplo ar do crebo estallo
Da dalt.a castanha, e appetitoso
Cheiro do grosso lombo querechin volvendo
Periga Brechin sobre a brilhanza
Pimponices de armados cavalleiros
Capazes de brigar cô mundo ~~inteiro~~ em pêso

Malandrinies de Merlin barbudo
Trauessuras de Cupido dueniers
E vós fermosas mouras encantadas
Da monte de S. João ao pe da fonte
Cabeços trauados com pentes d'ouro fino
Descantadas penteando em ygo os cabellos
As espadas nabeiras roçando
Os luuros annoy de perlas toruados
Oh magas illusões q̃ não posso
Orar-vos em coá fé uia d'outra ide
Em que de bôca aberta e seu vespro
Sem pestanejo em ab d'olhos e ouvidos
No Castello escutaua a boa Brigida
Suas longas historias recontando
D'almas braues trepudas de feiticeiros
De feiticeiros de cante desentados
Ja pelos caminos fazendo vispere
Ja indo, as duzias, n'uma cana d'ouro
Andaua de pafeio n'uma noute
Ai se o gallo cantou q̃ á uella noute
Encantos quebrão & poder se acaba

D. Bruna

III.

Não gôsto de Terminsulfs nem de Teutates
E nem dos outros theogonicos prosapios
De rumia ascendencia. As alvas barbas
Do padre Ossian — Macpherson por nome
Tam prezado de douta Cesarotti
Tam validos favoritos do Alfieri coro.
Não me encantão a mim não me embellezão
Como aos outros cantores da Lamoda.
Que a nossos dores dimos transplantando
Esses gelos do norte esses brilhantes
Caramellos dos topes dos montanhas
Do sol do meio-dia dos raios virentes
Parvos! — se lhe derretem, a brancura
Perdem cõa nitidez e se convertem
Delundos chrystaes em agua chilra.
Embelde varia aventurosa
Pelos paizes da orbe — vária a Fada
Em seus formos gentis a arte gaiata

80

90

95

Vês essa dama de dourados trajos
Nas sempre-verdes arreladas margens
Do frigido Thamisa hospedeira?
Vês na minota face alva deneve
Transparecer-lhe ~~dores~~ atrozes? um supplicio
Concentrado no intimo do peito
Lhe cumea o coração: talvez a morte
Lhe cerceou dos gozos da existencia
A amada ou amante o único objecto.
Magoada mas sem lagrimas — afflicta
Nos seus ais convulsões que dor exprimem
Nos desespero no delirio dalma:
Que só seus prantos vem teus brios quer ouvem
Desjoante Pamico, seja auxiliar
Mano Guadalquivir ou fluvio Tybre.
Vês-lhe seus olhos côr do ceo resplendem
Mas como Deos resplende annuviado
Nesse vapor leve e raro — essa belleza

IV. D. Branca

Ene gbor ener cumpor, todo agoado
Harmonisso cón proprio natureza
Mau dí q inhabil nuũ tem. pariel pinte
Ene olhor negros vivazes reintilantes
E formosura austral dotasse cignos
Ene nestes labris onde treme a furto
Suffocado ofolupo — Ube depende
Desafogada ador empre mais acerto
Jemidos agudissimos suspiros
Que vão ferir os ceos com agonia
Que elles trenos Jamais q vão douro
Sem arte nuũ mor com dingelo Alisto
Vão na frente encontrados. Uns tinjão
D'a cor q' poz aurora nos cabellos
Cabellos dos donzelos portuguezes,
Elles feitos q' debrução pouca dalma
(Que a alma nos pairei regelados
Jaz no coração não nem és pacer)
Esprimisse com arte monstruosa

95

100

105

110

115

vigesimo C. III

Ai paisoēs cujo fogo em vs almas
E labareda qui sutilla exhalla
Essa chamma abrazadora dos cruelheos
Mas nos regiões donde e lento fogo
Que consumindo é vista arde consume
Sem chamma ja não brilha mas intenso
Occulto lavra, e no inferno devora.

A este meu quadro credite Pisones
Semelha aparte mayorme dos quadros
Que afroalhão Porhi trovistes mores
Vejo feim dalados de consoantes
Que não emaijão cavallar percaso
Em humanidade, nos caveira
Burrical orelhuda em corpo d'homem

V.

Ecco em Critico em poeta humilde
Cujo ignorado nome ei sobtudo dorme
Do nada protector emfim me alvigo
Que não tenho não quero não procuro
Nem Mecenas aque dedicar odes

D. Bronna

Nem Augustos deixem perdurar tenta
A dor preceito vem! — Perdão vos peço
Thesoureador habitei desse monte
Onde cobrio Pegaso irmão d'armas
(Armas terriveis e joyas tam mestras.)
Pela divina veia andei pastando
E á falsa fonte iões beber com elle
Perdoae-me e eu volto a cornea fronte
E o cavallo raio emmais compa
E dor loo tosto
Quadrupede d'aviso em paz no Pindo
Em paz e ájmorros e assim vai ouvido.

VI.

Vivão ájs Musas, dem emmanta vivão
Nossos lindos feições nossa ingenhosa
Mythologia nacional e propria
Tome em fim o logar ej lhe usurpárão
Na lustrosa antiga poesia
Por gregos deuses e espectros atrevidos
De seus vivos feições de singenios
Natural formosura despojada.

E com portios empretalhos galhos
Arreada sem primor ria sem arte
Como a innocente virgem dos Floresta
Lhe as lindas tranças de grinalda simples
Da meza queta selvagem adornava
Bella tam bella como a luz q̃ nasce
Alva no arraiar d'hum puro dia
Do floreo abril — se habitador ociosa
De concepta cidade em tal bravura
De singeleza foz moda de vicio
E ma ensolva cõchalita pertifera
Este Cyrio q̃ foi gloria do prado
Entã brocados entã ramos d'ouro
Bordados telhos Cortezãos donaire
Pelo perdê ornato da escita
Se exporão — preco vil — de lhe dar nojo.
Mas ah! sob essa fronte os não affeitos
Alembros de quintão, e nos Jaez pallidos
Aos brigue importos não Jeppre a rosa
Nem os diamtes que na frente brilhão

Empresta luz aos olhos que amortecem.

VII

Mas se ha paiz se ha clima onde pareçam
As illusões amorosa Prisca id
Reaes nascer da propria natureza á
E cá verdes unir-se tam estreitas
Que as não distinguirá — teus verdes bosques
Teus palmares teus areaes desertos
Teus rocios altos teus fós areios
A quem além de monte e rio e pego
Dechristalina agua mandarinhos
Até Algarve o Jão: te não cantaes
Teque de nossos vates, em meus versos
Não insensiveis ás bellezas tuas
Verás se ti um brado erguer-se á fama

VIII

No mar q̃ Europa d'Africa divide
Entra, como a explorar o seio ás ondas
O Sapeo promontorio que de Sagres
Tem hoje o nome — Na moderna historia
Dos povos do Universo porventura
Não ha hi ponto no orbe, q̃ assim lembre
Tanto feito de gloria & de heroismo;
Nem ha padrão erguido p' mãos d'homens
D'alto custo e labor q̃ outro recorde
Epocha tal aos seculos, & ides.
D'alli Henrique aos astros perguntava
Da eternidade a estrada, e novos mundos
Novos climas Deos lhe apparelhão.
D'alli os curvos lenhos desprendêrão
Primeiro o vôo audaz a ignotos mares;
Alli o berço foi da lusa gloria:
Para lo hoje sepulchro! morredouro.

D. Bruna

Della deffunta gloria. Rumor triste
Ebrandor pardeiros — Oh vergonha! —
São as torres d'Henrique. — Affasta os olhos
Viandel não vejão esse opprobrio
Desta nação primeira do universo.
Da nação q apprimeira foi douguia
Em grandezas ~~e~~ outrora hoje... Oh miseria!

— IX —

Dahi se estende ao longe pelo corte
Fertil ~~planicie~~ porém inculto agreste plâno.
Jamais pelo boi guiou arador
Do conduzir charrua e grave liga
Portam bravia terra — Crêsta e inteira
Guarda da creação a virgindade
Nos seu aspeito não ario, e brute
Não selvagem parece — Alli não morre
Lavra cardo nem spinho ou çarça
Nem coroada de abrolhos crueados
Como em dominio seu sobre a calçada
Amorellado velon se dirija

205 225 211 230 215 23 220

Secca esterilid' passeiando:—
De viço e frescura verdeja o prado
E aqui e alli ~~brotão~~ rosmaninho
Dorecendo amarga ao marinho
Do alecrim flôres azul seu doce aroma
E a brisa do mar na terra exhalão.
Formosos páes cobertos de verdura
Outeiros de palmeiras coroados
Montes ao longe alvos areaes a um lado
Onde o provido indecto accumbiam
Frag.os d'alte & fôrça da natura
A sacarina flor no botão pura
E ás carregados arvores augmenta
O dulcissimo pêso — La n'um alto
Entre arvores esbelto e copado
Entre gigantes palmas, dobradiças
Olaios que os floridos ramos curvão
Demaidos, qual dama delicada
Os lindos braços n'um demais languir

80 ceratonia filiqua D. Brouns

De nimoia densa, sopra cylomorfo 240
A Có'a laranjeira que matiza os homes
Dóuro coà argentea flor, entre este lupo
De velejo e fraganeia, meio vista
Meio emmersa da grangeia espessa
Maravilhosa fabrica de ergueia 245
De palacio onde qte o rio orienta
Tem de pedras e brilho resplandece
Ligeira e leve é' afórma quasi aerio
Paio o crêrias de fada namorada
Que o ergueu. Com tal arte mysteriosa 250
Vêmas ... erosão ... mmemp^te tonia
De gentil cavalleiro que ha roubado
A amores de primeiros. — Bom sírvio
Deu centeio observára a architectura
Desse estranho edifício o alumno rigido 255
Da antiguidade classica: nem Jonio
Nem Dorio nem ithalio nem rustico
De nenhumas ordem é' menos theorico
Os gothicos florões os recortados

E o grave da Lapania rudera
Não lhe demudava o [illegible] Volney
Nem lhe [illegible] Chateaubriand
Nem lhe famoso Jouy Courier
Della dor scientifico interesse
Por indio, indoctos mogol ou persa
Nada disse é todavia é bella
Cuja belleza a sabios mestres d'arte
Doutores antiquarios dilettante
Virtuosi, amateurs & professores.
Sobre elle os duros belleos phalanges
Sua ira na arena litteraria brigão pugnão
E — mercê a benefica censura —
Aos grasnantes jornaes dão tregua eterna
Para encher as politicas lamurias.
Ha se vê que de classicos romanticos
Guelphos dos leitores gibelinos d'arte
Fallar intento. Para seja comella
Assim como cos outros disputa
Deste disputa & essencia
Inquieto mundo donde todos ralhão
E ninguem tem razão. — Eu só quizera
Jogar as cartas a esta gente toda

D. Branca

Liberaes & fieis ultor, e cultor
Tory's & Wighs, trotkas & corcundas
Venha o diabo á enxotta e leve-os todos
Para mim só desejo a par d'espirito
A consciencia limpa & as fraguas teus
Ganhos com meu honrado. Esta ventura
Foro eu, mercê de D. Deos d'ingratos
Que o meu sangue q' é' p' q' eu m'veia
Como rio p' correr me almejaria
Que se vertião de arraiaes galos
Quando em gemia em dó, & que trajavão
Seos esquipes de luto em sangue volto
Eu jazia na cinza, e no nutria
De vida eternada vida o pão d'cinza
Amassado cós lagrimas dos olhos!
Para mim esquecei q.to eu desejo
E á minha patria! Oh deem lhe os ceos ventura
Deem-lhe razoada & sancta liberdade
Que não phantasma de sonho de philosophos
Mas verdadeira & leal forma descance
Na lei de Deos, paes, e nos costumes

Antigos, veneradores, com q outrora
Do nome Portuguez se enchen o mundo. — 305

XI.

E a minha historia & o meu lindo palacio?
Mal dittas reflexões! torno ao meu conto
E quem quizer achar amargurita,
Como o pinta da fabula, esgravate.
Era pois o tal paço o mais formoso 310
Que se viu nunca: em pedras preciosas
Todo enxaquez, todo relusente
D'ouro e diamantes. — Ulria uma grade
Tambem d'ouro macisso as portas fecha
E o largo & os jardins — velão á entrada 315
Dous enormes leões q noute & dia
Soltos a guardão, nem se offerta
Mortal nenhum ao horrivel.
Certo é porém que ás vezes fatigados
Os leões adormecem, mas quem sabe 320
Quando elles dormem. Muitos outros tempos

D. Brianda

Vendo-os d'olhos fixados e atrevidos
A entrar a porta & devorados forão
Pelos terriveis ferros num momento
Que dormidos os crêem. — Encantado
Este paço & os leões de encanto
Os olhos a Gregoláo q. dormem
Quem o soubera. — Um só naquelle tempo
Sabia este segredo encantado
Do Algarve d'Aquem mar era o rei joven
O bello Aben Afan. Rumor havia
Entre o povo que um dia andando á caça
Só estes formosos paços deparára
E ou fosse dia ou certo conhecesse
Quando os leões dormião, penetrára
Sem p'rigo algum pelos jardins defesos
E de condição, q. é, ousado, e cauto
De aventuras correr, entrára ardido
No palacio & nos salos marchetados
Que diram todos ser de pedras finas
E brilhantes relampos d'ouro escuro

XIII C. III

Do que elle lo passou ninguem o sabe
Mas sabe-o porêm o que sette dias
E sette noites demoron nos paços
E o setimo volveu triste e pensoso
Pallido, melancholico, ~~esmorecido~~ fallando
e tmido Só. — Por vezes quando em sonhos
Ou quando solitario passeando
E o alvaçar nos eirados alta noite
Ou no alvor da manhan, ignotos nomes
Murmura estremecendo, e ora em batalhas
Ora em reinos victorias & conquistas
Discorre e com o alfanje denudado
Meio mundo ameaça, ora affinando
O mourisco alaude em fundos
Regrebros namorados que ipos solta
Lonque parece dar allivio amigos
Que em segredo no intimo o devorão.

XIV

Desde então o terrivel inimigo
Dos Portuguezes ora em guerra crua

D. Brouma

Afogo ferro & sangue os degue & amorte
Entra p.ª & terra, e leva a morte
O pranto & confusão & toda a p.te
Ora sem causa & subito procura
Quan do vemido imigo a paz implora
E em oio vergonhoso inteiro luor
Pasa como embebo nos sobrios
Vagos ideos que lhe pesão n'alma

XV

Quan vai á pesar segunda Egypa
O circulo lunar desde que o mestre
De Santiago ard.e cavalleiro.
E o mais valente portuguez q a espada
Jamais ceroou com mahometano alfange
Pelos terros do Algarve se affoitára
Em correrios com seu nobre fraires
Fomos de leu

365

375

E Aben Afan com pouca resistª
Logo indiffºrente or vê Pastor seus campos
Tomar seus villos, e arvorar a ropa
Cruz da espada nos torres & castellos
E de seu preito faz. A guerra trava
E mais e mais com furia entre os de Christo
E o mesquinhos: E se el rei não vaes.
[illegible]
mas o rei mouro
Da antiga Sylves ao dourado alcaçer
Só pensativo triste dia passa.

XVII.

E' noute, é noute escuro, e o ceo tam negro
Que nem estrella tem: abre-te, porta
Porta d'Arroia aos teus fr. — segundo
Ei-los vem destes fortes cavalleiros
Os mais feeis e os mais intimos delle
Costumados da vida a companhia
Em lo aventuros. Onde, aonde,
Rei do Algarve onde vais assim montado
Notem corcel querido cujos pretos

D. Bronna

Clinos se entretinão com listões de purpura
Vide assim vaés detem fieis cercado
Estaes deshoras? surprender o inimigo
Em cilada ardilosa? ó dor louvem
Affiliado cortello mal defeza
Ou com surpreza em gulpe em voz a entrar mantenos,
Dos christãos, arabicos coa raça impia
Do inimigo do crescente?
Quem sabe aonde! Um veo impenetravel
Do mysterioso principe os designios
Encubre a todos. Ja correu metade
A lua de seu giro, e ninguem sabe
De Abou-Afan; nos contra os portuguezes
Não foi elle, q' os leva mahometanos
Diante dos a espada vacillante
De Santiago seu fulgor perdêsse
E o mestre da victoria precedo
Ja de Tavira os portos se apprezenta.

XVII

Mas q' phalange é esta de guerreiros
Que vão longo do mar nos corcéis feridos
Correndo á brida sôlta? Um q' se eleva
Sôbre outros qual se ergueu no deserto
A palmeira coroada sôbre agreste
Que á raiz lhe vejeta, e que mantado
N'um formoso andaluz da côr da noite
A comitiva bellica precede
Quem é elle? Quem é essa bella
Que d'arção leva e que justeu nos braços
Donde alcia, donde a troz roubada?
Mas no gesto
Mas nos olhos da bella não se lê
O despero cruel: ella nivea ~~fronte~~ frente
Posa no seio do gentil guerreiro
E seus olhos do puro azul da esphera
Volve de quando em quando os olhos negros
Dos q' alcia nos braços - Não afflicto
Não é convulso o olhar mas triste e languido
Parece de amor ou magoa lembrarem

90 Quem poderá saber? — Já pelo oriente
O rosto abrilhantar todo se estava
Ardendo em saber, a doirado grade
Seus longos veeis
Alvos de neve, sua touca airosa
Como de christan virgem desposada
Sobre altares parecem, mas na frente
Dos que olhem reluz de amaum lua
No enroxado turbil — Já do oriente
Onde o brilhante paço se divisa
A curro de Jobem: a' doura grade
Se approximou: abriu-se de luz mesma
Como encantada q' é: os leões fulvos
A juba sacudindo franca entrada
Ao guerra gentil (a' bella deidade.
Mas q.do os outros ao Senhor ved.
Passo de se approximar, as portas despedaçadas
E' hi terrivel frazor, os leões rugem
E os coreis espantados arrancado

4 35 40 45

De horror as crinas voltão e seu fogia
Seu governo com furia portem vocé.
E seu pulverosa nuvem desparecem.

XVIII

Agora o culto mão tomou as redeas
Do fouroso ginete & deu ás pastas
Cavallarias que reluzem d'ouro
Todo mais rico dos pulla regios
Empaços denominados opulentos.
Agora dando a mão á bella dama
O cavalleiro Jabe os despojos lindos
Escudos de diamantes que perfumão
Mais leues flores do q̃ alinda rosa
Mais frost q̃ odeo precioso
Do rouxinol do Thibet agora entoando
Por galleria longa, tues prodigios.
Taes maravilhas q̃ ve seus olhos vio
Q̃ todos ouvião m/ versos descrevelos
Mas do cabo de solido carbunculo
Espada porta jaz lê se em cerabigo

D. Branca

No Lamnor gravado este Letreiro.
Aorei sem reino e á espoza sem marido
Meu Afan aqui jaz oteu foi
Penta uma vez ariásia antes de entrares.

Jerem no olhar do guerreiro os letros
Fatidicos, e dauão que ora apertaua
A delicada mão da linda dama
Largou-a & frouxo abeu, mudo & de roth
No chão parece meditar profundo
E empenou ideia concentrado.

XVI

"Sim, resolvi" clamou, e mão de Abelha
De novo tomou ao coraçaõ a leva
E resolvi, ~~resolte~~ clamou, penai-se tudo
Oh tudo tudo & seja Bla minha
Morri-se aporta eo jovem por é dentro.

Fim do canto 3.º

Em 23 7bro

Canto Quarto

I

Torravão rios seos o assoprente;
Na avelludado perrio tapete
Brando sellia o pé. Cassoulos dáuro
Exhalão os arabios perfumes;
Em vasos de alabastro transparentes
Cercão raros matizados flores
Tibia luz temperada p.ª amantes
Sonos a alluvia d'alva reale ao encanto
Delam mago deleite q̄ hi respira.
Como um throno d'amor jazia ameudado
Fofo sophá, que a placido reposo
(Se não á dor agitação!) convida.
Entrava nesta est.ª o cavalleiro
Com a fermosa dama: elle inflamado
De quanto amor q.to desejo accende
O Deos d'amor em joven peito
Ella — como levada de um feitiço

Aque não pode resistir não vale.

II

III

Convidava o Sopha infesta a fadiga
E a bella reclinou-se — não deitada,
Não assentada, mas nessa indivisivel
E dubia posição que toda é graça,
Desalinho requebro, encanto d'alma
E talisman de labrios sympiros.
O L.' suspirou, suspira o cavalleiro
Que a seus pes jaz, que as mãos lhe aperta
E que logo beija com ardentes labios
Por onde alma um delirio se evapora.
Ella tambem — ella tambem suspira
Seus olhos azues alveja a lagrima
Perolas do languido deliquio
Emquanto adormece a virg.e — e expira
Como expira innocente passarinho
Vasa errando a languida cabeça.
Dos olhos do mancebo fuzilava
O raio do prazer, vivos faiscos

96 Saltavão a atear ~~a~~ a chamma ardé
No altar, e ao sacrifº se prepara.

III

Grandes dobella tal profusão
Estampão ~~estampado~~ em tão delicado annelo
Aqui, e ali em ~~tella~~ tella d'ouro
Joanico tam lindo corpo tam perfeito
Encubrirão jamais? Uma cruz pende-lhe
Entre o seio que tremulo palpita
Uma cruz, e faz ella a delle
Não vejo eu reluzir mourisca lua
No turbante que envolve a bella frente
De teu ledo amador? — Ah! ah fraqueza
Falta-lhe a vista misera sentidos,
Que não vê mais, e amor ~~m~~ ardente!

IV

Não fallarão os olhos, não: as palavras
E as linguagens dos homens são mesquinhas
São pobres de expressões p.ª alma inteira
Rompe ao coração, e acode aos labios

Não fallavão, mas diz tudo o Silencio
Diz mais que as fallas; mudos se percebem
Mudos se entendem mudos se respondem
Nem tem mor elog. a natureza
Que a mudez, que o Silencio dos amantes.

V.

Porêm rompeu-se alfim; uma voz doce
Langida como a frente da saposula
Que pende o ardor do Sol, meiga e suave
Como o sussurro d'aura matutina
Entre as flores do orvalho recendidas
Uma voz disse: "Oh tem de mim piedade
"Oh! não abuses da fraqueza minha.
"Sei que te amo, confesso é impossivel
"Odiar-te não te amar; mas meu amor é crime
"Mas ésta cruz — E a cruz chegou aos labios
E os labios não ousarão desbeija-la —
Oh se ao menos lograsse tu a adorares
Se convertido á fé commigo eterna

Cº 4

Penitencia fizesses deste crime
Que ambos — ai de mim! ambos comettemos!
Oh perdoarme o pé S. Bernardo
E não pudera ser crime tamanho
O que ganhane uma alma como atua
Para a fé verdadeira. "

Um ai profundo
Do mais intimo peito lhe responde
E estas vozes o seguem. — "Que diente
O filha dos Christãos q me has prostato
Eu que tudo perdi pº ol camarte
Que abandonei pº ti pº homens prezão
Quanto pº valioso tem o mundo
Inda exiges de mim mais sacrifº
Desertar o meu culto dos meus altares
Renegar o meu Deus! "

— "Seu Dº é falso.

— "Falso o meu Dº dos teu é verdº
Quantos deuses ha pois na Natureza

Eu adoro o q̃ fez este universo
O que nos ares suspendeu magnifico
Esse orbe de luz q̃ nos cobrio
Que prouê nos areios do deserto
O orvalho o seguinte vindo
Que tanto accende o sol derrama a chuva
Para os cedros que crescem sôbre o Libano
Como p.ª a rasteira humilde grama
Que vegeta —
O d'aquelles que no teu rosto
Pôz o traslado da belleza ethérea
Este este é' omem d'. e falso é' elle.? ||

VI.

Os theologos sabem mil respostas
Para sophismas taes, porêm aos olhos
Do ignorante são verd.es puros
Que a sua ~~debil~~ pobre fé debil não ousa
Nem sabe combater. callou-se a bella
Mas suspirou, & com profunda magoa
Lhe pendeo o gesto sobre o nivio seio
E nos formosos mãos formoso o ecco

As lagrimas q' os olhos lhe arrasavão
Por entre os roseos dedos derrifando
A gotta egotta cahem sorrateiras
E debulhada em pranto assim parece
A viva lyria do prado em cujo calix
Chora a aurora ao despontar do dia.

VII

"Oh! como te amei eu? como ha nascido
"Este amor no meu seio? de paradas
"Por este abysmo que entre nos cavárão
"Todas do ceo & terra as potestades
"Quem nos unio assim? que força?....
— "A minha
Disse uma voz solemne e retumbante
Que estremeceu nos timidos ouvidos
Da donzella christan como estremece
O som do bronze condutor da morte
Na orelha do pastor q' o seu rebanho
Pace longe do campo das batalhas.

E encorda ao estampido inesperado
Este os echos do monte lhe repetem

"Unii-vos meu poder! a voz dizia
"A quem submisso os destinos cedem
"E obedece a propria natureza."

VIII.

Mais vivo aroma os vazos recendêa
Animou-se nas flores côr mais bella
E uma longinqua musica suave
Se ouvia com harmonia tam aerea,
Tam doce e arrobador de deleite
Que aos dous amantes absorta
Alarga pelo peito de escuta-la.
Apparece sinou-se ponto d'ponto a magia
Melodia suavissima, uma nuvem
Opaca d'incenso todo o apparato
Dit musica cessou silencio e'stupor
E este sonoro canticos celebravão
Mas doce este sonoros hymnos se ouvem
Ao sonoro som d'angelicas harpas.

I Coro.

Desabrocha alvo flor linda murta
Desabrocha que amor te beija
Ja tua folha ~~viçosa~~ lustrosa verdeja
Ja vermelhas botões vem a abrir
Mas no loiro onde o sangue negrejo
Salpicado dos golpes da espada
Segue a folha definhe esmorecida
Foi a gloria vencida d'amor

II

Filha filha do sangue real
Real é teu amante não chores
Rosa branca flor de Portugal
Brilha filha do Algarve entre as flores
Apressae-vos q o tempo não corria
Foge a vida, hor a hor do vento
Chega a noite de mai fria loira
Tudo acaba n'este momento

III

Bemfadado, malfadado
O mancebo d'Rodonzello
Que pescava sanhoga
D'Santiago de Compostella
Fugir do dia d'Ziago
E do frade de loredo
Mais fugir dos orvalhos
Da noute de S. João
Que se quebra o encantamento
Ao pino da meia noute
Ao cantar do gallo preto
Se acaba o encantamento
Bemfadado [illegible]

IX

Ah derradeira nota deste canto
Se adelgaçava e punha e punha a mente
Se que vara de todo se dissolve
E um resplendor de luz na etª brilha
Que mais q̃ humana coisa se amortece.
Alador genio & ligeiros fados
Ethem corrijo um compassado clarim
E uma que parece alta rainha
De todo o imperio dolar. Trombeta longa
De transparente azul celeste envolve
Metal e cada fórmos que revela
Em parte; e qtª da bello no universo
E' menos bello que estas bellas fórmas.
Alvo de neve um cinto dá realce
Ao torneio do corpo & á côr da veste
Sua estatura mais q̃ humana l'erge
Em gentil proporção. Fóra especiosa
Em belª da terra, mas divinamente

Canto 4º

O sobrenatural deixa-o belo
Que de cumes altos regiões descende.
Flexivel curta vara tem na destra
E uma simples diadema d'alvas petalas
Lhe cinge a fronte — o rosto — oh q.m lho houvesse
Nenhum olho mortal — um véo espesso
Um véo que não erguem mãos d'homem vivo
Nem crystaes jamais lhe cobre o rosto
Era Alida a formosa filha Alida
A rainha dos genios, & a Senhora
Destes paços magnificos. Num extasi
De pasmo & admiração. era a donzella
E o facto assim fallam —
Tudo perdêra
Só de Agar na terra tudo tudo
Mas se lhe basta amor um só thesoiro
Desde o dia em q.m firmou na tua mesma
As venturas d'amor & as da fortuna

Tua livre eleição tenho aguardado.
E fiel á promessa que te hei feito
A cumprirei a risca — Rei do Algarve
Sedisse eu, quando a este meu Palacio
Te conduzia o fado — tu procuras
Aventuro na terra: eu ta promette.
Mas tem limites meu poder na sorte
E' forçoso escolher: no Orbe que habitas
Felicid. inteira os fados negão.
Toma estes dous ramos encantados
Com magica palavra, guarda-os sempre
Nelles de teu futuro jura a sorte
E'ora to dou E em tuas mãos o ponho.
De louro é um colhido a luz escassa
Do crepusculo pallido do monte
Coa mão direita E salgueiro á arvore
De sangue d'homem morto na batalha
De murta é outro ao pino do meio dia
Em dia de S. João ao luar colhido
Rocio do orvalho, e tão formoso

Lagrimas. de donzellas. corrijão
Per vezes tres com tres suspiros d'alma
Em cada huma dos tres. — cbotados
Anbos estão e em vão, mas as flores
Só as verás desabrochar n'hum delles
Quando no outro esmorde desseguido
Folha & botão cahir. Volve aeste passo
Então que o teu destino esta cumprido
E o encanto quebrado — Assim te em deje
Fa d'Agor — voltaste pois — os ramos
Do teu fado onde estão qual delles têm
Qual florir me trazes? ++

De seu peito
Tira dous ramos o gentil mancebo
De'um gesto de alegre sobressalto
"Florece a murta (diz) & Brama é minha

XI

"E sada lhe tornou: Florece a murta
"Florece a murta fiel, e Brama é sua

Mas sêna o louro thema é extincta
O teu throno cahio, e sua teu reino
A tua raia é proscripta os teus altares
Fulmina o raio — vence um Deus outro Deus
Vence o dos Christãos. Ah! Lá fumando
Immundices afoga, e pelo Ponto bella
Do principe delfinge esmorecido
Descomposta — a pôr vergonha o córo
Com voraz fezão sua alma ancia.

Já no formosa coma de louro bella
Que estatua esta scena contemplava
Os olhos Deva, e todo o amor despeita
Nessa vista se expande se agita
Agitação de espirito lhe acalma
Ele pois enolhi — clamou Roma
A união dos irmãos, ouem Deos é este
Estrellinha ventura, minha gloria
Oh meste coração reine em socego
O throno dos Califas vos subjugo

Aqui o sceptro d'Omar. naquelle preito
Empere eu só co imperio do universo
Disputem entre ti os reis da terra.

Alyze
Reinos imperos. Brama é tua adoro te
Eu no teu coraçaõ faz tua imagem
E a teus olhos rendi seu virgem preito
No momento em q avite. Brama é tua
E só a perdeis se deslumbrado
Teu florecido ramo aboindonares
E o deis rei Senor. — Isto não posso
Fazer ta o meu poder. o mesmo é este
E o encanto que em fez quebrar não posso.
Filha do rei christaõ este é teu paço
Eu vo-lo cedo em tal venturoso
Nenhum olho mortal póde este alcaçar
D'ora avante avistar — nem homem pisar
Vivo sua terra penetrar seus muros
De toda a dor gozar tranquilo

Co 4º

As delicias d'amor. O vosso minimo
Desejo no meu seio enfim oformoseo
Vereis cumprido. Dae vedes folgueis
A imaginação - rigueza - fulgor
Adornos Ornamentos - e tenebre
As entranhas da terra, q. augmentos
Tem no fundo dos mares sepultos
Tudo aonde vos terá no proximo instantes
Que o desejardes - Porêm ai se ouvirmos
Da murta defunctos ai se o desejo
Se pode ver florido o seu louro
Ai ai debi fo de Agar não pode
Valer te ouvir poder. — Nestas palavras
Foz leve aceno à cabeça subito
A formosa viseo. dei as costas

XII

Ficarão Sós os dous amantes. - Cheia
De espanto ainda & admiração o olhar
Pa o seu redondo a linda Braga

Com olhos onde toda se lhe pinta
A confusão do espirito. "Explica-me
Lhe disse assim- "explica-me este enigma
"Esta visão & os mysteriosos ditos
"Desfaz, & as prophecias q te hapeito
"De teu perdº reino .. Porq naõ
"Me conheces te, como e este mysterio
"Por mais occulto o tenho, como póde
"Assim meu coração ao teu render-se
"Como entre si almas q nascidos
"Foram p.ª odiar-se & aborrecer-se
"Tam forte amor travou. Senhor tam Doce?

A o dizer isto os olhos derretia
Da namorada virgem o deliquio
De apaixonado amor arvore de neve
Sôbre a gentil cabeça não punha do amado
Langidamente a face lhe pendia
Sôbre o agitado seio, & em desmaio

col 4

Suspiro ſlluſurro a flor dos labios
Como quando nos ayres crystallinos
A viração dalaro branda esmorece
A lisa superficie. Vão cahia
No peito a Alem-afan tão grossa enthente
De delicias de gôzo, accumulado
No coração tanto prazer dobrava-lhe
As pulsações incertas & apressadas.
Da formosa Senhora tomou nos seus
As delicadas mãos & convulsivo
Lhas aperta, accrea beijos as devorão
Hoão dor mãos ás faces — & dos peres —
Descem — ate seio não que a virgem bella
Do lasciv deliquio o peso accorda
Eao atrevido Numen não consente
Ainda comer ouvio desse Sepulcro
Sacrario de pudor & formosura.

XIII

Cedeu o amante o amante aos rogos da mocidade

E é tão grato ceder quando a certeza
Da victoria de perto nos acena!
Cedeu: poucos momentos que tardão
O gôso do prazer mais vivo tornão.
Contou-lhe então como perdo um dia
Na caça separára Leste d'Alaçar
Da sua Alida & entanto que ousasse
Oppôr-se-lhe os leões que a porta guardão
Que os jardins encantados defendião.
Via os brilhantes paços e admirando
Uma a uma tantas maravilhas
Longo tempo estivera, te q' afadas
Lhe apparecera tal como hoje avia
Dos dous mysterios ramos lhe entregara
Onde encerrado estava o seu destino.

XIV.

"Entrei, disse elle, entrei cheio de esperança
Pelas vozes que alegre me acolhia

Diante de mim como horisonte puro
Sem nuvens, sem negrume: em breve attestou
Subidamente passados: é o diadema
Tam pesado!- na fronte descuidosa
Não me atavam ǧ a minha alma livre
De paixões se esprimia toda a força
Pelo rosto da epistola não finda
Das tempestades que no peito humano
Alevantão desejos pensamentos
Cubiças, ambições.- Oh meus fadados
Ramos todos os dias contemplados
E verdes sempre mas sem flor ou viço.
Começou a enfadar.- no cêo incerteza
Este vago terror de meu destino.
E solitario só no meu albergue
Dias nouites passei. Suas interios
Suspiros sem cessar detristeza
Melancholia & quasi aborrecido
Da vida que estava cheia de prazeres

Col.º

Se me antolhavi ~~Ty~~ Ora tan incipida
Me apparecen. — Travrão-nesta a guerra
Entre os christãos & os meus. nossas fronteiras
Paulino telli, entrou o mestre
De Santiago e horrido theatro
Se fizerão de guerra sanguinarios
Que não desafiamos. Soi vós outros
Portuguezes imigos do descanço
Dos deleites da paz, vivei no fogo
Das batalhas como vive
No fogo o salamandra. Accudi prestes
Ao reclamo da guerra, e onde alcança
Saber-se oi tem de córta na armada
De christãos cavalleiros: vencidos
Vacillou a fortuna entre o estandº
Da roxa cruz ~~entre~~ ardorosos seus
D. Payo guerreira nos campos
Victorias nos villas preced.º
Da victoria, porem a marcha rapida

E tropeçou na altura da conquista
Luctou faute & blana & lhe abria
Cóc exemplo destrei cobriro animo
Os povos, e a antiga independ.
O Algarve sustentou. Dez tercos
Rechaçado o inimigo me ocupava
Em guarnecer os praços de
Obstar edificar, e preparar-me
Contra nova invasão q encerta a tuba
Dos bellicosos animos
Detem cinquenta.

XVI.

Uma noute prostrado de fadiga
Adormeci; era ventosa a noute
De outono & os soltos seccos & vãos
Sobre a terra estendia, & os seus agouros
Dos desapiedados ventos me embalavão
Num somno mal tranquillo, mas pesado
De quebranto & lassidão. Dormia

Cl 4º

Dormiaes nos ermos ermos ouvido
Dos furacões Horror do tempestuoso
De meus furtivos todos lê despertar
O bruido que velava os reflexos
E'a hum como rugidos de serpentes
Sybilos de Dragões bramidos de tigres
Lamentos de demonios malfazejos
Degerados mares - descompassados vozes
De mortos resurgidos n'hum arrojo
E em bonançosa d'horror sobre um sepulcro
Embriagando-se em sangue de inocentes
Dáes! se talvez for que no berço
Desacerto de morte o trovão subito.

XVII.

O coração respeito comprimido
Me anniquila afflicto Horrorosa amargurado
Sobre elle me pesam como abarca
Defeitos sobre opeito ao criminoso

Não era Sonho este era um estado
Indefinivel; mas não durou muito,
Nem a durar, lhe resistira a vida,
Eu ~~era~~ senti correr-me um balsamo suave
Pelas veias E o sangue dilatar-se
Brandamente p'r ellas. — Sólto E leve
O coração senti, E a phantasia
Se descubrio da cerração medonha
Que a cegueira. — Leves, leves fórmas
Diaphanas ligeiras como os ares
Me giraram n'um quadro transparente
De incerta côr, nem bello nem tam bruto
Tam delirio como prema aurora
D'uma manhan d'Abril. Vagos E fracos
As fórmas eram; logo mais sensiveis
Se elevárão pouco E pouco augmentão
E um paraiso um ceo d'ante mim era:
Oh! como descrever-te um ceo de gloria

Um diaphano azul de estrellas bellas
Marchetado, mil anjos d'azas bramas
De estrella em estrella alegres revoavão
Lyrios d'alvura Açucenas espalhavão
Rosas celestes & boninos do Edem
Pelo ar em alto aroma de fragancia
Uma virgem trajando simples roupas
Ella em pureza & candura resplendia
Uma virgem no meio destes cantos
Apparecer ali como a aurora
Deste paraiso como adorino
A quem os anjos todos se prostravão
E sobre q.m elles lyrios & boninos
Com amor ~~e em triunfo~~ despargião.

XVIII.

Sentia-me arrobar-se-me a alma
Ecoação voar-me como os anjos
Para a celeste virgem. De seu seio
Uma cruz resplend. lhe pendia

E esta cruz, esta cruz como inimiga
Talismam affastava da donzella
Meu coração q entre dôr forrejava
De assombrosa saudade e alta sonhadora.
Ella a virgem com olhos contemplativos
Punha em mim, e com sorriso parecia
Em S. divinos labios consolarme
Meu coração q já desanimava
Esperança bentas-lhe despertavam. — Mas afouza
Do talismam vermelha a cruz terrivel
Dardejava faiscas scintilantes
Como a espada de fogo q fulminando
Nas mãos do anjo q guarda o Eden defeso.

XX

Eu suspirava a angustia me opprimia
E em minha agitação de dia e noite
A celeste visão, o sonho. — Acordo
Acordo, mod metade de espectro

Vou amor ou em mim. — Fico no fonte
A mas vinha forçar da minha vida
Fico-me o coração fora da vigem
Correndo em balde. — Em balde exclamo em balde
Em vão a verei mais! — Vinha a armada
Alvorecendo entar no nosso oriente
Secreta inspiração não seique d'alma
Que sente sem a ajuda dos sentidos
Aparece no intimo do homem
Ser coisa alheia ou qualq' a humana?
Ah fez pensar nos encantados ramos
Brilhou diante de mim subita a esfinge
Como um clarão ferido. — Corro aella
— Observo-a — oh no bronco resequido
Se emmyrravão os folhos — nos narinas
Os botões como perolas douradas
Entumecem, de seleiro alvejavão.

E já n'alguns leve signal de alvorada
Se divisava, como em curvos praias
Sobre o fulvo dourado pintados conchas
Seu rio ennalte amedo derramando.

XXI

De alegria de súbito insensato
Meu campo deixei. - tendo se tornado
Ordens expressas dei - a Sylves tornar
Só no meu alcázar longo tempo
Medito, & mil projectos um sobre outro
Agual novo vago ayf mais louco formo
Sobre ouro sonho, o ramo, obediente
Que Alix me fadára. - Assim um dia
Levado d'um impulso repentino
Deixo a todos só, & confiando
A minha estrella o dirigir-me os passos
Rédea sôlto ao cavallo, e digo a estrada
Que elle de si tomou. Certo caminho
Foi dos fronteiros, correu noite & dia

Canto 4º

As margens do Guadiana, e pelos terros
Extrios d'Andaluzia, emfim chegamos.
A um valle formosissimo & assombrado
D'altos carvalhos: por ahi partião
Os limites da Beira Portugueza
Ahi parou: o sol no extremo occaso
Como n'um mar de luzes se affogava,
Mas no resto do ceo ja raras trevas
A tender-se começão. Voz e esporas
Emprego, não se move o corcel fixo
No solo qual se fôra bronzea estatua
Em pedestal de marmore encravado.
Longo tempo insisti; cerrado noute
Era ja, desmontei, e n'um rochedo
Vizinho me sentei, & ahi na mente
A estranheza da aventura todos fados
Entre mil pensamentos revolvia.

XXII.

Mas uma luz brumosa e leve e escassa
Por entre os ramos de viçosos platanos
Vão longe descubri. Certo é humana
Habitação será — approximei-me (190)
Não intenção de ser por ella notado
Gasalhado, & aguardar o desenlace
Do meu correr, ou em diversos trajes
A pé seguir a incerta Romaria
Do meu peregrinar mysterioso

XXIII

Choça; pequena ermida e solitaria
Estava entre o arvoredo: a luz falhia
Pelas frigas da porta mal fechada.
Entrei num Jaunto horror de meus sentidos
Se apoderou — Forravão todo o entre
Osso d'homem, caveiras, bramos lunas
Do tempo, outros ainda mal cubertos
A pedaços de pelle resequida

Co4º

De erriados cabellos. \\ Uma tumba
Negra jazia a um lado uma cruz torna
No chão cravada, d'esta cruz pendia
Lampada que a luz funebre esparzia
Nestes objectos funebres — Absorto
Contemplava o terrivel momento
Dos triumphos da morte, quando um grito
Com quasi extinto ouvi de voz fraca
Dizer — "Fadas trevas tu procura
A claridade — achala-has, mas guarda-te
Abrara a luz a mim.
Quem me falla.
Tornei em, quem aqui nesta gelada
Habitação de mortos me conhece
"
Um q ja no limiar da eternidade

Um moribundo. Segue o seu destino
Meu astro - outrora obedecido - eu
Or Espírito, todos e em poder era
Morrer-te - mor[illegible]te sinto a hora
Derradeira soar-me - expiro.. fecha-me
Os olhos - veste o meu burel - e entra
Nas terras portuguezas - lá... - A morte
O colheu - nunca sous balbuciou tido
Nenhum arrancou-lhe fugiu a vida

XXII

Combatido de varios pensamentos
Passei a noute junto do cadaver
Mas alfim decidido resoluto
A correr todo o meu destino até ao cabo
Accento-lhe o legado - disse eu, vista-lhe
O burel do Santão, avante á sorte
O primeiro crepusculo do dia
Ja entrava de turbas me cubria
Lapiz agudo a frente, um nome escripto

126 Cotto

Sobre um papel achei no seio do morto
Hugo. Lembrei-me então d'outro tempo
A um Hugo Ermitão salvara a vida

XXVI

As fronteiras passei — a pé caminho
De noute o meu corcel desapareceu
Sem perguntar cabrão, sem vereda
Seguir mais q.ª a do acaso, pelejo d'hoje em
Por vilas & logares q. eu passava
Os devotos aldeaos. O Rei Dº

Junto me achei no alvorecer do dia
A um mosteiro — Entoavão ~~dos~~ canticos
Vozes tam doces como vozes d'anjos
No alto dos montanhos celebrando
As grandezas d'Elle. Todo enlevado
No magno encantamento de ouvir vozes
Do templo estive á P.ta — franqueada
Não ousava, cavou-se na pedra.

Mas retinhão-me entretanto — Ao cabo
Dejle en Lue importão nomes? Dé omesmo
Christo & Mahometh forão prophetas
Mas. Dé omesmo Deus. — Entrei na igreja.

XXVI

Era em dia de cantigas, donzellas
Lue alternadas o cantico Solemne
~~Alternado~~ Entoavão. Sentia-me eu tomado
Da religiosa Santo magestade
Lue enchia o templo — Olhos reprimia
Com prazer innocente nestas virgens
Lue fé Dé remunerão á prazeres
A delicias da terra. Quando subito
Uma porta se abrio no fim do templo
Hum virgem Cardeal. Seu ar seu geito
A mostrava entre acentos a primeira
Entre elas parecia tão brilhante
Como em capella de jasmins a rosa
Ou como o lyrio n'hastea debruado
Sôbre o campo arrelvado de violetas

c. 40

XXVII

Deu-me rebate o coração no peito.
Era esta imagem aq' eu via em sonhos
Era esta propria - a minha cruz brilhava
Em seu peito, perdi razão, sentidos
Vim estar. de gôso indefenivel
Cahi como em deliquio. Longo espaço.
Decorri debuxos q' só no tempo
Acord. nas achei só. - Acabava
A cerimonia & as virgens retiravão - e
Sahi então e sube que o convento
Era Lorvão, e . . .

"Tu, interrompendo-o
Bocama lhe diz - "Tu eras o eremita
Que em nossa igreja ũa manhan entraste
E que tam enlevado, porem
No orgão?
Era eu mo. -

Oh D.ª e eu mesma
Longa devoção te contemplava
Tenra jovem eu dizia, e tam deixado
Do mundo jaz! — Mas tu ermitão eras?

XXVIII

Eu fim. — eu'stasiado em teu semblante
Ali perdi a razão & a vida.
Ali neste monte te comprimão
Os meus destinos todos. — O fado
Ramo Consulto. ~~Deste~~ florecia a myrta
Como alegre mancebo despreso andei.
Ceo claro é quebrado o meu encanto
Mas que fazer! — a sorte veio. ~~alem~~ propicia
Oh val me levára inerto passo
Era loucura minha alma se entranhava
Em pensamentos vagos em projectos
Mais vagos — um corcel vejo fiasco.

Embridado, & mourisca sella tinha
Era o m/fiel adur. chamei-o; corre.
A mim, Alegre, estende-se abaixo ameo
Salto contado como convidando-me
A monta-lo: lesitei; mas dirigido
Por occulto Poder não é meu fado!
Montei, partimos, tocou-me a outeiros
Não vi Alua, mas tem nome, o sitio
Onde te encontrarei em teu caminho
Para Castella, como libertarte
De teus brutaes deveres deveria
Tudo li n'uma tarja transparente
De jaspe - em lettras d'ouro. Outra vez parte
Cor mais fiel dos meus foi ~~atravessa-me~~ embuscar-me
N'uma escarpada rocha. & te esperamos
O resto sabes tu. Sabe-lo o Bouro
E ja o teu coração me ha perdoado

64
620
630
635

XXIX

Os laços da donzella desatarão
Como um feitiço desandados ventos
Em torno do valle dogentil mancebo
O prophetas se ouvirão cegos intentos
Emmendárão o Koran, & não vedárão
A um anjo tal do paraiso a entrada.

Fim do Canto Quarto.

8bro 12, 1824

Canto Quinto.

I

Tem o sino acompletou; era noute
Em Coimbra, o bramo sobre-vertem sobre
Manto cõ rosa cruz, sobre a armadura
Reluzente, em chão se ensaiavão
De Santiago os nobres cavalleiros.
As espadas, terror do mouro Algarve,
Depoz junto do altar, & vão devotos
Ante o Deos dos exercitos prostrar-se
Em humilde oração. Ha poucas horas
Guerreiros sobre o campo de batalha,
Agora silenciosos cenobitas,
Rezão em chão, cimanham, & sabe?,
Correrão aventuros namorados,
E nos braços de Lamyeida bela
Cumprirão o terceiro mandamento
Da muito nobre respeitavel ordem

Canto 5º

Da and.ª singular cavalleria

II.

Q. quem ve hoje na ponteada cana
Da aperalvada enguia caragueiha
Brilhar em cruz o symbolo d'homem
De patrotas mo & gloria q. pendêa
D'aureo collar em peitos d'aço fino
Peitos q. sem haver q. entre feloes
De lanças de azagaias se arrojarão
Quem agora hoje a cruz santa de Christo
Pendão de gloria q. guiou ao oriente
Vasco Alb.ª & Castro - Dorta esp.ª
De Magal. q. arvora as Quinas
Nos castellos do Algarve, prendendo
Os reaes leões q. traidores fardo
E os liberes da infamia & ingratidão
Quem desses nobre origem cogitando
Disera dedizer são cavalleiros
São portuguezes cavalleirosos.

C05.

III

Tremolava abandr de Santiago.
Nos muros de Caella que vendira
Aos nobres cavalleiros vencedôres
Mas Faviva resiste; & fatigados
Os de Christo & Calatrava forçam tregoas
E da continúa guérra respiração.
Já grão porte do Algarve fluctuára
As armas de D. Sancho Rodr. seu prezes
Favira a sorte, sylves a marítima
Firmes porem justentão portos
Ao mouro rei availlante crua
As principes então os mais famosos
Envolvêra & vigueiros então erão
Por todo o Algarve dos arídos Algarves

IV

Findára o choro, entoára dos Paços
Num freno eirado á [illegible] passeando

Cotº

Os cenobitas-campeões aguardo.
De batalhas Heroe fallão velho
De pisão Heroicos do bom tempo
Que foi, moço d'amor Heaforo
Daventuras! Honra q mau fazem
A ed. empre pouca oflor doirada
Ebolga o coração no peito álarga.
Sabei, disse D. Alvaro, Senhores
Que dous Julgões tenho eu q os mau prendeo
D'elrei de Leão não tem q ver comelles
Pena é q enteiros nossos não Lacaia
Com entreter do tempo destes treguas
Senão veriaes.
Grão desejo tenho
De ouver em - Men de valle Responda
Que os minhos ouves ategui antinhos
Emq pere a D. Alvaro, ou melhore,
Que lei vito em cid minha, mor pre
Com aves direi emquanto

Poi cavalleiros Joia Porgos é ouro
Mas desgôsto será. Sabeis em Auto
É a caça melhor de todo o Algarve
Mister é despejarmos o Lairia
Mas em paz vamos e tomai de impedir-nos
Não ouseará os monros, se ousarem
— Tanto peior grei pra perder fôra
Volveu á turma o jovem cavalleiro
Vamos e amandam-lhe - Fordão - o aconteve
E do que há concertado lhe dão parte

VI.

Com prud.ª D. Payo & bom aviso
Lhe ponderou da empresa os contratempos
Quanto ciosos erão de seus terros
Emulheres os mouros. Nem é isso
- Accrescentou Jurando o grave Payo -
Lhes quero eu mal, que ha hi formosos mouros
E ver taes cavall.os cortesmodos

Cap. 5.º

Não estão ellos — Ainda agradecêrão
O comprimento ao mestre, & logo lhe darão
Logo a sua ida lhe differão
De paz e guerra irião bem armados.
E assim no alvor do dia se partirão
Com as aves & armas cavalgando
Em andaluzes relinchões ginetes.

VII.

Seis erão os mancebos, mas tam guapos
Jam gentis cavalleiros não vestirão
Aço nem malha nos hispanos terros.
Nunca entrou de ferro arnez ou malha.
Co denodo & despejo desafio
Para quem prezo são delicia & brinco
Caminho vão direitos de Tavira.
Passão a ponte
.....
E ás frescas margens do ribeiro claro
Onde Anto jaz, alegres demandavão

Sua ave a soltar segui-lhe o voo
E acutilar-se em folguedos inocentes
Disputas joviaes, & outros singelos
Passatempos de alegre confiança.

VIII.

Mas o diabo que jamais não dorme
Quando vê gente nóva em bom convivio
E que não póde ver fazer dos seus
Em metter em camizas de onze varas
O diabo se deu aos diabos todos
De ver seis rapazetes tam bem postos
Tam galhardos & bellos de sua regra
Cumpridores seis & mais honestos
Que os mais honestos monges da Thebaida.
Vendo a fabrica é que o tal amigo
Lucifer, Belzebut, ~~Demonio~~ Satanaz elle
Demonio ou como quer q é s graça
Na minha terra as batas e designão

C'o Estevaõ. nome de Baetas
Nome aõnunca pude achar o furo
Da ethymologia, e desafio
O Abbade author do diccionario
Que traduzio - tintin - pretos Quebrados
Dêsse tamanhas voltas aomiôlo
Como ai eu dei pª encontrar com elle.
O diabo pois que entrou este é seu nome
Tanto fez q̃ até Santos da Thebaida
Com ſ tentaçoẽs valeo do aneyo.
E se metteo sem medo á queima roupa
Com cilicios, jejuns & agoabenta.
Como Thebanemos de enganar os outros
Pobre & miseravel pecador!

IX

E como póde entrar este inimigo
Jurado da admiravel progenie
Os anteros limites da Thebaida?
Com mãos i. meios são-como do diabo.

Se é que o diabo não são ellos
Que engeito p.r nim d' me perder
Por taes ar tenho ás tentações malignas
Que finto ca p.r dentro quando ar vejo
E me dão taes voltas atrenuncio
O diabo ellos são, ou ellos delle

X

Pois o pae da mentira que bem sabe
O poder de taes armas perigoso
Attentou de apunhar nimm dos meus
D'jovens cavadores. Vai e enfia-se
Que é mentre visto e não lho custa nada
Esconder-se agachar-se, emmarguilhar-se
Acassapar-se curto e pequenino
Como um morguilh ou alto alevantar-se
Como a torre do clerigo) enfiar-se
No passo d'um faltião dos dacanados
E o faltião que fiou como la dizem
O diabo no corpo, carga o pairo

E dizia ainda ao Sñor Pêro Anes
Botelho, tê que chegou meu Irmão
E se poz a pintar como quem pinta
A cara E de propósito a empolgar-lhe.

XI

Accordou o Judeu dos 2 golpes
De D. Alvaro em ! "Estranho vôo
Meu dovelho me disse - é ado vespa ave
"Nunca vi um Judeu voar desta arte
Crede Sr. D Alvaro lhe torna
Que é fina cara aquele Mestre agora.
Que cêsse não ha hi ave em toda a Hesp.ª
Que tal a aventa E tantos - Ir-lhe dei no alto
E lhe o outro - Ide embora pois crede-me
Que anima vos.ª não a outro acontega

XII

D. Alvaro ficou, e por um trilho
Atraz de si ouvio entre dentes

Mette vorael fragueiro & coitumoso
A mais agra caminhoa; — Ja chegava
A um valle citreiro que em redor fechavão
Fragrantes emmurados Jeramios
Com arido ou tom têcos e enaltados
Quanto era ameno, vergante & bello
Avarzea. que um arrio divisio
Despenhado do cume alto da serra
Com ruido em cataracta futurosa.
Onde em brilhantes frisos
Onde em brilhantes frisos
Onde concentrado
Os matutinos sol seus raios lanços
Que alli nos côres d'Iris se desdobrão
Arelva de boninas esmaltada
Amorosos perfumes vertendia
E aquem alem pastões de verde balsos
Prendião com seus ramos enlaçados
As viçosas figueiras: Ramalhetes
De murta em flor brotavão pelos hombros.

Lá sombra dos mais altos arvoredos
a espessa folha delicado recortou
Onde o tenro arbusto delicado
Que em nossos bosques flameou de perolas
Para enlevo da nossas amenidades.
Ah! ide pelir emfim ao ceu vosso
Aos alvos camarinhos resplendor
No limpido crystal ao ar cubicam
Mais que as dabella Egypcia malsinada

XIII

Este ameno delicioso valle
Para aprumo o falcão; nas extensas
Nas bellezas do sitio & formosura
Da grata solidão só pessoa e cuida
Na maravilha que lhe encanta os olhos
Quando subito cahe qual cerva
Lebre fugaz fulva desperta e foita
Dene veloz & atroz d'arvores densas
A'vista se esconden doravalleiro
E la baixo ai & correr prompto acerta

Que tua ocultura foi muito 145

XIV

Facil era a entrada da espessura
Formulado onde as arvores fallaem
Entra; e a casa que veio... Teu seio embalde
As chaves do romantico Alcande
Que os genios dos montanhos me affianção
Para os fins elos fins desalinhados dos
Demem simples leitor — fallião-me as vozes
Desaffina a canção — Que verso pode
Descrever os segredos da floresta
De Almargem onde encantos estupendos
Nos theatros feitos celebres se não viste
Até pasmo & aos espiritos dormente
Floresta onde jamais pé de homem viste
Depois do pôr do sol entrou não ouza
Até do alto da serra o pegureiro
Vir luzinhos (igual certo delirio)
A ferir a escuridão e com tal socego

Co 5.º

Saltando como estrellas namorado
Que via ogrego cortejador dos ares
Ao trando com'á harmonia esphéras
Baillar no azul claros ou tripeciado
Ou perdo viuid[illegible]
Deuedo ouvir cantores gorgeados
Estrumpos cantos

XV.

Viu sôbre a relva á deleitosa sombra
Do espesso arvoredo adormecida
Joven beldade — Oh.'s e anjos divagando
Acáso pela terra, adormecêdo
Algum'hora em reuniz delicioso
Que lhe fez recordar do Eden os bosques
Seu formoso dormir pêra como este.
Alva ligeira tunica apertava
Pelo meio do corpo delicado
Cinta de verde côr, dourados troncos

Sem mais ordato que o gentil Ondado
De seu proprios arneis se debruçavão
Por hombros onde quebra a fôrça do alvoro
Ligeiro cõ desenvolta Gloria.
Olhos . cuja ardente pestes ferrenho
Espada tem o somno. que thesouro
Debrilhi de innocencia, mas nos labios
A innocencia ferra. — A um lado jaz-lhe
Pequeno Ly — o Ito mito guerreiro
No rapto dos sentidos olheador
Longo tempo fiou abysmo mudo
Como aquem maravilha tam contado
Cá razão ametade da existencia.

XVI

Que lo será este? — Abre, e redobra
Seu pasmo. De orações & rezas santas
Em vão Lo Christão. Como é possivel
Em terra de infieis virgem tam bella
Uma cruz que pendia ao lindo collo

Co. 5.º

Da bella Rio Sereno o movimento
Do seio brandamente lhe agitava
A certeza do augmento. Christina virgem
Neste paiz demorou — Ah roubada
Foi de certo Ha seus barbaros (prazeres deleites)
A seus infames prazeres a reservão
Algum castello proximo. — Sem duvida
Mora como neste sitio Hadormecida?
Baldão alli detodo as conjecturas
Fugiu talvez, duro commercio
Este sitio com parte mais ousada
Do Parque ou certa do (mouriso pouco)
Onde encerra a rethem — Christina e ella
E em christão cavalleiro Hei jurado
De defender a fé e a formosura
Deos . . . Deos? — Liberta-la desses Impios
Dos monstros que a cercavão se preparão
A devora-la cruel. — Deos oh Deos.

XVII

Desta arte reflectia o cavalleiro
E levado da Zêlo — ardê Zêlo
Dafé — Travêsso ~~Genio~~ Genio me. Susurra
to ouvido / menor puro sentimento.
Vai-te espirito máu, não te acredito
Esa boa a intenção: que importa ao caso
Se porfanete acaso algum desejo
Na tenção se ingerio? Vaso de barro
Somos nos quebradiços Barbaros
E raro a obra melhor do homem mais justo
Ouro mais puro de virtude humana
De liga vil tanto nada encerra
E o de tanto de liga não encerra.
Levado pois da fé, "Salva-la (Clama)
"Salva-la é gôrra Deja!" — Toma a sua lança
Salta na sella — e parte e corre, e voa.

XVIII.

No papo do faldão recebia o diabo
Sendo hum mal sahir - lhe o estratagema
Egua o laço onde crem ter apanhado
A virtude do famoso cavalleiro

Co 5º

150

Nova era de gloria lhe traria
A honesta fronte. Em tão ennea fonte
Tal formosura, occasião tão bella
Capaz tentar o diabo não podia
Que tanta força houvesse n'um mancebo
Que resistisse até. Mas onde deixa
Elle agora? Sabido é que o diabo
Que tudo sabe — só futuro ignora
Deu a voar & segue pelos ares
O joven par no rapido galope.

XIX

No topo aperreado d'uma serra
Corria o cavalleiro, e lhe batia
O coração — d'ancia de ouvir. Mas o diabo
Já apeiando e dizendo comsigo
Não bate o coração, em tenros bois
Mas no entanto a donzella mal despeita
Do somno ainda que seus ar não sabe
De estranho successo que a acordára

Se vela ou ponha se anjos a conduzem
Ás regiões do ceo, ou se o maligno
Espirito a arrebata ás profundezas
Do abysmo ouvidosa, nem se atreve
Abrir os lindos olhos mas tremendo
Envolvendo-se toda, o mui baixinho
Resava

XX

Porém a fim curiosidade vence
Sempre a final em feminino peito
Quem a leva roubada? Anjo ou demonio?
Ver-lhe a cara deseja, e se elle é negro
Creo! — Mas ponno e ponno e pouco vai abrindo
O cantinho do olho — Alta a viseira
O mancebo levava, e o bello corte
Que bello era e gentil se descubria
Entre as luzentes armas d'ouro fino
E sob o alvo emplumado de crystallino
O triumphante archanjo aos pés collando

Co 5.º

O anjo Rebelde que vencen na Glaina
Do Ceo em Regulus campal batalha

XXXI

Se encarar com geito tam formoso
O meo todo lhe fugio do seio
E agrata perturbação que encerra e alma
A leva ao Ceo um anjo tam bonito
Certeza foi que de prazer celeste
Lhe inunda o coração. — Mas será sonho
Vem elle acabe sonho que é tam bello
Com medo de acordar os lindos olhos
Fogem da luz do dia. Só dentro a breve
Para gozar da angelica presença
Do roubador gentil. Entanto o joven
Sente o doce calor do brando corpo
Os membros respirar lhe dão rebate
No sangue que agitado já circula
E em seu trofel espirito envolvendo
A menos luzes fantasias & ideos
Ja tenebrosos pensamentos

E ao cabo tentações .. Ja não furria
Mas dava pulo o diabo decontente

XXII

Eis ao subir de pedregosa encosta
Agra, difficil, do alto da montanha
Vozes mil a gritar - E-lo vão, el-los!
O roubador infiel ei-la a princeza
Acudi, acudi vingae no infame
Tantos injurios todos — E redobra
O alarido das vozes tumultuarias
E gritando corrias & demandão
Do lador todo breve tem cercado
O cavalleiro - ~~roubado~~ ~~o cruel volta~~
Que furia cresce & em torno fla mouta
Embalde elle move a voltar fórma
Embalde tenta de novo
E salvar-se na fuga — a turba ameaça
De toda a parte accode. Atrincheirado

154 Act 5º

Do fogoso cavallo anda os ferventes 370
Ha outros & outros vem; ceder a força

~~XXIII~~

Ceder. um portuguez & um cavalleiro
Oh! que pesado então lhe foi o leve
O doce peso. que a seu seio aperta
Que elle cahindo lhe falleu
Mas com Não ceder ine não. a abraça & desfalecendo 375
& destra brande a esp.ª fortemente
Defende a linda dama a desmaiada
Acujos golpes infiel desmaia
E cahem como espigas em calmaria
Sente déstio os golpes do ceifeiro.
Isabella? - Oh! despertada alfim do sonho 380
Seus magoas illudio se desvaneceu
Cruel realid.! Quem é elle?
Como a roubou & aonde onde é que ella?
Porque assim o perseguem estes Mouros
Ella entende e conhece: assim pudera 385
Evitar ella que lhe afaca vejão
Se á reconheceu D'que horror acupera

Com o s/ roubador, s/ cavalleiro
Sendefensor — ou como dhor chamar-lho?
Se abrem e cerram o delicado rosto
No seio aspero e ferreo cóa armadura
Mas é já tarde já reconhecida
Foi da turba infiel. "Fatima" bradão
Fatima sua entorno — é este nome
Crença arraiga dos seus nos combates
A que resiste impavido um só homem
Fatima repettiado embravecidos
Juventude nos ouvidos que ol excita
Como se fôra magica palavra
Respeito lhe inspira — ol golpes vibrão
Cahi no meio do golpe cahão desarmado
E o perito deixa dos botes desarmado
Do escudo e elmo cahido. — Já damnatam
Já detanto ferir lhe causa o brio
E os seus soam a pouco fallecer-lhe

Co 5.º

~~Abraou~~

~~Subito lhe~~ XXIV.

Força é pois succumbir. pereça embora
Embora mar a furia desses barbaros,
Abandonar a victima innocente
Que elle infamado ao Sacrificio eleva
Uma virgem christan ecc. Stambella
Subito lhe accorda- resta-lhe um meio
De salvação ainda de esperança
O corno toca, os seus respette ao longe
Ecco dos montanhas - Ja o ouvirão
E o eccho d'on de Meu reconhecerão
Os seus que não longe combatião
A ouvir o alarido d'apellação
O passo dobrão e elles oh ventura
São a milhares a nouvica turba
Mas Jesu de Santiago! Avante Bravos
Santiago! Avante — Em roda estão do amigo

Vida y como estos, cabos são vend.
E tarde. (se a/ verderem) a victoria
Só corará os lividos cadaveres
Do vencedor aquem se deu mal despedes.

XXV.

O inimigo rema: Senos troncos
De figueiras que ahi jazem encastellão.
~~Parte dos cavalleiros~~
Uns e outros á lançada vão
Seu trabalho defendem: já não completa
E a trança nem de atempo; e os cabellos
De sangue e feridos se abotão
A seus frageis baluartes já se acolhem
E da parte que os cerra se defendem
Como leões á bôca de seus antros
Pelos fos. de/ area combatendo.

Vencem — a porta do sepulchro

ao 5.º

XXVI

Ai ~~duma filha~~ da formosa e engraçada donzella
Que ao despontar dos braços delicados,
Dos seios pudorosos os lindos olhos
Cheios de amor e magoas levantou
Para o ceo fronte e ás leis obedeceu
Ás que breve foi Deus amorosas
O prazer de dar-lhe abraço! — Oh crueis vozes
Sam meigas tam crueis! abrio-se-lh'alma
Ao joven, Ó paixão que lhe encendeu
Sua chymeira vaga — toda lhe avulta
Co'este galpe de morte lhe rebenta
O amor n'elle no coração occulto
Oh transe! — amor trazendo ao peito á morte
A eternidade em meio daventura
Que abysmo se abre entre ella dos seus desejos
Os olhos domadores se enturvarão

Eo sangue q' os feridos já vertião
Paron — nesse momto lhe suspende
A vida o coração da dor o excesso
Afforça do prazer. qual soem os pastores
Deuses pavor em calmo serão
A socobro de mar. — Ai já da morte
Porque retiros a aza cor de noite
Que lhe estendeis sobre a frente linda?
Doce é morrer assim: mas todo o calix
Do pasmento. té as fezes negras
Bebê-lo oh cruel é anjo terrivel.

XXVII.

Denovo jorra o sangue das feridas
Volve a vida — Oh deos clamou. seus labios
Devorados nos faces da morte
Osculo imprimem ofirmeis — & o vulto
A virgem não corou. Solemne é augusto
E' do extremo da vida, não ha pejo
E' a despedida — as portas do sepulchro

160 160 bis

Toma a espada com furor que morra
Forças maiores já dos ares desça
E sem mais proferir cae sôbre os mouros
Com furia tal q innumeros delles cahem
Aos pés d'um bote só, e vencidos ficam
De tanta sangue derribado espanto
Sôbre o monte dos christãos q cinzenta
O sacrificador empunha a espada
Sem vida cai nos braços seus
Não morreu braço a braço em campo de batalha
Mais gloriosa morte, nem deu lagrimas
A quem só derramou com honra
Sangue inimigo
Folgue fos d'Ayer sobre os tumulos

1 Quem é ella innocente donzella
2 Ella, d'onde a origem, ou sangue inimigo
3 Tem da cruz nos nossos ciros giz
4 Sangue de reis sangue fatal - Roubou-me

A fé p'entre as trevas de meus erros
Deste o crime, que os barbaros engulfão
440 Irman de Aben Afan — Sa irmam delle!
E toma a espª D. D.

~~XXVIII~~
XXIX

Com a morte de Aben carrasco ganhão
Os infieis, e affronta nos de Christo,
Ô ânimo não, mas esse mais q' humano
Esforço gigantesco, & enthusiasmo,
445 Que não só p'rigos sem pavor arrosta,
Mas a infalivel perda, a morte certa,
Sem lhe attentar o horror, com gôsto encara.
Lasso de combater, de sangue exânuesto,
Que a jorros corre dos golpeados membros,
500 Os que fortes exercitos venceão,
Cão terror dos rebeldes Mouros,
Ante uma vil desordenada furia
De alvorotada plebe já succumbem.
~~Do alvoroto do abbade da montanha~~
~~Desde a largura em que combatia~~

XXXII

Eis a correr do alto da montanha
Esta vem vem cavalleiro
Armas ao longe vistas veneraudas
N'ella vem armado nesa seu trajo indica
Linhagem nobre. alta nobreza d'alma
Brilha em s/ feições. ao chegar perto
Dos combatentes, riodcou seu passo
E grave se approxima do tumulto
Com sereno semblante. Erguendo a destra
Suspendei disse suspendei as armas
Escutae-me um instante — e inesperada
Falla do ancião á sanha dos peleja
O furor suspendeu, para o combate
Curiosos da causa que o allí trouxe
Attentos ouvem S. christão o pitão

XXXIII

Oh formosa q̃ lhe amorte deste
Chorae vós sim chorae, — nos tanto perde
Ignora ainda a bella causa d'ella
Não o viste cahir gentil Fatima
Que no meio dos fortes cavalleiros
No chão prostrado, supplice invocava

Ao ceo perdão, doce misericordia
E gemo como a Rôla solitaria
Sobre o lamoso ramo do pinheiro
Quando os ventos do outono tempestuoso
Da emigração a quadra lhe annuncião
Ti. calor cruel lhe ha morto o esposo
E ti/ terno arrulhos o chama ainda.

XXXI

Illustres cavalleiros escutai-me
Por d'Algar ouvi-me: injusta guerra
Fazeis todos: o sangue derramado
Verte dia fatal ao ceo bradando
Esta vingança — E todo ha recahido
Sôbre ma cabeça. Eu a princeza
Fatima dos reconquistadores de Faria
Na fuga auxiliei, e ao respeitado
Borgue d'Almargem alevei, e em guarda
A hum eremita santo adei em guarda
Mas essa que buscaes ha tanto tempo
Mas essa é quem hoje heis combatido

Co 5.º

Não é ja vossa mãe. Fatima a bella
Areal Fatima ~~remunion~~ ao erro & mentiras
Deosa falsa lei tem abjurado
"Christan é hoje . . . "

"Ella christan!" — exclamão
A maura turba com horror Respondo
"Sim christan sou" — lhes diz alevantando-se
A pinheza gentil, & no ar no gesto
Lhe brilhava um splendor demagestade
Que entre essa multidão d'homens armados
Sanguinentos golpeados por cima
Atroje da paz que vem de ordem do Eterno
Cruel flagello Suspender da guerra.

XXXII.

"Sim christan sou; eo dí só verdade
"Que á S.ª Santa luz abrio meus olhos
Constancia me dara p.ª o martyrio
Pa alcançar a immarcheivel Palma
Que me espera no ceo — Vinde esses armas
Sobre mi feito dirigi — tormentos

"Inventae Novos, tudo com delirio
"Reigberei ~~Conspirei~~ devos compozer d'alma
"Tudo — Piedoso ds que heiviste, — Para Mi
A voz & a vista; cai nogento lividz
Veo demorte se atende: amalfadoz
No cadavel dielles que jaz p terra
Fixára dous os derradeiros olhos.
E do golpe fatal que nindo ignora
Repentino ferida á sorte accuder;

XXXIII

Do Alvaro & os mais christãos que aviso fugida
Lamaior & Sul hir — não suspeitoso
Da cruenta e/mal, & Illuminados
Entanto confuso do tredo golpe
Por Mouhometano arbeiro a quem ferido
De horror & indignação furiosos brados,
Alvaro Ah! brados; amor ira
Este resto de sangue q. nida giro
Em nossas veias ponho e/vossa bossa
Portuguez té agotta derradeira

Que nos resta a viver? — Escutae heroes
Senão fogem ella, a' vinganca
De crime tanto Ate Botador vejo
Sanhuço & avante: nº é victoria
Eterminar nos vida a morte

XXXIV.

As fozes saltam clamando
Nos corvos, que apenas saltavão
Exangues semimortos vida fogo
De enthusiasmo infundio. Leões rompentes
Leões investem sôbre ouvem, em furia
A jorros corre sangue: ouvesia
Dos combates gritos dos feridos
E o arranar dos moribundos forma
Consonancia medonha. — Atterrado
Não era aguerra o veneravel velho
Que esperando Salvar os cavalleiros
A vista de si vede dito viera
Contente todo Algarve aclamara nome
De Jaime Rey o mais pio
E honrado. vencedor daquelles eros.

Cap. 5º

Com o trafico e vida renovando
Entre os mouros do Algarve & os portuguezes
Terra visinhos grande accumulára
Haver de uns & outros riquezas. Tudo ao passo
De Sacra vender // nenhuma
Lê a primeira Fatima acostumado
Era a falla, & q.do convertido
A Christo lê' p.o seus rogos della
A leram nos velhos renovados
Que em nosso sonhos ninguem — Continuação
Faro.
Da de Alva q.do escutou o arrojado
E a cuja sorte do fatal combate
Que a apoiguar corren — Em vão salva los
E impossivel (diz elle) morra — e
Como homem tambem!" Empunha a espada
E sobre os mouros —

XXXV.

Novos entr.o do fatal pelejar
A Castella chegárão — Parte á frente
Do seu senhor, esperançado ainda
De socorrer os nobres combatentes

Co 5º

Taivra passa os mouros alterados
Do fuso comq vem pastor o deixão
Chega — ai tarde! — já bordo cadaveres
Sobre montões dos que imolou s/ braço
Fazem os sette Leves. trophéus d'entorno
S/ cinjos Thes dos ij/ os precedêrão
Ed regiões baixadão do Jesu Labro
Do vencedor ammirar avidos
XXXVI
Mas os mouros do campo da batalha
Em vendo o mestre vir d'feita nova
Apressam cómedo da vingança.
Mas de aymen respeito a sua rebrava
Depunir tam cruel aleivosia
Os preciosos despojos recolhendo
Dos nobres cavalleiros d'roldão
Mercurio — & no alcance vai dos mouros
Que em vão fugem. Cruentos faz-lhe
As fontes dos Leves alli reuben

Milhores cabem. Detaviva os portos
Acoados os leva. & as portas q abrem
P.a amolher os ſ/ o mahumano
Ao mesmo povo triunphal entrada
Na capital do sobjugado reino.

XXXVII

Do reino capital cede ao D. Paio
Mor em Sylves orei no forte alcaçar
Crêm todos & acabo có infame jogo
Dos inficis em terras portuguezas
Juróm ometter: bem guard.a & forte
Tavira deixa, e sôbre a antija Sylves
Voi com a flor dos ſ/ ebria de gloria

Fim do Cto 5

em 1 de Novembro 1824

170

9bro 3 - 1824.

Canto Sesto.

I

Ai dete, Sylves, de teus nobres torres,
Teu abaçar tam forte! Quem resiste
Os espados terriveis de Santiago?
Ja derredor dos muros, que de lanças
E defesas & bestas se coroão,
Seus tendos assentou, seus arcos horta
O invencivel mestre. Ja trabucos
Acertão, catapultas vem de rôjo,
Machinas, ligneas torres; & se dobrão
Acobertados couros protectores
Decenalos & assaltos: mas de dentro
Dos muros os cercados se aperceben
Para a defesa; ardentes alanzias
Duros cantos ferros ao longo varos
Lanção incendiarios jogos arremessos

Cº 6.º

Os inimigos sábios. Redobra,
Cordeiro
Em uns e outros o perigo.
Prégão no campo brade indulgencia
Na cida os ciuans novos provocaõ
Fazem de louvor & parvicios: folga
Entanto a morte & p.ª accipeana
C'um perfido sorriso afoiteza

II

Dom Pacio em s/ tenda recolhido
Dos cavalleiros principaes, com elles
Pol disenha do assédio practicar
Eno mais que as/ cargo & posto cumpre
Um homem d'armas entra cao concelho
Annuncia q̃ ao campo um mensageiro
De Portugal nessa hora chega
Que novas traz? — Sabe-lo-hei muj presto
Que não tarda com vosco, e sua mensagem
Diz só a vós dará. — Embora venha
E praza aos ceos que do valente effo

Nos vencha alfim otnm Rey d'ansellio
Dos mitos Senos della: Cavalleiro
E generoso é Affo Dauentura outro
De toda a Hespa demuii goito dese
Feito dogne hei gouhado: nos emporta
Lire a levarmos ao cabo esta conq.ta
Nos ajude elle; senão — vei nos faltão
Deus proveri e a nf espada ao reito

III

Avanto

" Dapte donnui alto e poderoso
Elenido
Rep.ctador pr rei D. Affo
De Portugal e Algarves, o D Paio
Meestre de Santiago cavalleiro
Alte nobre esforcado vem D Nuno
Sua embaixada traz " — Lom riosamos
Formado vinha oportuguez; emmina
Da malha sôbrevente d'ouro escu

C. B.º

Orlada com franjões de ouro sobre ouro
Passamanes do mesmo sobre o.to
Bord.ª a cruz azul insignia antiga
Do reino e embaixador q. oresp.ª
Sep.to unica é. D Bruno

Fr Dom Pais

Elrei emeu fr q. a vos me mande
Vos envia saudar cõmuyta preza
Ento ultima vontay sobre feita
E a respeita del ordem de Cauz
Degnos dijno mente. Sabei como
Prouue a muito alto rei de Leão castella
De Toledo de Cordova e Sevilha
Murcia de Jaen a meu fr & amo
Elrei de Portugal neste seu reino
Inveti-lo do Algarve, e vos ordenou
Que lhe entregueis castello de portoleyos
Elagares Serillos que lhes tendes
E juris lhe façaes e homenageis
Como a senhor e rei. E mais vos temyo

Luem marcha com ſ/gente aceita Sñor
vem elrei nosso Sr. com tenção firme
De ajudar vos na santa empreza vossa
E liberta ſ/ terras do peccado
Logo de manhã, sem falta conta
Convosco Senhor Cavalleiro
Honra merece toda a cavalgada

D. Paio IV

Sejaes bem vindo vos & vossa alegre
Mensagem q trazeis Sr. Dom Nuno
Portuguez ou Portuguez mesquinho
Deos dovorvão Santo poder
De entregar ns/ terras & castellos
Aos Sñ. ns/ esp. — E embora boa
Venha de tomar nossa homenagem
E conquistar comvosco grossa reino
Toda infiel Mouro tem. Com vosco a obra
E Vos achareis Cavalleiro — Santa estrella
Onde amanhã nos temos cercado

85

Deste dacontyª está vendº.
E.... Mas vejo-vos vir — E se —

De fóra

Surria Nuno, e em gestos se escrepava
Dequem dom vós fé não deva —

D. Nuno

Não tomeis tal em mª parte
Este furor — Deixai-me fallar
Que attender hi cerado, & lei em certo
Que alguem elle está ē não em Sylves
V 95

D Paio

Sabeis?— D Nuno
Sim sei — Entrão reconta ao mestre
Como da cilada em compª a Holgos
Tudo orei mouro tudo os tomára —
E elle ó Pº atrouxo ao auro
Salvára eliberdº — q ouvido 100

Na area do convento deparando

Com um mouro ornatura e. em 1/ vestido
A preza diffarçado. Aben segura
Te aum postigo poço onde a cilha
Só com Aben Affon entrar podesse
Logo subito os paços se sumisse.
Que certo havia alli encantamento
Fuion elle; porêm logar e sitio
Bem o conhece e taes signaes lem conto
Que hade com elles. — Dahi partio-se
E. adelrei se foi a lhe contar do roubo
E desonra de real inf.ª
Que de vingar 1/ honra cadel fa
Fernan Affº. e Beatriz 1/ esposa
A pae mandou a lhe pedir do Algarve
O castello Xerez resoluto
A cabo desta f.ª com vilreza
De Mahomette. a tudo o contrario

180 606°

Afrentim, & elles comnisco afrenta
ven do Algarve a s/ notre esp.ª 120
Jnvon não embrinhon tenq ne sangue
Lo derrad.º morro a injuria leue.

VI

Mas se cimenta amiz.e diz D Rios
Ó minino está — que valle guerra stanque
Para acabar? — Ahido se he provo 125
(Nuno volvere) com elrei vem q.m sabe
E hido hade ém corro tres decimo to
Certo que nomeor tereis ouvido.
Fr Gil estaurtonen
— Fr Gil! oh valha-vo
Santiago! a cima vi cavalleiros dize
Fraz comigo esse Jrmão D. Affo? 130
D. Nuno
Sim traz mas não sabeis q.to mud.º
Este Fr Gil. Do diabo aprendem
A altena pelo poder dabrupara

O escrito colhou o theatro
135 De obrigação lavadeiras // sangue
E logo o disse aq.ª leitão carne
Como ap.ª ouvir é maravilha
Ouvir coisas & coisas que se não feito
Por // intervenção ; peça mais fino
140 Numa sta. apregoa ao fino diabo
Do que ap.ª Frigil falo ir ao choro
Reis dos frades, ouvir missa inteira
E confessar-se até.
— Mas quem vê isso?
Ninguem senão Frigil boa era cama
145 E ouvia alguem forte milagre fora.

VII

Riso os vocabs. dobra lagar
Que ao inimigo prazer assi fez
E ouvintes amores da ordenança
Do cerco cuais governo que cumpra
150 Ato commendador sor, se for com boa

Do Conselho da ordem ao mesmo
De Selir despertar alvoroço ao Mouro
Que Ţ abri dirº em marcha vão.

Acto V

VIII

Já longe o cerco a parecer comeu
Aos sitiantes: rapida a victoria
Tétti os precedeu: emfim o auxílio
Do monarcha porá termo ás delongas
E cumbra cô imperio muçulmano
I os libertos Algarves. — Se pudesse
Todavia vencer sem esse auxílio!
Vedo-lhe a dura lei do ferrado mestre
Sem elle aventurar-se ador afalto
Nem ousárão nem devem. Surdos minas
Lavrando vão calladamente ent.ª
Com direcção do alcaçar q mais forte
Campo é da praça. Sobre decisivo
Segue de perto a sorte trabalhão prompta
A escolta dos mais bravos & atrevidos
Na subterranea entrada q já longa

Crescem - prompt.os estão de peito Soberano
A qualq.r casa: ou contramina o cru
Ou repentino, alem.g uord.a estonia
De inimigos os leve v/ trad.or —

IX

Sard.o atreuo entre os f.ros sempre
E no perigo e gloria. — Voz isto voluntario
Disse, parando na obra um dos vald.os.
Cautelosos, silencio, Numo daode
E alerta ouvidos e calada étude.
Vozes se ouvião; mal dist.tos echos
Sons abafados como ~~voz~~ mus.is nerd.os
De infeliz agra vivo sepultojem
Nas entranhas da terra q em tantos
Vão! conjurase o horror do destino.

X

"Manso continuou o trabo
Diz Numo, descubramos donde manem
"Estes estranhos sons. — Vão passo & passo
Leve minando a dura terra

Canto 6.º

Já clara a voz se ouvia: feminino
Era o aucento gemedor e afflicto
E como supplicante: crebros rudes golpes
Se ouvião cõ'lamtos mistorados
E um rouco murmurio de voz auctera
Supplicio algoz e victima parecem
Tam proximos então que se distingue
A falla já.
"Piedade! uma voz tremula dizia
Piedade eu desfallço, eu morro. ah!
Amor
Bradou Nuno "detenha os ferros
Salvemos esta victima innocente
Da mahometana barbara mão
Rompei d'um golpe só odioso espaço.

XI

Mal differo, por alvião nos não ferido
Cae a terra & cahindo palpitou
Ferida dos atonito guerreiro
E sobre o recinto lugubre
Subterraneo horrivel calabouço

Uma lampada funebre que ardia
Suspensa em meio triste luz reflete
na propinder do outro.
Clara-pureu ~~nenhuma estranha teme~~
Em pé robusto mouro como estatua
De medo ~~alumno~~ está: seu olho fixo
Seu gesto em contracção de horror espanto
Traduz a crueza o justo o crime
Hterrores debuxa — tem na destra
Cisalhante de barbaro supplicio
Torrentes sanguentas. Junto delle
No chão prostrada uma mulher — o pejo
Me cabaça ri jaz nos thoros e estremece
Á indecorosa posição, pinta-lhe
Mau Mouro ousadão. ? — Ha terra ~~os joelhos~~
Prisma, e enterra ~~os joelhos~~ pés mãos ambos
Sobre o pejo —. o seio encobrem vestes
Mas o resto — Oh mão de tenra mão bella

Nem mais fatuity callipygia Venus
Assomou divinos que nome e fama
Dão ao cinzel & ao marmore sublime
Materião cruz dignou o alvo dos lyrios
Como sol no verjel tulipa rôxa
Entre os lyrios brotou. — Mais se divina
Outra flor ——— Véo de Apelles ainda
Véo de pudor cobrio os olhos couto
Dos guerreiros ferintes. Seu manto arroja
Nuno á infeliz, e com outra mão tomando
A barba hirsuta do algoz. — Malvado
Lhe brada — mor que vejo! tu! e tanto
Ou é tua sina — como nestes labitos
Só esse torpe infame renegado
Eterno Dº! ——— Vil monstro denodo
Falta quem é esta innocente vitima
De teu furor cruel? — Porq o ferros

"Fan despedaçado? — Falla do vento ouço
"A merecida morte... " Um mar frio
Cubria o. nervo, os dentes lhe batião,
E em convulsões os membros lhe estremecem;
Qual ceifeira robusto ao meio cahe
Tyrion
~~Cobica~~ quarton violento, ó sua mão tremula
Aperta a fouce, e em vão chamou os seus,
Bradou, procurou em vão, no abysmo sulco
Sobre os feixes despiges, agrie ao cahido,
oppresso
Cahe ~~apertado~~ domina & quebrando.

XIII

Nero

"Miseravel! — Soldados, segurae o
Mas respeitae o sangue desse monstro
Ao cutello votado da justiça.
E vós senhora cobrae força & ânimo
Que não estais com barbaros: respeito
E piedade achareis. Amparo & asylo
Por cavalleiros e christãos devemos

Ao 6º

As damas: nem nos veda a differença
Do culto e religião...
Com gesto a dama
Pode apoiar do riso e abatimento 26.
Sobre seus dignos esforços.
De nobreza e virtude, alevantando-se
Gravemte o interrompe cõ estas vozes

XIV

"Mea culto R religião ſt é o vosso
Christan sou 6º christan ku "padeiro 285
E de meu padeiz uma só gloria
Tenho elevar ao ceo 1946 lento ebrando
Não me haja dar a suspirada morte.

Uma

Nobre dama, convem ao regio alto
Brio e recebereis honra & justiça 265
Qual se vos deve: nome e sangue ignoro
De tam bella senhora; ~~dama ignora~~ mas é certo
D'alta progenie o tronco.
Dama
Em mal bem Alta

E portugues — Dama

Se morro é meu sangue
Todos o meu o dão; christaos eu uniu
27º Não me pergunteis mais; eu vo lo rogo
Por vs cruz — Leva-me preso ao campo
Onde os socorro q̃ hamister m.ª alma
Encontrar hajas. — Prompto Nuno ordena
Aos guardas & viços q̃ devem
27ª Em sy enzenria fazer & ida a tenda
Dama & do velho moiro ao campo voltar

XV. VI

Soavão atabales & trombetas
Doe tangem menestreis; todos em triumpho
O arraial pareia: "El-lo q̃ chega
13ª El-lo — real real p. D. Affo
"Do Algarve & portugal." — mil vozes bradão
E do mestre & dos sy acompanhados
O magnanimo Affo n'um formoso
E subberbo andaluz montado vinha

285

O Campo entrando. Aos viva de alegria
As fundações do povo & dos Soldos
Benigno ouvilhe; mas profunda magoa
A escrito imprimia trasl, ri lhe nos labios
Dor e affabilidade ~~outro tempo~~ os mongrelos 240
~~Distinguia os mouriscos~~ portuguezes
Portuguezes outros distinguia,
Mas afrente pensou de cuidados
Em vão de abria; ou rugas da tristeza
Sob o diadema d'ouro thor entrepas. 245

XVI

Chegar á tenda elrei breve repairo
Toma a rôgo dos d/, mas logo ordena
Que lhe chamem Frei Gil, & a sós com elle
Rei
Que leis decubto fr. q esperava
Que novas me trazeis?
Fr Gil. Tenho confiança 300
Em meu poder orei do portuguez

Tua fé verás: mas vede cuida
E fé se cumprir a grande obra
Em q empenhou tenho as mesmas artes
A vitoria ficará toda
305 Rei Muito ha prata
Mo prometteu assim, é — Deu-lhe-a
Sou pae e nenhum pae mentirá
Como eu a mãe Brama, nem mais digna
De amor e de temor homem outro fé
A meu pesar, confesso, q'as altares
310 A cor — & indaia mal. — triste presagio
Me agoura seu fado.
Fil Rei, é homem
E como homem é fraco e miseravel
Pesa-te o q' fazes q' hoje votado
A um D' é preciso arrancar-te a crença
315 Rei
Oh! negas ao Brama a mãe fé
Fil
Tua fé verás: sou ou não

Que to afeguro. Do immundo espirito.
Que hei forçado a forçar-me a obedecer-me
A resposta al Conde: não esta longe 320
A abbadessa d'Hodyer deste sitio.
1. Rei
Ande aonde está: com esta esp.
Por mi prospera não.
Fr. Gil
Tua não tem esp.!
A tua cruz o teu sceptro q em penhores
Não são vosso sem mim. Que sois vos Fol. 4
Reis da terra, q fôra os throno 325
Sem o amparo do altor? — Liberta
Será Branca E mim sem luge é'o dia
Quando o ruivo de face em tella d'ouro
For escond., quando vento ordallico 23.º
Estender sem influxo a terra d'impios
Quando em monte muy dura dor odio
O gallo puder annunciar a hora

Fatal a encontrou-se á fantasma
Dos espinhos do ar, liberta d'Brama
Nito confia ó reó; mas q' de forte
E' poder é agoura — grande imperio
E' do genio que a retem captiva
De confiar-to duvidei tegam
Poderem forçar e' q' o saibas. — Protegido
Da rainha dos ventos e' o joven
Roubador de tua fé — sem violencia
Em seus torpes abraços, esta ella.
Fatal encanto a cega. — poderoso
Feitiço a encantou. Já no seio
Da esposa do rei um fruto adulterio
Fructuoso cresce —

Rei

Dr. que horrores
Meu sangue anima — que nevoa escura
Me cobre — Oh venha ordenar-me
Seu juiz teu algoz tenei em mim

Fo. Rel 6º

Não o permitta o ceo: altos decretos
são do destino eterno. — Adorar deves
E conformar humilde
Com os voutos seus. Reservado
A grandes louros em prole adulterna 355
D'este ponto está. — Mas a falsa-lua
A quebrar d'encanto é necessaria
Uma difficil cousa

Rei O que?

Frei Pedro Frei gotta
Sam perro hacidor Ho sangue horrivo
Do roubador.

Rei
De Aben Afam & Burlaes-mu
Padre, roubou de meus! não me lembra
Que com elle nenhuns encontros 260 to
Este respeito mouro ella?

Fr Gil (60

Sim disse.

Rei

Então? Fr Gil

Perto de nós está seu sangue.

XVII.

Mal estas vozes proferia o frade
Pela entrada da tenda um cavall.º
D'uma formosa dama acompanhado
Alto falla — Perdoae minha ousadia
Rei &.ª — justiça ante vós venho
E pedir implorar. — Horrendo crime
Barbara affronta a d.ª & a humil.ª
A formosura um monstro ha perpetrado
Aqueia da s.r é dobrada dama
Que aqui vedes — o réo — Interrogae-a
E della ofabereis —

Rei

Formosa dama
Justiça vos farei, sede tranquilla
E se de vossa affronta é tal o rio

Que só a virgem compo rosa cloma
Decovallr, Covallros tenho
Que f. tam gentil dama se appresenten
A defendella em arco ou estrado
Contra o proprio Amadiz — Mas vstrujo
Á manha mouriña me hareem
E vós fra Sori ?...

Dama
Mouro é meu trajo
Christan en Sor. Boa de meu trabalho
Los dias este horrado cavallro
Perdoae-me fr longo discurso
Se en poderes emagoas não permitto

XVIII

Veno então conto o q no campo sonte
Dos cavallros q ao fatal combate
D'Antas em tarde auxilio havião dado
E esta dama em poder da maura hoste
Quando fugia avirão, & sabido.

Fora de prisioneiros 66º como d'antes 194
Do combate ella fora: como filha 197
XIX
Era de regio sangue, e a fé de Christo
Convertido, do Almargem alevóso
345 Hum santo ermitão d'enguarda abera
O nevoado Roiz. — Depois conta
D'Artur a crua historia, e como havendo
Succumbido os christãos na fatal luta
Os infieis a Sylves a levaro
40v E n'um medonho subterraneo carcere
Por começo de tratos a seu avô,
"O como foi vil delle vingar-se
"Vos o sabeis ja — e como aureolado
"Elle os tormentos crus nos impiedosos
345 Fonte infame e um ferreo monstro
Lhe davam oh não me atrevo a proferir
Concedei-me ja — que vos traga
O reo e por mercês delonhae-lo
Rei
Ide — Resto elle entre — Trazei d'Arco
40v

~~O 6º~~
A presença delrei ~~se~~ mal dos.

XIX

Os Soldos co velho mouro entr'aberto
E o rei com attenção ~~sigo~~ o contempla
Rei
Approxima-o, oh pasmo! um mouro é este
Um mouro direis vós! — E Fr. Soeiro
A Dama
Um christão, justo D'e um religioso!
Rei
Fr. Soeiro. o confessor de mi.ha
Miseravel! defende te se poder
Treme infeliz dos peccados q̃ te accusão.
Por q̃ enormes peccados has chegado
A este estado d'infamia & de miseria
Renegar deteu D. teus santos votos
Como infeliz como chegaste a tanto.

XX

Attonitos entorno o tavão todos
E com horror o renegado fitão
Contémpla qual d'aqual attô ouzado

pª ouvi-lo applaudindo? — Mas calado
Mundo quedo cós olhos esgaiados
Como se não ouvira immovel fria.
~~Falla proseguio em tom ordeno falla~~ Rei
Pensas de me illudir com tal fidalguia?
Ouvidos salvar-te assim? — Como te engana
Falla, em tom ordeno, falla Rei então.
Mundo
Impassivel estatúa como dantes.
Rei
Solds cós espadas nos bainhas
Porq. os não mandei o vil dos duros cortes
Lhe macerne com rijas mãos — veremos
Se lhe falla a mudez. — Executada
Foi a sentença — Ao som: nem signal dá
Da menor dor amostra. — Pasma d'isto
Espantão-se os q vem. — Então d'emlado
Donde atélli calado cóm observão
Scena de maravilha se apparelhão
Fogo e com um brado tremebundo
Esquecido aquelle mão "falla cubo"
O criminoso treme & resolvendo

C O C.

Com furia os olhos em torno corria
O q̃ quer de mim (lhe disse) mestre?

Fr. Gil

Es tu Rei d'ocem?

Mouro

"Não."

Rei

"Não es fr. d'ocem!

"Quem es tu pois?"

Fr. Gil

"Responde."

Mouro

"Sou o diabo."

Rei

Tomba-o de mim, traidor.

Fr. Gil

Não tomba, Sr. 445

Disse. Escutae-me todos em silencio
E não me interrompaes

Tira da manga
Curta varinha d'ebonidia negra
Que tres vezes no ar com força agita
E no chão depois um circulo descre-

E em tôrno ir notos caracteres fórma.
Palavras cabalisticas murmura
E depois em silencio as mãos cahidas
Feridas na fronte a rara grenha
Com os olhos fixados como espectro
Que se ergue dôbre a campa em hora afflicta
Estatatico terrivel permanece.

XXI.

Subito exclama com accento horrido.
="Espirito infernal anjo das trevas
Que ao meu poder ~~com arte~~ rebelde hei sujeitado
Pelas sublimes artes, e espantando
Palavras não sabidas d'homem vivo
Nem pronunciadas, ó tu mesmo labio
Diante da luz do sol, em te conjuro
Immunda creatura ao deveres
Que pertendes, desse immundo corpo
De Fr Jacinto. Como e Fº q cauca
A renegar dafe e de Dº Santo.

Cap 6.º

Teu & seu creador o compellite
~~Como á bella Fatima os seus tormentos~~
~~O Frei~~ ~~Abbade~~ & seus mãos ministros
Deita abella Fatima aos tormentos
Falla e verde em q̃ te pez nem minto
Ou as fataes palavras do agouro
Sôbre ti vil creatura pronuncio

XXII

Esta Fatima é ~~fa~~ O Diabo do peccador
E de nascença minha escrava & della.
Roubou-ma em tal trato de Granada
Mouro q̃ ahi jaz em Ceuta morto
E foi-se a tempo q̃ nado o espirito
Tinha onzena em q̃ obrigou quem em vão
Cuidou-me aperder espadonzella
E ao velho ermitão q̃ a criára em casa
Tentei tentei debalde um anno após
Debalde q̃ o ermitão velho & trapego
Não tinha q̃ dentro. — Quando os juizos

Em Astorga 6 bons jóvens cavalleiros
Assentei de emprehender-me ao meu regresso
Em casa Gentil dos Reis: preto d'ormir.
Essa noite emendei a dianteira
Mas só me ficou os cavalleiros todos
Vão 12 engenheiros detraz ao peito
A guella comum e atraz os outros
Eq nós . . .

Fr Gil

Vos fr diante eu não blasphemey.

XXIII

O Diabo

Figurei duas pontas como dizem
Inglezes não haver lingua
Como o dizer, e verdade ou não do diabo
Tomem-na q não mistes dessa palavra
Hum Italiano me emais ia, vaci detraz
Que o jovem me seguia de ponta della.
Dormia chuva formosa Gentil Senhora
Postura estava q a fé vos juro

De diabo q̃ fou. — ~~X~~ arrependeu
De dor tropeço nel entorn de anno
Q̃ não fora ao julgão nesse momto
Meu vinubo poder. . . . .

Corra abella
Fatima, e indignado o interrompe
Fr Gil — Spirito immundo não abres
Dalliberde q̃ te dei: proroga.

O Diabo
~~XXII~~
Quem tal diria o povo do mancebo
Babado a olhos v^tas ella uma hora ant.
E q̃ fim... q̃ fim... torna nos braços
Q desanda a fugir como um doudo
Pa alem atem debaptistas
E fugir — dizia elle de vontade
Dalliberar: Sahirão do convento
Q o vento sabeis vós. — Vi-os entrar
O rei e omenados ir direitinho

Co 6º

Parou ouco compalhuite, esfolhou
E entrando me fui dito a Lyres
Onde amoça levarão. — Triste Socio
Com q̃ m̃ antrigou comigo to hanto
Ervaro fora d'um villão mouriso
Que nem tornindo ser maior querido
Nem na de mim bouto a cuchar tho apanha
Lhe dava — Renegou E fome afrode
Não fui eu q̃ obrigou-o. Renegou e moura
Acabou tinha q̃. eu lhe intrei no corpo.
Renegou mas ninguem fez caso delle
Mouro ou christão prion sempre bernardo
Metti-me nelle & fez taes desbarros
Fazer tantos dei a outros christãos e cruzes
E de alguns fez renegar dei cabo d'outros
Que o Zêlo da lei bernardo - o os mouros
Lhe encommendarão da prinicesa aguarda
O mais q̃ fez foi tudo bagatella
Vadu alcamel. ella ahi Ita com vosco
E eu vou — me embora deixe dejo frade

Q6ro

Que nunca entrei em maj immundo corpo
Nem vemos la no inferno lagostim
Demais vejo espedir q este malcito. 540

XXV.

Fr Gil

Ainda não; espera. onde escondeu
Atirpa D. Bruna.

Diabo

Outro caso
Esse de D. Bruna não sei delle
Anda ahi mor poder q omem.

Fr Gil Anda 545

Arrenegado dor todos?

Diabo

Sim.

Fr Gil Eqdr

se the acabou acenouto

Diabo Ameia noute
Em dia de S. Joaõ.

Fr Gil

Com sangue?

Diabo Sangue

Soltai-me ou verdes anos tórno a dizer-te
Maldº frade affogue-me deixa-me
Fr Gil
Vai-te inimigo, vai-te —
Um clarão
Medonho retumbou por todo o campo
E um negro bagueirão se abrio a terra
Estremeceu todos e aterrados
Sebenzem — Rugio todo furioso echeio
Exhala abbagueirão — com agua benta
Purifico o ar e a terra deixa-me
XXVI
Frei Joeiro, desforsado, como um ponto
Olhou p.r tudo. Sobejando
Se Deos com dejantar perfeito ao seu.
Rei
Vil renegado! — aperro, Deguro
Leve — Deste traidor, guarde-o a vida.
Fim do Canto 6º.
Nbro 14 —

Novembro 15
1824

Canto Septimo.

I.

Caro és, prazer, q^do^ remorso custas!
Quanto mel deste favo amor espreme
Natura dos delirios, se o tocárão
Labios impuros, negro fel se torna
Que embriaguez de morte, cuja fuma
Devaneio de languido repouso
Válma agitada convulsivo excita.
Dôr da vida, amor, tam breves fruges!
Males, q deixai, dão tam duradouros!

II.

Brama cedeu a amor. — Lá altos turvos
De terrura e deleite o adeus extremo
Deu suspirando a virgind — e morta
De prazer & de amor cahiu nos braços
Do gentil vencedor. — As horas correm
Os dias fogem: voa o tempo a amantes;
E' hum sêlo de gloria adormecida

Co 7º

Aben Afan, & Bruma o nº esqueceu.

III

Erão Lins dêste mez feitiço e bello
Consagrado a João sancto amei quem
Mais de garrido e brincos do calendario
Sancto do proprio nome festejou
Cujos orvalhos bentos dão saude
Ao corpo & alma, cuja sorte anda
D'amor & dos prazeres tanto enlaçada
Forte festivo, hoje removido
Jamais e vois Carvoeiro & feiras
Pelos formosos margeam de seus rios
Aqui catholica Elysia q' os moços
Mundo joviaes tapuias festejou d'aldeia
Sabençoada noute vão devotos
Ao milagroso bento. — Sancto amavel
Advogado dos limpidos corretos

Co 70

Amiga protectora dos meus ferros
Posse gentes tenue de ~~[illegible]~~ flores
Relend.e grinalda amiga minha
Da donzella innocente — oh! vinde Santa.
Lical ha hi renegado iconoclasta
Methaphysico abstruso protesta
Que do vir-te assim gentil só fervor sinto
Partoril d'alvas pelles, e attagando
O cordeirinho q' atou pés nem balla
Quem será q' tal virtude não consinta?

IV

E entre os agouros almochaferes
Vamos d'amor ás crepitantes
Fogueiras & atravessa-se juiz perro
Que se morta ao feitor — como a decisão
— "Ai! mamãe, que me virão quasi..... Não
"Não falto mais. — Mais um.... um só!" — E o medo

De crestor a orla crespa & bem franjada
Do tafulo vestido, o ergue mais alto:
E vio-se quasi... quasi tudo agora
Benedito S. João, tudo desculpa
Tambem q é e dantes foi tudo!

V

Era pois aestação formosa do anno
Em todo o seu fasto em lupo e gallay
Por nos meigos climas paroneia
De rica esperdiçada, a natureza.
O Sol q tam benefico despende
Para tanto aderêe os raios d'ouro,
Em s/ zenith as vezes dobra o fogo
E a calma intensa aos leos habites
Des/ paiz dillecto amando offende.
Mas ent ao VI o Sombros deleitosos
E o amor freqo do alemo aspero

Que acha da porta respeitosa creme
E hagenuíes q̄ é venerando abrigo
Depara defr no queimoso estio;
Hora afloreta espessa q̄ da tonto
No ardor da sesta ao viajador cansado
Ao caçador seguinho; e a gruta fresca
Ao pé do rio q̄ alguem borda;
E os regulados pomos da roseira
Coradas — como as faces da donzella
Quando do primeiro amor diz não modesta
Cós labios — por q̄ o sim la fica n'alma.
— Fica — e não revelão olhos longuidos
Que o bem (só pr os seus) ardentido.

VII

O Creador de Britania, oh. q̄ vos mostre
Ricaços Lords, tanto formoso porque

Tanta gruta (de horror cumulosa) 80
Tam lindos relvas tam gentis ribeiros?
— Onde a calma q dê valor á sombra
Que é'do sol q dê preço a tanto esmêro —
D'arte q envão triumpha o da natureza
— Em vão: — humida neve, fumo negro 85
Cão nesse ar; e em urnas cinerosas
O fluviaes gemeos não dem carnação
Quasi fixos no immobile Zodiaco
Do a reborcar na apaulada terra.

VIII

Oh sol duma patria o doce clima 90
Quando te verei eu q. do ceu todo
A' sombra dos Bouzões bosques
Respirando a fragrancia delicioza
De 1/doce flor, rirei desporto

IX

O bemquisto protetor d'amantes,
Glorioso S. João, q̃ tudo alegras,
Que até Nereidas mouras te festejão,
E Sacerdotes pedreiros te veneraõ,
Teu santo dia, tua bemta noute
Suspirada d'amor bem vinda a todos
Teus bravos trabalhadores q̃ ao toque
Teu sereno faiscante q̃. o fogo evita
Quem teme a vinda de teu Jocundo dia?
Dous amantes. — João santo, advogado
Vão a ti delle? — Teu amparo amado
Negarte-ha? Porque? — Favor o vedaõ,
E no tempo em q̃ fados e feitiços
(Antes q̃ a Inquisição queimasse as bruxas)
Imperavão na terra, santo ou santa
O mais pintado emitagrou em balde
Se oporia ao poder d'um bom feitiço.

XII.

A embriaguez d'amor e dos prazeres
Ai! perfeita não é: o bello moiro
Da formosa abbadeça aos lindos braços
Falta sedento de prazer não corre
Sahe fatal! — Em vão te esforços
Delindo amador p.r enobri-la
Que ante hahi q o respirar dos ouros
Que o affroixar do aspêrto nos abraços
Contribuir dos carinhos não descubra
Naquelle Christo amor á vida a honra
Tudo sacrificou toda de ha duas?
Brama o perverso: misera! a teu olhos
Crédito não quer dar: suspiros ternos
No triste peito — q no leito affoga
Lagrimas vem aos olhos bellos beber
Lagrimas q as não veja a causa delles
Ser o genero! e hatal augusto
Que traia tanto amor. Traidor não era
Mem Affonso; mas vós q haveis amado

Direi vós, q. a ~~gloria~~ primeira
Do fogo de exhalou q ~~maior~~ mende
Culpa é do aud.e se em quieto fogo
Mais tranquilla, haipoco no peito bleave.

XIV

Do Algarve ao rei de longe a longe a gloria
Esquecida télli lhe dá lampejos
Scintillantia: anoitece frouxo e terno
A menina q surge do letharyo
Luz o deleite a jouve — ora do sceptro
O brilho, o esplendor do diadema
Ora a patria em perigo, ora a victoria
Cingindo-lhe na fronte outr'ora louros.
Mais refulgidos vós gaulhados louros.
Louros! — ramo fatal do meu destino
Exclama o joven rei — enmurchecente
Sempre sempre. — Não ha gloria
Mais p.a mim; a inutil existencia
Arrastarei aqui nestes dourados

Saltões em ouro vil e affeminado.
Ramo fatal se á custa do meu sangue
Reverdecer pudesse! - Desgraçado
Que fosse! - e amor e Brama! oh fado!

XV.

Abal os extremos dous dos labios rompem
Alli se obscurecem, medonha nouta
Cae sôbre o ceo como um funereo manto
Sôbre cinerea area: estalla um raio
Com vivido lampejo fende as nuvens
E horrisono trovão nos ares brama
"Voto fatal!" - Estremecendo disse
O mancebo: seus ramos encantados
Observa: é seu amyctho, verde o louro.
Oh vista! esmorece: sem voz sem alma
Entre a morte e a vida suspendido
Desfallece cahiu. Só há distincto
Que outros damnos ha tam pouco visto
Thalaiba deprazer chorar ei hoje

XVI

Branca era longe: triste e solitaria
Pelos vergeis sorrindo hospedeira
E pelo mais sumptuoso de esperança
Sua mansão entre as flores erguia.
Do crepusculo o sol de Outubro sabia
Eterna a fugir aos raios vinha
Vinha esconder os delirios seus
Que o sulco desenrola no seio amado
O coração bate-lhe no peito
O respiro violento e apressado
A suffoca-a. Uma lembrança ardente
"Noite de S. João é ditosa noite!"
Noite de San João! — e a fronte bella
Da fonte lhe sorri no crystallino d'alma
Como o fanal que vem descortinado
Destino ao longe ao Gil mostra a dobra

XVII

Noite de S. João! — Jovino delirio
Sempre o sol. correu. Prazo terrivel

222 Quem perto estás! Afasta o passo, teme
Dê ouvir de mim palavra de recordar-me
Os teus ouvidos desta voz ferida.
Mor é perigos são? - Não digas a fadas
Que cumpro o meu fadado perecer dormindo
Seguro é / amor / ventura?
Afrouxo a cobra, novo alento, e vou
Nos braços da esperança doce amada.

XVIII.

Triste! mal sabes o fatal desejo
Nossa paixão entre dentes e adoro
Mal sabes, infeliz, o negros agouros
Esse ramo de esperança te ha mostrado.
Sons pensa os sentidos recobrem
O momento real, chega-lhe perto
E á presença os ramos encobrem o objecto
O semblante compõe, tempera os olhos
E da illusão vingem os encantos

Canto 7º

Vem com tranquillo afectuoso gesto.

XIX

Estreitou-os amor em doce abraço;
Dor, disse! — As lagrimas Joffria
A lingua infs — elle os tormentos todos
Do inferno padecio —
Brama
Oh dor amado,
Esta noute! — Aben Afan
Esta noute!...
Brama
Tu temias!
Oque? Oh! não mó emmbras, falla
Communiquemos nf mutuas penas
Nossos temores.
Aben afa
Pois tu temes, Brama?
Bma
Ai! desta fatal noute não recordas
Oq̃ nos disse afada?
Aben
Ahas promessas
Tam seguras nos fez

Canto 7

Brama

Se os teus desejos

O céu e Brama

Abençoam

Bor. Brama — oh! não profiras

A sentença fatal. —

Bca Deque?...

A. Perguntas?

Queres sabê-lo — mísera não queiras.

B.

Ramos fataes! — não ouso perguntar-te

Se... Elles tão doce amor não desejaste?

A.

"Eu desejei, desejo só a morte."

XX

No chão os olhos d'ambos se cravárão

E de todos os males do universo

Incerteza o mais cru c'os aros negros

Lh'envolve dentro dos afflictos peitos

Turvando extremo prazer ou dor extrema

É maior q̃ a expressão. Silencio afunebre
Elogio da magoa com teu sello
Os descorados labios lhes cerraste.
Entanto o dia se perdeu nas trevas,
E a revoada noute, dobra a dobra,
Estende sôbre a terra o veo de luto.

XXI.

Dizei-me, Fadas, q̃ inspiraes no canto
Espiritos das lobregas cavernas
Vós á meia noite voltaes em tôrno
Dos tumulos côas azas membranosas
Dizei-no vós, com q̃ fataes palavras
Porq̃ tessiveis ritos se prepara
No arraial portuguez o fortunado
Encanto em q̃ empenhou sua arte todo
O sabio Gil da profunda alta sciencia mestre.

XXII

São horas dez, e clara e docemente
Vai pelo azul do ceo, como de gôsto

Desafiando os cautiços e fogueiros
Com q tua mente plebeja é douto
Abilgrino João aos seus devotos.
Mas a rôgo de Rl de ordem de Affo
Aquelles prohibirão pelo campo
Folias e cantares qualq mestre
De regorije q. em tanto empenho
Da christand. contra infieis só preces
E rogações devião defazer-se.
Isto o ecoanto pregoa, e ao regio mando
Mas q não satisfaz o campo obedece.

XXIII

Mando Ir Gil na tenda real entrava
E a Affonso diz: "A hora se approxima
Vão consummar-se os horridos mysterios
Que hão volver-te a fe & entregar te
Nas mãos s/ roubador & seu inimigo
Nestas redoma já sem ferro havidas
Tres gottas levo de s/ proprio sangue

Com bebida encantada adormeceo
Fatima foi p.ª mim: do elgueiro braço
Com um vitreo cutello ~~restituidor~~ capeitinador
Por ningem falaram tho hei hirado.
Vélo emfiado assalto no momento propicio.
Emfiado a lua nosso subitamente
Por esconjuro nos hade esconder-se
Voi certo da vitoria: o menino vio
Eu vir ~~o Algarve~~ sylves com mãos de homeys
Verá Braga liberta e Aben punido.

~~XXIV~~.

Sahio; & atfº q a s/ calvi todos
Ordenja dou ~~fo transpor~~ & dirijio hytaspes
E prestes fez fr.ª o assalto ao troyo
Armado e prompto o praz dado agoarda

XXIV

Era dos muros da torrada Sylves
E á falda d'hum ourº cuto valle

Se estende: Dal d'onde lhe chamárão
Em tempo antigo, ahi fôrão erros
Os q̃ nestes ou mouros sepultarão.
Mas q̃ aspecto plaudo e sereno
Quod convem ao q̃ dormio eterno dormen
Nem medonho nem lugubre parece
Triste sim, melancolio, mas doce
E a melancolia, q̃ hi se respira
No fim do valle tantos penedos
Como ácaro dos montes da natureza
Erguidos alli uns sobre outros
Em massa irregular se ouantellavão.
Fendida ha terra cabeita entre os penedos
Por onde uns degraos toscos posem d'arte
Feitos ao profundez de hum de terra
Longa taverna ahi jaz dos reis do Algua
Antiga & respeitada sepultura.

XXV

Negro manto cubrindo e aborrecido
E tam medroso aspecto ella mostra

Fr. Gil o valdevez: a boca chego
Da sepultura cuberta, o manto preto
Tira da mesma ~~sua~~ mão de ~~marmore~~ infausto
Horror q. em torno bafejava lavou *
Florente
A mente original ~~fio~~ dia 76
Desenterrado á luz e então corta
Essa mão q'á esqueceo: ignotos veres
Illuminou Luiz o frade, e a essa vista
Mão se accendeo de si, luz vende o Otaio
Proprio a feitiços atacado. — Co'ella desde
A cova ata — Longo mas estreito
Subterraneo vasto se estendia.
Co um lado e outro pela rocha viva
Os tumulos cavados de esqueletos

XVI

Co'a enfeitiçada luz, dia sombria
A cripta esta denante se diffunde
E ao cabo do corredor sobre alto
D'um sepulchro mostrado a luz funera
Estas palavras diz: — Morto q' dormes

Louva q̃ o cobres, cinta q̃ reprovas
Olhos q̃ vos myrrei, com esta gotta
De sangue q̃ derparzo cubrai-vos
E á minha voz se desencerre a campa
Da redoma q̃ traz um golpe verde
E com rouco estridor os olhos rouge
Dentro da campa, a louva se ergue, e cumbra
Se ergue como bramindo sobre a borda
Do ataude appoio p.ª alçar-se.
A carcomida mão firmando o casto
Se eleva em pé scheleto denudado
Mal coberto de andrajos lacerados
Do sudario q̃ da sepultura feito
Vestido trouxe á esta dos finados

XXVII

Que pertendes de mim? Porq̃ vieste
De meu eterno somno despertar-me
Foge-te a luz dos mortos homem vivo
Não tens ofus de guerra de disturbio

Lá sobre essa ingreta superficie
Da terra q̃ inda habitas? Acabados
Entre os nr̃s os christãos pelejos foram
Pu ja nr̃s sangue o sceptro dos Algarves
Conquistados? Mas meus herdeis serão.

Fr. Gil

Sobeja-lhe uma hora de reinado
A tua oração. Anda na fralda
A misericordia dos ceus o extremo
Bago d'areia cai. a derradeira
Hora chegou do imperio deteu fos.

Pepelete

E isso vens anunciar-me?

Fr. Gil.

Pepelete. Com dôr
Abrisha p.ª gente acontecimentos horrendos.

Fr. Gil

De ti depende. ou perecer com gloria
Deve hoje o derradeiro rei do Algarve
Ou conquista-lo em dias venturosos
E criminoes deixar, ou he o fado.

Pepelete

Pereça.

Fr.

Alto poder em privar dores
O prende & guarda: o cuida q o defende
Só ati não empece: se deseja
Da angustia salva lo: vem e segue
Gyrpho alado acharás no val de morte
Sôbre elle montarás: usa lo deves
No atrio pousará dizey bellas palavras
Bate á porta tres vezes, e da parte
Lá saberás: Tchelch
Foi; perdeu se alma
Clara o' no ceo não posso: não consente
Sombra de morto, o claro dalma
Fig.
Parte: cobrir-te hei com escuridão
Afuca & a encontrarei
A cento passos
O de Tchelch caminha quando ri o Sol
Le lhe cerrarão: encaminhos tomarem
Adiante o Grão vai; e a abbadia

Chegou de Lavra com taes palavras
Impoz a lua §§ s/ bella face
Envolveu em negro veo nem interrompeu
Com s/ luz dos seus os mysterios.

XXVIII

Voou se apaga o luminar dourado
Seus afflue do universo calcem
E os ares negros ~~feroz espectro negro~~ vende o hypogrypho
Có fundo guerr.º — Entanto aos muros
De Lêtes mandou se approximem
Armados os grossos batalhões
Castrejos e amorte ao longe atiro
Las mouredizas torres contra todos
Cada um dos chefes o s/ campo toma
Do muro § divide os batalhões
Hum signal dado o ataque se começa

XXIX

Ja sôbre o alto do muro os mouros apparecem
Subindo chegão, já brados — Santiago

Ya Affo mundos: velle de mouros
Vi descobre, e gritou alarma alarma
Los visinhos q despertou ~~velloo~~ vensse 385
Prestos entrão á defensão amodorra.
Trava apeleja: tanjão se arremessão
Ard' alanzão, duros cantos
Nuvens de setas fão emtoà toa
Selvão pelo ar: do alto despenhados 390
Dos envidos uns cahem vencq aos outros
O animo de fubir lhes anovoa
Dobra cós trevos o terror: ds gritos
Dos combates o arruido dos mortos
A gemer dos feridos se confunde 395
Em horrivel concêrto: augmenta a furia
D'hum lado e outro, & longo permanece
Entre tanto valor duvida a victoria

XXX

Linos paes q tanto formoseou
Tanto lustre offereceis, tanto amor vistes
E de tanto prazer theatro fostes
Pouos dannya Alida acrés me volvo
Velos tu bella inſa & tu formoso
Mouro velos tb ou brando ſomno
Lhe reſpirou fallaz vos tem roſſpeitos
Pra Cruel despertos.? — Fristes.! nós dormem
Hum tó outro abraçados aterrado
Hara fatal dauida noute eſpessa.
Tanto nós poderés Bruma dizia
E os [illegible] palauras lhe cortauão.
Tanto nós poderés q dos meus braços
Fesepareu. A morte Cruel.....

Bate

XXX

Deixa pousar ente nuvens a ſpessa
Do ſono, e doze vezes se repelle
O mesmo rudo ſom, tanto q fumado

Ai! ~~accorgete~~ gritou a donzella e embalde
O seu amor nella fomentou brava
Lucta — a hora fatal soou: ~~despegou-se~~ quebrou-se
O encanto: ~~o barco~~ n'um momento as ondas o
Desappareceu — dos seus olhos ancioso
De salvo ou teiro ficão. — Abraçou-se
Toda com anciã a misera e esforça
Lesa mão d'um esperto ~~nadador~~ arrosta elevo
Com invencivel força o braço joven.
Em alado corcel ~~foge~~ elle foge
Ja nos areaes se perdem. — Brama o Bramo
Baldo e' teu choro baldo o choro
Nenhum move o severo: leva-to a morte
~~Teu criminoso amor os seus furores~~

XXXI

Teu criminoso amor os seus furores
segue-me: o D'q deslead trahido
Em ~~ap~~ soluços com duras penas

Vem abysmo hua paixão nefanda
Vem ou nesta vinda hua excommunhão
Sobre hua cabeça criminosa
435 Condemnação eterna.

~~Eterno~~ Braun Misericordia
~~Pecador~~ Pª ___ Mais castigo ainda
A my pedindo tem dª de piedade —
Mais doy este horror.
Lega
Enmudece ~~impelia~~ blasphema. —

Da mão braun
440 A donzella impelia mão rude e aspera
Semimorta da dor n'com quasi espuma
Que avida lhe porem lingua a prenta
Lhe descai como do Cyprio delicia
Que arder do sal pensou. Leva a nos braços
445 Fr Gil — (delle era aiozo que fallara)
E seus encontros ligeiros
Veloz como mais veloz q vento
Por atalhos pis d'outros nos fabrica
Por desertos E bosques E silvados
Ellezo fabrica, q. nos se atreia

O furor do combate Ingalaterra chega
Ante os muros de Lysboa. Desponta a
A arruinada no extremo do oriente
E a luz q̃ vane de mortos começa
O estragos dar conta: mor se augmenta 454
Có vista horrivel, de peleja afurias
E emfim Qil com vista ai regia tenda
Invisivel entrava sobre os muros
Da forte Lisboa o pendão dos Quinas
O intrepido Nuno Arvore 460

XXXII

Aqui aqui ó nobres cavalleiros
Aqui de Portugal: vêde o estandarte
nota Lusitano cahir: precipitado
Das altas torres sobre os seus roxa
E sanguea dos q̃ ard. o lusitano 465
Aqui de Portugal, aqui! Salvae a
A lusitana gloria que vacilla

O nouro oculto e preme có a esperança
Buscar nadar de sangue & de victoria
Quem lha inspirou? q subita bonança
A o valor dos Christãos de hoje d'avante?
Fogem, vozes de cabos não ouvidas
A fugir portuguezes! — Fogem, tremem
Quem é este inimigo formidavel
Que tanto póde? — Um só campião. Armado
De enferrujadas armas q parecem
Sobre campia em trophéos haver jazido
De morto cavallo. — E elle: o escudo
Sua dextra tracta; desmyrtha o touco
Dous rumores são. Abem ouvem q á frota
D'Azoia investe: qual feroz tygre
As balhestas dos lusos rompe ouve na
Sanguenta dispersa: move o escudo
Que ao corpo não volton: Fugi q elle
Se ouve grito geral: Fugi q é elle

XXXIII

Do alto dos muros o infiel responde
Com gritos de victoria ao seus corredes
Ea S.ra q Matroz leos salvadão.
Porta d'Arzoia q Salvi o vijte
Quando teem consigo esperança ogloria
Do vacillante imperio — abre-te agora
Abre-te a receber-lo. — E'tarde e'tarde
O S.r dios certeu estão contador
Senhorio d'Agar no seo terror.
A porta abrio-se, e nos em vão já dentro
Do Aben, e mestre de Santiago en ventre
A lança teve. — Defende-te Ulebrada
Rei do Algarve defende-te a vergonha
Do nome portuguez lavo em teu sangue.

XXXIV

Fortes braços lanços lanços sequebrárão
Espadas nuas, e as espadas cruzárão.

Golpe é mortal ao dobre, broqueis apoem
. Os duros botes cós espantões duros.
Nenhum laes compridos pinton agaerra
Em fronte singulos debro[illegible]
Cessa o assalto: Da nuvolha os mouros
Na. os planos os Christãos as armas pomem
E nos dous cavalleiros se concentra
A combate geral. — Mas já no batter
Rompeo o sangue, já desmantelados
Broqueles ten cahido — Ja partido
Domatre o cume cum tremendo bote
Do joven rei cahiu. Brioso arroja
O mouro o seu: cordeiro the mig sobre
Com ardor desigual pelejão igualmente.
Sem defensão aos golpes fica o peito
Fica afrente: os cavallos nos saltos
A fadiga os feridos, e cubertos
Pão — denodo os espadas. fogo e sangue

Forem vedovo, mor a espada quebra
A o vencimento vei — mão quebra ordem
Lança competidor de arteiro salto
Colhe dos braços atravessa membros
E entalados de dous de corpo a corpo
De peito a peito infatigaveis luctão.

XXXV

Fora a sorte imparcial nenhum venceu
Nenhum fenecera — nos os destinos
Nas balanças fatidicas pesárão
A morte dos varões, O mahometano
Imperio fende. — Aben Afan sentado
Caes, & escabelo o inimigo gentio
Cavalleiro lhe diz tua vida é minha
Não queira o ceo q atal empião ateia
E nos olhos tremulos vacilla

A deriva da luz - nos fataes halleiros
Se mais fungue nos ha de obter perdão
Só' morte cedo. Vivo se vivo meu
~~Não posso~~ Dizem jamais de cituada em vão amigo
Seu victorioso Jahin. — E' muito e muito
O lamentar-se escritores & á porta se arrojárão
D. e justiça pavor cortado ouvindo
Sem resistir ao ~~collo~~ sangue offrece o collo
Do ouro ás Lamas nos tenebrosos temores
E' no algarve d'aquem Africa extremo

Nas ~~V. XXVI~~

As torturas da dor resiste a vida
Da lingua Brasica; nos razão de fogo
Por Aben Humeya p' Aben debaixo
De remorsos e amor já ri já' Maria
E' cói olhos no ceo a alma na terra
Ora implora perdão blasphema outrora
A Hollyos a leão & Fabiana a segue

Fatima q deixar um triste mundo
onde tudo perdeu ao ceo volve
Alma divina della a Afflicta Bruma
Ador amabilem. seu formoso gesto
Muda e queda contempla Alto inteiro
Alma p Alma nas feridas the colhe
O porvir daquelle q vida adora
Mas ah! consolo misero enganoso
Pouco espero se vos adoro em vano
Ja verde fatal sobre mi/ como
Flor do espinho derfolhou-se n'haste
Languida e amortecida vou caindo
Vegeto o tronco ainda, e mal e vida
Se viver q se alenta em lagrimas

Fim

Havre em 19 de Novembro 1824
Começado este poema em 19 de
Agosto do mesmo anno, - 3 mezes
juntos me levou. ——

Canto 1	verso	520	
2	—	602	
3	—	480	
4	—	644	
5	—	649	
6	—	562	
7	—	566	
		4023	

4023 | 240
240 | 16
1620
1440
180

Oitava 36

Nas ameias da Torre pendurada
Foi a cabeça do traidor Socino
Enviou-lh'ella Sulpicio orgulhoso
Elle não cede: — atroz homicida é o crime
Pune-o de morte a lei, e a lei não ouve
Para tal delicto o rei dasagrahido
Justo rigor embravecer pedido.

Faculdade de Letras de Coimbra
SALA FERREIRA LIMA
N.º

Ao Snr. D. L.

Havre 19 de Novembro
1824

~~Meu amigo~~ do C.

Acabo neste momento de
lerrer as ultimas linhas de um novo
poema (dou-lhe este p.e lhe não accertar
com outro nome, porém assim sou eu bem
que lhe dispensa o titulo) do qual, quer
queira quer não, absolutamente cutá
deido que lhe rendo preito & homenagem
como á aquelle aq.m mui estimo.

Sabei Sa — segue-se o formulario do
estylo. — Agora em linguagem chan
& corre — Lembra-se dos nº conversos
de Londres sobre antiguallhas portuguezas
& o muito q. dellas se podia aproveitar
quem de nº ~~outr~~ legendas e velhas historias
& tradições fizesse q. tam bem fazem

M

Inglezes e Alemães q̄ é' vertilly dos
adonos poeticos, e saudir-lhe a paixão
do esqueimo com bem afujon enotha
& appropriado modo.? — Pois desde
então, & já de mais tempo me ferria isto
na cabeça, não fiz senão pensar no
geito comq̄ me haveria p̄a formar
aqui uma coisa, q̄ se parecesse mos
q̄ de longe com tanta coisa boa q̄
p̄a la p̄ estas terras de Christo, &
q̄ pelos nossos, destum vivos q̄ vimos
se esperdição, & andão a morte
p̄ desacerto de letrados, e barbaria
de ignorantes. —

Acertou de me vir ás mãos um
Co. portuguez q̄ p̄ mim foi um achado aqui

onde até a gazetta de Lisboa

Credite, posteri!!

P.ª ser em portuguez me dá não sei
q prazer de ve-la q.ª de verdade lho
digo me envergonho commigo mesmo
de minha crenmisse. — Drão as chronicas
de Duarte Nunes; & apenas despido &
rebidos, me deitei a ellas como esfaimado
e lendo & relendo & cotejando como é meu
costume, deparei na chronica de D.
Affº 3 com a relação da conquista
do Algarve & ao pé logo das mesmas
curtas palavras a historia da infa Dona
Branca filha daquelle rei

Que foi senhora do mosteiro de
Lorvão, donde foi mandada P.ª abbadeza
do Thoulon, do mosteiro de Hollyos de
Burgos, q de outras nobre, e mais

rio monteiro de preciosa que tem
em Hespanha . . . . . Com esta
infanta teve amores hum cavalleiro
. . . . . do qual pario hum filho. &

~~Deste~~ facto ~~facto~~ gotto esta edificante
historia, & como lhe não vi impugnada
poetica, abstenho-me de alinhar com a
da conquista do Algarve & fazer
d'ahi poema romance, ou oq̃ mais
queirão chamar-lhe p.q̃ de nomes
não disputo, e nte menos demonios
meus rapazes —
dos minhos creanços.

Ora eisahi o argumento e origem
da obrinha. D. Bravia é pois
personagem historica, e não menos o
são D. Paio mestre de Santiago
& Abenafan rei de Sylves ~~Estados~~

cuja reuoo dilatei aq̃ todo o Algarue
q̃ de diuersos reisinhos & principios
~~testemunhos~~ estaua reportado. e Vem
me poreem demasiada a licença poetica
principalmente nos nossos q̃ dias mto maiores
~~desta natureza~~ os ouuem uendo &
em boa prosa, q̃ nas suas uersos. —
Historia e tambem. a cidade
de Safat combate dos Cafres em que morreo
o Cauallr̃o de S. Tiago & o mestre
Garcia Rodrigues defendendo-se
até á ultª como homens q̃ erão.
Por ventura haueria hi q̃m ache
mais poetico; mas é prosa verdadeira
& qual a conta D. N. & os nossos
mestres daquelle tempo, ~~tinhão cazado~~
~~nestas afferidas &~~ os sabião tanto
do corrido como da espada, nem
se deixauão

com medo de afamar-se
insultor de cavalleiros, ou calloteiro
de Senhores atrôro de cortezias.

Não ha la princesa mouro ao q
diz a chronica, mas metilhes en
q tambem son chronista em minha
casa, & amor & outros D'Isabe
grem mais mente se poetas ou
chronistas. & de taes contos de chronica
em vy classico moderno
dizia um poeta:

Sabe D. oy elle via.

Aida da ramha D. Beatriz a
Castella para a consessão do Algarve
igualmente é' historia, & cujus
até os brunharios de Fr Gil, depois
S. Fr. Gil não são fabulas pelo
menos da mr. cabeça. — Naquelles
tempos vivia, & fám seu devoto

foi elrei D. Affo q̄ disse contra o
referido chronista q. padecendo este
de gotta nos derradeiros annos de
sua vida, [illegible]

Para mitigar os dores acudia
arrimado ao bordão de hum frei
Gil, religioso da ordem de Sam Dom.
q̄ for naquelle tempo, a q̄ elrei era
muy affeiçoado e este q̄ devoto, p.
a santa vida & grande erudição.

Esta carta de erudição foi se estar
de A. Fr Gil p. elrei tanta queria
mal claro isto diz Fr Luiz de Sousa
na historia de S. Domingos, onde alem
vem muitos contados seus feiticamis
bacho com o diabo, & mais coisas
q̄ servem de fundamento às q̄ imaginei.

A esta alteração na fidelid

historia ~~que~~ eu obg.do p.r não alterar
demanado a mesma historia & c.ª
ella no fazer decidir & acabar a
conquista do Algarve na tomada de Lyra
onde ~~ficou~~ pelejou D. Aff.o 3.º
quando ~~de~~ Faro ~~de~~ stinguiu de todo
o ~~Senhorio~~ Senhorio ~~ficou~~ senhoreou aquelle
reino, e só a elle foi D. Aff.o com a armada de estrangeiros
~~Diogo p.r não alterar~~
Quando diogo q. o p.r não alterar demandado
demandado a mesma historia, porque
sendo elle Affo principal heroe nacho delle
~~não poderão ser de Lyra~~ cerco e batalha
de Lyra cujo reverso
de Lyra morto dog.o a historia, não pecor
serão contra ella, de em Faro para finalizar a
cujo reverso
dição do poema, ~~de~~ ella ha muita
fantasia em Lyra.

Os amores de D. Branca tambem
não são taes eguaes nos meus versos
como nos livros da chronica; nos

se lhe conta nelle mt.º cousa mais valhão
verso q prosa, certo [illegible] amores.

Isto me hêm q.ª as descripçães
que são. Hé alma Q amago da poesia
romantica, tanto me faltecejem nos.
topographicos: finito faltecem de nº
terra deg.ª ninguem sabe nada; e ts alguem
conta alguem sabe mas são de certo os mattos.
De mim digo com bôa fé q em meu poco
saber mais conheço eu de paizes estranhos
Q até daquelles proprios q nunca vi q dos
outros cuj.ª Sr.ª nado Q creado. O ponca-
chinho q pode haver Q me servio p.ª
a descripção do cabo de Sagres Q
corta direito, tirei-o de uma pequena
memoria MS. q acaso me veio á mão Q
cujo autor supponho um medico algarvio
ou [illegible] chamado Silva, homem
Q pelo [illegible] amores q delle vi com
prova evera tanto merecia ser

de ter conhecido q.to o é / pouco ou
nada. —

A mythologia, ou Regentes sobre-
naturaes de q.m me servi são extranhos
ainda em Portuguez; ou melhor
direi, acho e extranho os auctores
Gr.os e não sáõ elles; q.m éste é m.o
legitimo entender. mythologia, e não
a dos Gregos e Rom.s q.m á quem mesmo
nos mettaõ em cazo de q.m aspercá-
-lo and.o n.a poesia com as bellezas
classicas lhe tiraõ todavia a origina-
lidade, a naturalidade, ~~a~~ para o abjec
afim a nacionalidade propria seus
Tomaraõ os poetas antigos por modelo
e bem andaraõ então q.m nenhum outro
~~cafe~~ nem tam perf.o exemplar tinhaõ,
mas ~~naõ deveraõ~~ imitando a
delicadeza do style, o costumado de

da Grecia, e a elegante simplicidade que characterisão as obras primas da antiguidade. não havia mister de copiar-los á risca, e mto. menos em consequencia de nossos costumes e crenças alheios de nossos habitos, de nenhum valor e significação p.ra as crenças principios idéas & até preconceitos e populares superstições.

Figuravão bem nos poemas Latinos & Gregos o s/ Jupiter & o s/ Apollo. Erão deidades q não só todos conhecião porem muitos reconhecião e adoravão, cuja natureza historia & legenda se ligava com as historias & tradições do nação, e era um symbolo visivel das abstrações dos philosophos, uma recordação de memorias antigas ou respeitaveis p.a a classe illustrada, & objecto de

de Mythologia & resp.to p.r os supers-
ticiosos & ignorantes. — Mas de q.e
vão que valem, q importão q
significação q tinhão estas allegorias de
sabios & divinid.s de ignorantes chamados
Saturno, Vesta, Cybeles &.? Para os
Gregos Jupiter nascera em Creta, morte
na Thracia, Apollo e Diana em Delphos
Bacho em Thebas; muitos delles, e este
supposta descendencia delles reputão os
illustrarão o terror. Minerva fundara
Athenas & ~~forão~~ ensinara as artes aos
habitantes, Ceres a agricultura, Cadmo
dezejou deuses q tinhão estado ligados & vindos
de sangue ou benefícios — Apollo nasceo
habitarão (assim como todos
os deuses) os sitios de sua renda.

os montes, os compos os rios, as fontes
~~que cujos~~ q ~~da infancia~~ dos atos serão conhecidos
à que se ligarão as doces recordações dos
brinos da infa. dos gôzos da mocid.
dos ~~contentes~~ serões da id.e madura & dos consolações
da velhice. — Pa os Romanos Romulo
fundador ~~que~~ cid.e
em fe de ~~Jupiter~~ Marte, Deos progenitor
de sua estirpe fe decerto, todos os dias
do cal.o tinhão maior ou menor relação
com ~~o dos~~ os objectos da veneração nacional
& prejuizos dos povos. — E os q depois forão
admittidos ~~os assignamentos~~ dos conquistos
* nesse calendario, atinhão com os povos
conquistados Constituidos depois pelo
integrante da republica ou do imperio.
E Assim a theogonia de ~~Roma~~ do Genio

+ Montesquieu Esp. das LL. & Grand. dos Rom.s. —

& as metamorphoses de ovidio não
só erão tanto composições
do ingenho de poesia como livros
religiosos & monumtos nacionaes. —

Porêm os povos q hoje ocupam
o mundo civilisado q herdamos
a especie illustradores & dominadores
do globo teem outra origem, outra
religião, outras historia, outros costumes
outros preconceitos outros tradições.
Os oraculos dos Gregos são hoje nos
os feiticeiros & quendeiros & adivinhos, os agouros dos
Romanos são os nossos bruxarios, as
nymphas as Dryades, as divindades
dos Outros são os nossos espiritos
os Ns genios, fadas, nossos encantados
&c. & os Ns sonhos mysteriosos são
os nossos vivêres, as Ns sybilas as nossas

benzedeiras, as s/ mettia mezinhas
ou encantamentos, ou s/ superi &
inferi ou os bons & maligos espiritos.
Não entra o nome de Dr. em
mythologia como em deles entra? É
muito sublime é grande p.ª nós a idéia
do ente supremo, nem soffrem os
principios de religião & de moral q.
a profanemos em ficções & alegorias
ou HH misturemos com os devaneios
da imaginação os respeitaveis the-
oremas de n/ crença. A imagem
de D.r não sai de n/ santuario
& o poeta christão ~~quando~~ deixão
guiar jamais os d/ idolos, religiosos nem
ousaria, nem q.do levantasse o d/ estylo
até as grandezas do creador, nem

q a cultivar em hymnos d/o
& resto
ou a celebrar em cantigas a d/ Senhora
q. excitão os novadilhos de s/ obras

Eu lhe digo eu dejão quaes forem
os ideios do poeta; & q. outros
athen de profissão, q. eu x amem
obra Palemica de abalançase à
atacar as proprias bases da crença
publica, não profanaria como poeta
o de mesmo D.cuja ex.ta negou
como philosopho: & q. as Elegenias
Sobrenaturaes de s/ poema, se tor-
narião ridiculas, indecentes, &
absurdas. — Os esforços inuteis
q. le fem.to fez intrudizir os dogmas
do Christianismo na scena poetica
deve merecer

deve merecer desde aqueles

nem só Voltaire se deixou mal com
este escrupulo, p.q outro delle
peior succedeu ao divino autor
da Jerusalem. Voltaire com o dogma
do christianismo ~~não~~ riu-se Obrigado
a lançar mão de allegorias abstractas
& assi dos fr.es encher o vazio q aquelles
lhe deixavão no maravilhoso do poema:
este remendo ~~não~~ ~~tolheu~~ tolheu Voltaire a
Henriada; mas Tasso q fr.e maior
poeta q era & com a vantagem do
thema mais poetico assumpto ja fr.
d' antiguid.e, ja pellas tradições fab.as
& uzos q o cercavão, foi direito
ás fontes do verdadeiro maravilhoso
poetico das nações modernas, q d'
seus compatriotas estavão ja tirado
descuberto, em peior desforço cahirão

anniola p.ª q.ª misturou a magestade
de D.s com as caricaturas dos brazi-
rios, & as verd.s da religião com
as fabulas dos encantadores —

O moderno systhema de naturalismo
christão ~~q Chateaubriand~~ cuja
superioridade pertendeu Chateau
briand demonstrar em theoria no
genio do Christianismo, & em
practica nos Martyres difficil-
de pode apoiar seus provas de
autor pro duz.s — Engenhosissima
obra é o Genio do Christianismo &
meio persuad.s me deixou, mas
quando practicados nos Martyres
vi a theoria desandei do começo do
conceito. Fiquei-me dahi a mytho-
logia grega, & a druidica, o

contraste delles com o maravilhoso
classico & vereemos o q̃ fica ás belle-
zas poeticas desta composição em ver.ª
grande & extraordinaria. —

Alem de q̃ a natureza do assumpto
dos nossos artyres assim como o do
Paraizo perd.º mais comportão a-
quelle sobrenatural pois posto deste
mto sobrenatural é a alma de
um, & todo a do outro. — Differe
é o caso em poemas de outro genero:
Camões q̃ fatalm.te errou na
mistura do & maravilhoso q̃ to pior
faria se tivera seguido empregado
nos Lusiadas o maravilhoso de
Milton ou de Chateaubriand.
Digão-no os ~~Leb~~ debeis Gregos

de v/ sollicitores portuguezes desde
Mont.º Pinchedo até aos confins do Japão inclusivé
q.ª p.ª evitar o defeito de grande
contor de vasio, se envolvêrão
em dedalos de difficuld.ª & acabárão
vencendo-os mal á/ânça de
seu Engenho, de muitas ferradu-
ras, & desenhabilissimos
creadores de v/ Excellencias
Leitores ——

Tornando ao Paraizo perdo q.ª é outro
valente argumt.º dfavor do maravilhoso
christão, consentão-me q.ª eu ponha
bellezas produzio elle no poema de
Milton, mas p.ª q.ª toda a nação todos
os v/ leitores e especialm.te attendão a
esse meu maravilhoso, sendo como
é tudo alli sobrenatural & exterior
divino & fóra da natureza ——

Mas q. razões cabem aqui ha como aquella?
E q. exemplo póde fazer aq. não ~~for~~ á
applicavel senão a si mesmo? —

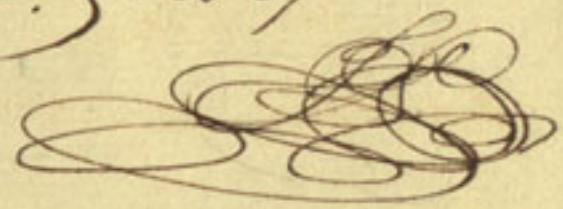
Meu amigo, estas ~~reflexões~~
reflexões vão-se me extendendo alem do
que pensei; & de carta vou caindo
em dissertação, com a qual tenho perdido
contemplativa, & E q. mais me não
tente o diabo, antes q. me torne a monia
de dissertar, acabo com estas regrinhas
já de sobejo ~~comprados~~ ethiandos: assim
lhe não tomem elles a paciencia, & me
valha a amizade em desculpa da ousadia.

Ahi vai a nova Branca, brangenita
e limpinha de gallicismos, elmanismos
& paraponices ~~pactorias~~ que parece
assim q. ella vai: Leia-a para si

O Sr Author q̃ p.r nos alguem adver
ter, leia; nos recommendo-lhe q̃
seja pessoa q̃ não tarmelle; p.r q̃
se me desvaneça o dezeio q̃ atée
com ella a ver mundo; não haja
logo dizer-me a dor o pae á crianca.
E eu se a mandor, mando a para toda
a peser de ser p.r delegante cand.a como
o sentimental edevador de p.r alheios
fez com os s/ proprios p.r novos honra
& gloria dos eternos inconsequentes
homens. — Como me prézo de o
avaliar não lhe digo mais nada

Quanto á epistola dedicatoria
eila aqui nem sei fazer doutras
& já lhe disse q̃ q.r Queira q.e não a
na Brama ~~do Rio como do Paiz~~

lhe está consagrada p.los mesmos
motivos ~~de ultima~~ p.q a Lacosta lho
está a verdad.ra amiz.de d.o



Haure 23 9bro
1824

Notas

Ao canto Primeiro.

nota A pag. 3 —

Aureos numes d'Ascreu —

Allusão á theogonia de Hesiodo, chamado Ascreu p.r natural de Ascra na Grecia. O s/ poema sôbre a origem e genealogia dos deuses é o mais antigo e nomeado liro de theologia pagan q. nos chegou. — Autores ha q. ~~fazem~~ Dionisio ~~cand~~ sustentão p.r mais moderno o proprio Homero; outros o querem s/ contemporaneo. -

Nota B pag.

— O retiro mystico
Aonde te escondeste —
E ao levantar do nevoa matutina
Te hão de acordar. ——

Estava, ao começar ~~da~~ este poema, o auc. a q.m o dirijo, ~~mysteriosamente~~ fazendo jaunta vida de hermitão n'um dos deliciosos arrabaldes de certa capital, que x não ser

a tal nova maluqueira (vesperteria, e semsiterna) será a mais formosa terra do mundo. —

nota C. pag.

Em hora boa Vtra —

Sauil é de ver q̃ vai nestes versos do hymno dos freiras q̃ querque seja de imitação do stylo dos cantares e do cantico dos canticos. —

nota D. pag.

A real Branca de Lorvão senhora até o fim da estancia.

Para explicação & intelligencia de tudo o q̃ aqui se diz veja-se D. N. do Leão na Chronica de D. Affonso III. — Fallando dos filhos daquelle rei diz:

O castelhano rei dq.m aqui se trata
foi D. Affonso de Castella & Leão, cuja
f.a era D. Beatriz mulher de D. Affo 3º
de Portugal e mãe de D. Brama. Desta
f.a foi elle tam ante.s q.e pr.s d/ resp.o cedeu
a a Algarve o reino do Algarve, ~~cujo~~
q.e b.m s/ reputava em razão de antiga
dominação e p.r q.e de novo ite. o ia conquis-
tando a ordem de Santiago, cujos cavalleiros erão
então, vassallos todos de Castella. — Por amor desta m.ma
1
f.a D. Beatriz quitou o d.o rei de Castella
ao de Portugal a obrigação que lhe impozera
com a investidura do Algarve de [illegible]
— quando lho foi rogar o infe
(depois rei) D. Diniz — Legoa-se Chr.
de D. Affo 3º — pag. — edição de
O citado D. N. no logar acima chama
á infe D. B.ca Senhora de Lorvão, e
abbadeça de Holgos: não descubro

ou a razão desta distinção; mas conser-
vei-a todavia.

nota E. pag.

Vassallos estes são q os ferteis varzeas
De Burgos tem ——

O convento ou abbadia de Holyr
está situado nas deliciosas varzeas
de Burgos; e grande espaço em derredor
erão seus vassallos os povos q os habitavão.
Ainda hoje ha grande dependa do mostro
pa aquelles habitos & a abbadeza me
disse um biscainho, cuja lia o fôra, usa
de mytthra quando vem do choro: ésta
singularid. motivou o verso acima
—— A mais subida
A mais alta graça na hyerarchia ——

nota F

Salvo conductos do valente Affo

Dizião-se salvo-conductos os que

davão reis e sñr. ferdrei a q̃ receiou
de ptastar p̃ s/ terras lhor pedia p̃
segurança de s/ pessoa & p̃a ~~tanto~~
q̃ o não atacassem ou lhe defendesse
a passagem. Ha ~~muitos~~ exemplos na historia
delles dados a reis p̃ outros reis, como
foi o q̃ a D de castella deu
elrei D de Portugal. —

Nota C. pag.

Com reis pannos d'ouro —

Chamavão panno d'ouro a certo tecido
feito com pathetas de ouro aq̃ supponho
se dá hoje onome de lhama de ouro
ou prata asegundo o metal de q̃ são
as pathetas.

diz Duarte ~~nunes~~ fallando da ~~coitada~~
trasladação de D. Ignez de Castro.

nota H pag.

Leo nem o ayudo Busembaum sonhare

Nem o Larraga —

E' evidente o anachronismo; mas alem de não ser na bocca dos autores, não pude resistir á tentação de fallar em dous tamanhos casuistas. O Larraga, e sobretudo o Larraga illustrado oraculo dos nossos padres moralistas é a obra prima da ~~relaxação~~, sabedoria, ~~espirito~~ humano era sciencia dos costumes, e direcção de consciencias! —

nota I. pag.

Mestre Gil Vaz q em Padua fez prodigios.

Aos Physicos e doutores medicos chamavão então em Portugal mestres ou messeres á italiana. E não só aos doutores em medicina, porêm tambem aos de direito, como é de ver nos historiadores. — Em Padua ~~era~~ era a mais famosa universidade então para Physicos

assim como Bolonha p.ª juristas & theo-
logos — A de Coimbra não veio a fundar-
se senão dahi a muito pouco tempo seguinte.

Nota I. pag.

De monges negros. —

Os monges ~~dividiam~~ distinguião-se p.ª brancos
e negros segundo as cores de sua cogulla:
Bernardos ou de Ajuda os brancos, bentos os ~~portu-~~
negros. — São vulgares não só as rixa-
lid.ª destas santas ordens entre si, mas
tambem as chufas, e amerpeins com q
se motejavão uns aos outros sôbre negros
e brancos, ~~equivocos~~ com equivocos, e jo-
gueles q destas palavras formavão. —

Em Inglaterra ainda hoje ha retros,
particularmte em Londres, denominados
de Black, e White friars. — Nem era
só esta denominação popular; que assim
lhes chamão estatutos e canones antigos.

nota K.

Mas absolves não posso esse pecado

Não me tenho mão q não aite
ao leitor a proposito deste verso, outro
que me está a bailar as trifeirinhas na
cabeça memoria, e q tam valido é:

Uma só! — não absolvo esse pecado.

Se já o conhece, não apprendeu nada,
e se não, tambem lho não ensinei eu:
entretanto satisfiz o mald° gostinho que
me estava a dizer:

Uma só, uma só! —

nota L.

Oq lhes falta, oq? — Falta a tremenda

Este verso não careceria de nota quanto
a mim, pq não supponho q haja em
Portugal quem ignore o uso venerando
(pq tudo qto é antigo o é, excepto as
... dos povos) dos frongers de d.
Bernardo ~~q acesta hora~~ conhecido
pelo nome de tremenda. Advertirão

me porêm q~ assim não era p~ q~ em
Lisboa muita gente ouvio sabia, como nós
provincianos q~ mais de perto lidamos
com frades e lhe sabemos dos ... as
virtudes. — A certa hora da noute
de pois de ceados, rezados, e deitados
adormecidos, e recolhidos os reverendos
padres, vão pelos dormitorios leigos donatos choristas ou
moços, q~ tanto não sei eu, com uma
enorme marmita, ou outra q~ tal
vasilha, cheia de gordas postas de cevado
toucinho cozido e abubadas com vinagre
e não sei q~ mais ingredientes, e batendo
as portas das celas ouvirão aquelles
penitentes varões p~a tam frugal refeição
q~ com reverencias devotam~te ouvirão
p~ tanto obedecerão. A isto se chama
Irmenda: por q~, e como etymologia
assim lhe derão este nome não pude
ainda descubrir; mas o facto é tanto

real com a espirita dos chorosos
dos Reverendos padres. Talvez daqui
venha este commentario tam sabido q
se diz ás pessoas de juizo bernardo.
Fens torcicolo no cano.

nota M pag.

Fera amiga, soudosa lembrança

Este quadro é copiado de cór e d'
aprazivel natural pelas 5 em q vi
as aguellas 5 tes do Beira e q pela
sensação delicioza, e (como nossos antigos
dizem soudosa) que em mim fez
Lembro tam prest. como se o tivera diante
de mim. — Nota N. pag.

Como estando eu gypcio q entre os bruxos &c
Não comento este verso pr explicar
a allusão historia., tam sabida de

todo ~~ouvindo~~ agente, mas p.ª dizer ~~que~~ com-
~~prehensão~~ não é minha sciencia, mas
~~donde~~, não posso recordar-me.

nota O — pag.

Insolubel theorema a sabios ~~o~~ exige
A obra dos Pharaós. —

Por q.ª digo theorema, e não problema
como geralm.te se dizia conhecem os
q.ª sabem a differente natureza e signi-
ficação dos dous termos, e palavras.
Quanto a insolubel, explicar-me-hei
com as observações modernas de
hum viajante inglez q.ª apesar de não
ser tam conhecido e fallado como Volney
& Chateaubriand, em suas cousas obser
vou mais reflectido e entendeu melhor
q.ª elles. E' Mr. I. I. R. não lhe sei senão
dos iniciaes: eisaqui o q.ª elle diz sôbre
celebres pyramides do Egypto. —

" Com ~~muita~~ imperfeitos conhecimentos da antiguidade e auxílio de arbitrarios analogias, vão esforços se tem feito p.ª ~~adelgaçar~~ romper a obscuridade q envolve a origem destes monumentos: as tentativas dos sabios modernos, depois de observações longas e ~~difficeis~~ assiduas, tem antes multiplicado que ajudado a arredar as difficuldades. — O fim de tão continuados trabalhos porventura não foi jamais nem completo, nem geralmente conhecido. — "

Depois destas asserções o A. pertende fazer passar a sua opinião de q a primeira destino das pyramides foi p.ª o culto do Sol cuja emblema era o triangulo isosceles

Cartas sôbre a Palestina Egypto & Syria

T. T. R. Carta 25. —

nota P pag.

É ás vezes é peior p.q te afaanhão

"Não lhe atires q te afaanhão": contão dos bravos da Guarda q dizião algũs delles quando viño frameres. Vâlha a verdade. Por meio creis tudo de portugueres d'hoje.

nota Q pag.

Que por veles de mouro o tomara

Velas na linguagem daquelle tempo quer dizer vigia, sentinella. Vejão-se os clarins passim: & especialm.te D. N. na chronica de D. Affo Henriques. pag. 108 col.c. de Lx.a de 1774

E quando veo ao quarto d'alva, tempo em q entendêrão, q os veles estauão mais sonnolentos ——

Rolda ou sobrerolda, q outros tem pelo mesmo, é todavia differente. A rolda é a sentinella, ou vela q vigia sôbre q outras velas; como hoje ha official do dia q visita de noute as guardas para

P.

ver se tudo vai em ordem. Outro logar
do mesmo D. N. chego na pag. 1.ª col.ª 109
authentica. ésta distincção:
"Visto como alda q̃ andava pelo mesmo
regnerendo ás vezes, chegou per hi' Albes
fallou." ——

nota R. pag.

——Bem tratando co'elles
Ainda o mestre D. Paio. —

Era D. Paio Correa, portuguez de nascim.to
e mestre de Santiago de castella q̃ com o/
commendadores e cavalleiros tomou aos mouros
os mais dos logares do Algarve, e depois se
fez vassallo delrei de Portugal, aq̃m ~~depois~~
entregou todo o ganhado por motivo da
cessão delrei de Castella, como ao diante
notaremos. Foi homem de singular valor
e nomeada prodigiosa. —

nota 5. pag.

Aben Afan — &c —

&c Aben Afan, que era rei daquella terra, que stava então em Sylves, quando soube da tomada de Lisboa, creendo que stava ~~hi~~ alli o mestre, ajuntou as gentes q.e pode &c ——

veja-se o cap.o 2. L.o 1.o no principio. —

nota 7. pag.

—— como as sete

Aureas torres no escudo Lusitano —

~~Como as sete~~ como ao rey do titulo

D'erei de Portugal veio a enfiar

D'aquem & d'alem mar &c ——

As sete torres do escudo de Portugal são hoje Algarves, e aureas p.r q.e são amoreadas q.e em Blasoneria é' o mesmo q.e aureas ou douradas. As quaes torres são em campo vermelho; e a razão disto diz D. H. q.e foi p.r os logares q.e elle tomou aos mouros, e por os q.e

d'peravão tomar com d'porzinho do sangue
delles. Quanto ao numero de sette é
mais moderno. Vem-se em pinturas antigas
doze e mais costellas nos escudos portuguezes.
Li-o, mas não me lembra, do rei nosso qual
pôz o numero de sette, nem por q não houve
razão particular, senão motivo de regularidade
p.r o futuro, se bem me recordo.

O primeiro nossos reis intitulavão-
se Rex Portugalensium, ou dos Por-
tugalenses, q tambem ha documentos escriptos
antigos em q vem desta ultima fórma. Depois
da tomada do Algarve Alfonso Sancho e dos
Algarve, no singular. — O plural dos Algar
vez só o tomou depois de
estender a conquista a outra p.te do mar na
Barbaria pelo q se ajuntou — dagueem
d'alem mar em Africa com. o p.o antig. antes dos-
sera este reino dos Algarves ambos daquem
e dalem do mar unidos em um só senhorio

e era um grande estudo q da parte da Europa começava no cabo hoje de S. Vicente e acabava na cid.e de Almeria no reino de Granada, e da parte de Africa corria debaixo do estreito até Tremecem, e q entra o reino de Fez e cid.e de Ceuta, e Tangere q antigamente chamou-se reino de Benamarim. Algarve quer dizer em arabigo terra chana p.r ser a mor parte delle situada em planicies e bordo mares.—

Não sei deq servem estes reis esta multidão de titulos q encadeião, senão é p.a vergonha dos descendentes q tão barato perdem oq tanto custou aganhar a seus illustres avoengos quando se intitulão reis e senhores doq já não tem, e que tão barato perderão, e q tão caro custou aganhar a seus illustres avoengos.

nota V. mag.

E a hora a costumada

De nos reis malos".

O escurecer, hora emq se illuminão os

os minaretes ou grimpos dos meiq.s
e sobem a elles os mouros à chamar
p.a as orações da torde. —

nota V. pag.

A pergunta costumada

De Porquem, cavall.ro —

Era o qui vive d'então. As portas dos
bouleu & logares fortes, ao entrar dos terros
e castellos se fazia ésta pergunta q.e as
continuas guerras & despertos feridaes, fa-
zião necessaria. Igualm.te se fazia esta pergunta
a este mesmo os Cavalleiros ou gentes
d'armas, quando se encontravão em qual
quer pte da estrangeira, outras tantas
dauma mesma vez, muitas vezes as respos-
erão a viva bouca e alaboura-
o interrogatorio com morte dos perguntados
ou destes, e dinheiro de ambos —

nota X. pag.

Xisto o dizia Da

Xisto V dezem referem etc. Dito. Ja
o ouvi attribuir tambem ao marquez
de Pombal. — Qualquer delles sabia
o nome dos bois. —

nota Y. pag.

Ria colrue alento animos portes
Que veder ——

Imitação ou transvestimento, ou parodia
da passagem de Camões nos Lus. canto 4.
cito eu

Ria colrae alento animos portes
Que veder Venus traz a medianal

—

nota — Z pag
Hymno exemplar estando
Extrahido do cantico dos canticos.

Voltaire q foi tamanho impio como
todos sabem, tendo mostrar q o saltaire

Cantico dos canticos é era um poema
lascivo oriental, e não inspirada canção
do rei sabio: paraphraseou-o a seu nodo
fim este fim, e com tal arte diabolica
ofez q parece q tem razão. Longe de
mim tal pensamento. Conformo-me em tudo
com as decisões da Santa Madre Igreja e no
espirito de sua intelligencia entendo, e tomo
o Loyar citado.

Canto II

nota A pag

Nouos prazeres todos nos gostos,
Constalobes, Ilhoris em magoa, ampara
Nampa — imanto em juventude, arrima
Na vellhice de bo mulher na portesa.

E delicadissima pensamto de Dauid:

"Casa e tout pour l'homme: il soutient sa confiance
"Il prête à ses vœux sans affoiblir sa fluence
"Faut T'aimer pour plaire, aimable et prêt à l'attendrir
"Il nous engage à viure et nous aide à mourir."

nota B pag

Largos portos douridos de cerueja

Afim chamão na minha terra ao porco
engordado em casa, e no Alto como dizem
os nossos gentios.

nota C pag

E em grosso pingue de toucinho gordo

A gordura do porco, depois de derretida se
diz pingue no Alentejo, e pte da Beira.
Em outros portos lhe chamão graxa.

talvez do francez gravire ou do latim crassus crassa. — Os nossos antigos diziam grossura
E grossura
nota D'pag

Em provisão escritta se encommendou
hum cinto esmeriado ao dormitorio
veja-se a nota ao canto I.
nota E' pag.

— Bauta p.ª á orden —
Conheço o anachronismo da expressão
mas déi cultpem - mas E q há certos
casos é faltarmos q gelamente acontece
de ver q me fazem, não posso empedir
me de as emmaiar ainda ha caro p.ª
vir.
nota E' pag.

E em manta enorme atassalhou o manso
Manta é de toucinho, e atassalhar
de qualquer carne. São vulgares expressões
mas p.ª as exprimir ideas vulgares como de
nada p.ª exprimir ideas vulgares como de
hade fazer seu obra ou deve calar-se em
Gongorismos ou Elmanuéismos! — Não diz
Virgilio - Pax in frustra sanctis.

nota C pag –

Digna de ti, ó Wandernet minha
Da natural simplesa ingenuo!

Pintor celebre da escola Flamenga, cujos characteres são a simpleza e natural aliás (porventura demasiada ás vezes) – O fundo dos seus quadros Flamengos é quasi sempre preto: a isto allude a versos uns poucos abaixo

— Pintou o escuro
Fundo dos quadros seus —

nota H pag.

Lê bem mestre Gilvaz outra

Veja nota ao canto I.

nota J. pag.

— Purgei tonicos.
Torno a pedir a minha desculpa pelo anachronismo. Maiores vão elles por ahi em poemas d'outra laia –

nota K pag

Trovando Alá sobre pelos alcorões
Voz ou grito de guerra dos mussulmanos

nota I pag.

Das mãos do frade toma a cruz

De igual arma se serviu o valente
frade da incomparavel historia de
Pantagruel e Gargantua.

nota II pag.

Donde vierão ao reclamo trez
Do vingativo hae pela offa
Honra de boura virgem.

Allusão a entrada dos mouros nas
Hespanhas por ajuda e chamamento do
Conde Julião, q̃ p.r vingar a honra da
filha, que lhe violentára D. Rodrigo foi traidor á P.tria.
Sir W.Scot na vida de D. Rodrigo, e
notas parece defender a veracidade do
facto, que Voltaire na historia geral pro-
põe como duvidoso, a que Sismondi d'alguma
duvidoso, a que Sismondi d'alguma
alguma fé dão. Podia
ser uma tradição sem contestação geral
e d'algum valor na

heitoria. ~~[illegible]~~ dos modernos

Em Portugal, dizem os nossos antiquarios se descubrira a sepultura do rei godo, que Nonius Hasdrubal, e Faro os historiadores estrangeiros suppõe ter morrido affogado.

Nota N. pag

Qual tende P. incognito feitiço

Ao polo do amanerado agulha

Tam feitiço é, e tam incognito q lhe não adivinhárão ainda alguns dos sabedores do mundo. E as qualidades magneticas são ainda hoje a quadratura do circulo dos Physicos. —

~~[illegible]~~ Vista 6 pag.

Tal era cheiroso banho aspide amb
Voluptuoso sentido —

O que se conta de Cleopatra a este resp.
era preg.e uso dos asiaticos, voluptuosos
até na morte.

Canto III.

Nota A. pag.

E vós formosas mouras encantadas
Na noite de S. João ao pé da fonte
Vireis tranças &

É crença popular entre nós que na noite de S. João todos os encantamentos se quebrão: as mouras encantadas que andão ordinariamente em figura de cobras, tomão nessa noute sua bella e natural fórma e vão pôr-se ao pé das fontes, ou abórdo dos regatos a pentear os seus ~~braços~~ cabellos d'ouro. Ou theem ouro escondido nos fundos dos poços ou á tona d'agua, e mil outros casos villãos succedem em tan milagrosa noute.

Nota B. pag.

11 Ja vindo ás duzias em conquinhas d'ouro.

Ainda hoje é superstição commum

alcies, o quebrarem os cornos dos ovos
~~quando~~ depois de cozidos, p.r temor
dizem, e crem, que delles serão tirados
os bruxos p.a ir á India, ou a outros
p.es longes onde costumão de ir
embarcados em taes navios chupar
sangue de meninos p.r baptisar, ou fazer
alguma outra maldade de seu officio.
Todavia é mister q. revelhão cedo, e
antes do cantar do gallo — pois que
sendo os mouros certeiros cõe meiodia —
E que a essa hora acabasse lhe o encanto
e o poder: — assim nellas tem morrido
afogados por esse mares de Christo
Isto alude o verso abaixo
E ai se o gallo canta q. á meia noute
Tornou que lhes acaba o poder lh'acaba.

Ao Canto 30

Nota C. pag.

Não ejiste de Irminsulfe, nem de Teuthates

São os deuses dos Druidas. Os poemas de Macpherson que tantos annos correrão mundo com o nome de Ossian, forão de tanta moda aqui ha tempos que todos os Septentrionaes e Scandinavios, Caledonios, e todas as outras invenções e mythologia runica andavão na bocca de todo agente. Cesarotti, o erudito, e profundo Cesarotti quasi que dá preferencia ao imaginario bardo ~~[illegible]~~ e corrige sobre o proprio Homero: e elle q os traduzio sendo, certo q os tinha estudado. Buonaparte cuja imaginação gigantesca se apraz em tudo o q era desta genero era grande prezador de Ossian, e o preferia a todos os poetas

e nesse tempo em França a torrente
dos trovadores ia com ouvido imperioso
l'elegante Lebrun o unico lyrio francez
de geito (digão os que virem de Malher-
be e J.B. Rousseau) em uma gallante descuida
graciosa combate e mette a vêr dículo
esta preferencia.

Quanto a mim tenho que a arte,
Ajuda natureza devem andar apar della
e com ella. Esses phantasmagorios abri-
dos podem ser bellos magnificos nos
montanhas e despenhadeiros da Europa
nos gelos e neves das terras polares, mas nos nossos
dulcissimos Brasilianos Climas não
podem ter valor que a impressão e attra-
ordinaria do primeiro momento; e respeito
que esses bellezas glaciaes
Do sol do meio dia ao raios ardentes

Parvos! se lhes derretão, abrandem
Percão cõa nitidez, e se convertão
De lucidos chrystaes em agua chata.

---

nota D pag.
Que não emendão os cavallos pesados &a

Allusão ao Hemonio caput cervicem
&. de Horacio —

nota E.
O Sagres promontorio q̃ de Sagres
Tem hoje nome. —

Para explicação de tudo o que aqui vai
dito desde este verso até o fim da
estancia IX. copiarei aqui um extracto
de uma sua breve mas bem escripta
descripção desta Ste do Algarve; cujo A
supponho ser um tal Dr Silva medico
homem de muto saber e gôsto, de que professou
alguns preciosos rus. —

Nota E

Onde o próvido inseto ampliando
Trabalhos d'arte, e fôros da natura
A saborosa flor do fruto faias.

O inseto que se gera, ou desenvolve no figo de certa especie de figueiras, e que tomando corpo fura o figo onde nasceu, e vai pôr ao dos outros animaes. Falta-lhe este fim os algarvios aquella casta de figueira entre as outras. E q o figo assim furado inicha, augmenta em valume, e melhora-se em sabor. — Digo sacarina flor E q é sabida opinião de muitos botanicos não ser o figo fruto, senão flor.

Nota 6 pag

E o grau da sua rudeza

A architectura d'aponia differencia-se da gothica pelo muito pesado, e grosso

Nota

e grosseiro de V. Jones. Os arcados gothicos são ligeiros agudos, os japonezes redondos ~~pesados~~ e achatados. Não só em Inglaterra e Allemanha como alguem crê, mas em Portugal, e em toda a Hespanha são monumentos de ambos elles.

Nota H pag.

Não lhe descubrirão o proposito voluntario

Nem tu Senhor Jones

Volney na viagem ao Egypto

Sir William Jones

são quanto a mim os meus Intelligentes antiquarios e de architectura oriental serevêrão. Não sei se me engano mas tenho o inglez por mal traduzido:

Nota I Jay

Enveres á benefim centum

Escrevia-se isto no verão de 1824 em França e era curioso de ver como os escrevinhadores de jornaes ~~tinhão~~ andavão a apegar pelos cabellos em ter com que encher os papeletos,

Nota J. Jay

Os leões de minuto

Olhos V. dormem arregalão

~~Supers~~ Lembra-me de uma historia que me contava a ~~minha~~ creada Brigida de certo cartello inventado ~~em~~ que gravado ~~trangedyum~~ ~~dous~~ dragões + ~~&~~ &c. Em todos os cantos do cartello ~~inventado~~ se encontrão esta circumstancia, arrep.to de leões dragos, serpentes &c.

nota K pag

Ja em Caella, preso offerendo
Por Eltombor e Alvor.

D. Paio mestre de Sanctiago em
sy commendadores e freires tinha to-
do aos mouros do Algarve os portos
de Alvor, e Eltombor; e elles lhe offere-
cêrão p elles ade Caella q aperto
de mor importe lhe cedião p entre
proxima a Tavira pra a parte, e bem
defensavel. — D. Paio acceitou, e dahi
com mais forte continuou, e acabou
a conquista. V. D. N. Senhor. delrei
D. Afo 3.º ~~e todos~~

nota L pag.
Abre-te porta

Porta de Azoia de
Porta celebre de Sylves ~~que~~ de que
faz menção o cit. D. N.

Nota III pag

Acerca fragrancia e o aleo preciosa
Das rosas do Thibet.

Este oleo q se vende com justo é celebrado por todo o oriente, e já hoje o luxo europeo o fez conhecido entre nós.
Um dos primeiros poetas destes seus, e o primeiro oriente hoje depois da morte de Byron, o suavissimo Th. Moore ~~consagrou~~ eternisou na sua amenissima Lalla Rookh.

Notas ao Canto Quarto

nota A pag

Falso o meu D.; e o toa e verdade

Note-se que falta um infiel dirigido pela falsa luz dos supportaes verdes naturaes, e sera a guia dorevelouão: assim na est.a seguinte a VI se diz: Os theologos sabem mil respostas Para Sophismas taes.

nota B pag

Flexivel curta vara tem na destra

Avarinha de condão, ou divinatoria, insigna de poder e encantadores.

nota C. pag

Lois vos rubros

Portuguezes imigos do descanso

E delicias da paz.

São expressões de um régulo da India em carta ou falla a um de nf capitães dos bons tempos da

gloria portugueza. Hoje D. . . . .

Nota D

Sua antiga independ.

O Algarve sublevou-se

Vide nota 1 ao Canto.

Nota E

Embriagando-se com sangue de parentes

De amor &c

Crença geral do oriente, e superstição que veio a prevalecer depois em alguns pontos da Europa. O nome de vampiro é hoje célebre pela extraordinaria historia de Lord Byron, ou de quem quer q. seja o auctor.

Nota E'

Como a Espada de fogo q. fulmina

Naturaes das Guardas de Eden defeso

E notavel q. os mussulmanos citão, e dão crédito a uma grande parte dos factos do testamento velho venerando os ~~os~~ Patriarchas de Moises e Abrahão &c com a mesma veneração q. os Christãos. —

nota G pag.

Tbuzel do Santão ——

Nome que dão os mahometanos aos seus
ermitas penitentes e loucos fanaticos, que
se dilacerão p.r devoção. Tem-lhes grande
respeito e tatão nta veneração. Não é Dor p.r
admirar q.o principe nosso confunda os/
miseraveis Santões, com os nossos santos her-
mitães. —

nota H pag

Christo e Mahometh forão prophetas
Mas D.s é o mesmo D.s ——

Esta é a Fé e credo dos mussulmanos. Deza
elles que na segunda D.s tendo mandado J. Ch. a reformar o
mundo e vendo q.e sua missão não tinha produ-
o necessaria emmenda mandára a esta
Mafoma, que acabou a obra começada p.r
J. Ch. —

nota I pag

O propheta de a ver nesta ——
Emmendára o Koran.

Todos sabem que Mahometh no
Koran ou Alcoran promette a entrada do para-
iso ás mais virtuosas mulheres; e apenas
ás que mais obed.ce cum.ro houveram sido de
stes mundo cruel grande espaço
que os estejão vendo de longe gozar dos ineffaveis deli
cios daquelle voluptuoso Eden nos braços dos
Houris &c.

Notas do
Canto Decimo

nota A pag.
Era noute

Em Coella

Logar do Algarve perto de Tavira que os mouros tinhão cedo ao D. Paio e aos seus Freires a troco de Alvor e Estombar. D. Nunes no log. cit.

nota B. pag
Por vencer bem & traidores fardos

Todas as generalid.es são odiosas e falsas i intende-se daquelles aq.e serve a carapuça. —

nota C. pag.
Sabei - disse D. Alvaro —

Esta cançaõ d'Antoi, o nomes dos cavalleiros, e tragio fiis desta historia, o mesmo Garcia Roiz Giraldo teve este canto 5º é historia. Veja-se D. N. Chr. d'Orei D. Aff.o 3º. — nota D Como estrellas mouros

Que via o grego cantigador de favor.

Disputão ainda hoje doutores e autores
os motivos que tiverão a Pytthagoras tal
antôjo ás favas, e p.º que as proibia tão
severamente a s/ adeptos. Pouco me importa
a mim isso: e oj sei é que Pytthagoras
assim como o pai Homero muitas vezes
dormitou, dormitou e sonhou: e um dos
seus gallantes sonhos é o dos Harmonicos
dos esphéras aq se allude neste logar.

Nota E.

Porque os ceus de nouvi os pouos

Porque não é gallicismo, os anglomanos
como querem alguns: Usou-o o patriarcha
da n/ poesia é um dos 6 classicos da lingua
da n/ adoptiva e nas/ egloga. —

Nota F.

Revel espirito que veneno nos Glauco
Deo ceo em regular campal batalha

Segundo a descripção de Milton foi huma
regular que até ahi nunca artilheria
como a que é moderna cá em este mundo.

Nota G Cap

— Seos troncos
De figueiras que ahi jazem emmantellão

D. N. Ch. de D. H 3°

Nota H. pag.

Notas
Ao Canto Sexto

---

nota A pag.
Ardentes alcanzios

Duros cantos

Erão alcanzios unos como ballos debarro cozido que ~~se~~ cheios de materios inflammaveis se arremessavão ao inimigo emgrandes quantidades principalmente se servião delles os visinhos ~~ou~~ defensa dos prayos. — Cantos é ~~qualquer~~ enormes pedros que tambem se arrojavão sobre os escaladores de muros

Faz menção de cantos Camoes nos Lusiadas mais de huma vez e no poema do Cerco de Diu. —

nota B. pag.
Ferrados longos varos

Que os immediatos fazem arremessão

Falla na J. L. menciona es tas varas e seu uso. — no canto 3º cinco ou. —

Notar
nota C. pag
Na cid.e os irmans.

Sacerdotes sumptuosos.

nota D pag
Sôbre o peito
Bord.e a cruz azul

Primeiros armas de Portugal e D.e
D Henrique Bandeira depois da batalha
de Ourique; mas conservados em Candeias
e outros logares muito tempo depois.—

nota E
Neste seu reino
Investi-lo do Algarve

Historia Veja-se nota ao conto.

nota F
E Beatriz s/apoio
Ao pae mandou
Historia: trd. D.N. de L. C. a fls 36.

nota G pag
Nomeou deveis ouvido
Fr. Gil de Santarem

Ato C. III.

Fr. Gil depois S. Fr. Gil Religioso do-
minico, de cujo ponto deou o diabo, feitiça
rias, arrependimento conversão &c fazem
se d'elles fallou, e a Historia de Dom
Fr. Luiz de Sousa. S. Fr. Gil foi
quem intimou ao desgraçado rei D. Sancho
- Capello sua deposição. Talvez em parte
provenisse dahi o mto amor que lhe tinha
D. Affo 3º. segº. refere D. N. do Lião.

Nota H pag.

Quando o anno depois entrou d'anno

Allusões á noute e madrugada de
S. João daqual se contão todas cittas
maravilhas. E com effº neal que a noute
de S. João é festejada entre os mahometanos
& da mesma sorte que nos festejamos com
fogueiras &c - Modernos Viajantes Testi-
munhão do Egypto e outros Ts. Demais
que não é ~~fallta com~~ do mesmo. conto popular
o que celebra aquella cantiga tão sabida
De os mouros nunca
Forão a S. João.

Notas

Nota J.

Meu incubo podêr

Ao Canto VII

Nota I. pag.

Notas
ao Canto Septimo

Nota A pag.
E então os agoureiros alcachofras

Sôbre êsta popular superstição, que hoje entre nós é mais um folguedo, que outra cousa, ha um Soneto do Sr. Curvo Semedo q provavelmente é o melhor Soneto que em dias nossos tem sahido. Começa elle

Maria morte sou, e a minha amada
Fazendo ao João breve ligeira
Queimou nos chammas dentro da fogueira
Verde alcachofra &c

Esta simplicidade não agradará aos Elmanistas mas q.to a mim é uma de suas maiores bellezas. Não vae recordo do mais sentido do Sêpo que verdadeiramente sem sentir aquella delicadeza, e desgarre singello caracteristico dos epigrammas amatorios ou (madrigaes) dos antigos

Ao Canto VII.

A s/amada tendo no outro dia encontrado
a agoureira alcachofra em flor.

Crédito á Planta dá q̃ não merece
Comentum puro amor não aneredita
Que fr.ª mais se abroja mais floresce

Nota B

Que até descridos mouros te respeitão
E incredulos pedreiros &c

Veja-se a nota FF ao canto 6. —

Nota C.

Antes q̃ a Inquisição queimasse os hereges
Em testimunho da santissima verd.ª e
Se deve dizer que as mesmas atrocid.ª
Infelicitavão perseguições da ignorancia cometti-
das nos Herg.es Em Italia pla Inquisição
se cometterão taes enormidades nos outros
paizes onde as não havia. A S.t Barthe
my, a dragonada Saldêrão em França
onde nunca houve Inquisição, Em que

século foi a ultima? ~~Natal tem~~
No jesuita de ouro de Luiz 14. Mba
como é atual inquisição, mas qual
e o paiz da antiga Europa onde não tenha
tal qual inquisição? —

nota DE pag.

Ahi p.ª estes erros
os M/ mortos os mouros sepultavam
os mahometanos fazem sempre os
M/ cemiterios fora das cid.ª e mettem
p.ª elles appropriados e amenos, tudo
alegres sitios. Vid. Volney Voyage
en Egypte, Chateaubr. Itin. &c

nota ## F

Tira domanga não de inf.ª morte

Toda esta est.ª é compilada dos
orientaes, cabalistas e superstições
dos nossos povos. Todavia é isto
commum em toda a p.ª e não é só
nossa. Veja-se Dicionario infernal &

~~No pas E~~

1 Veja de

Not-a D pag.

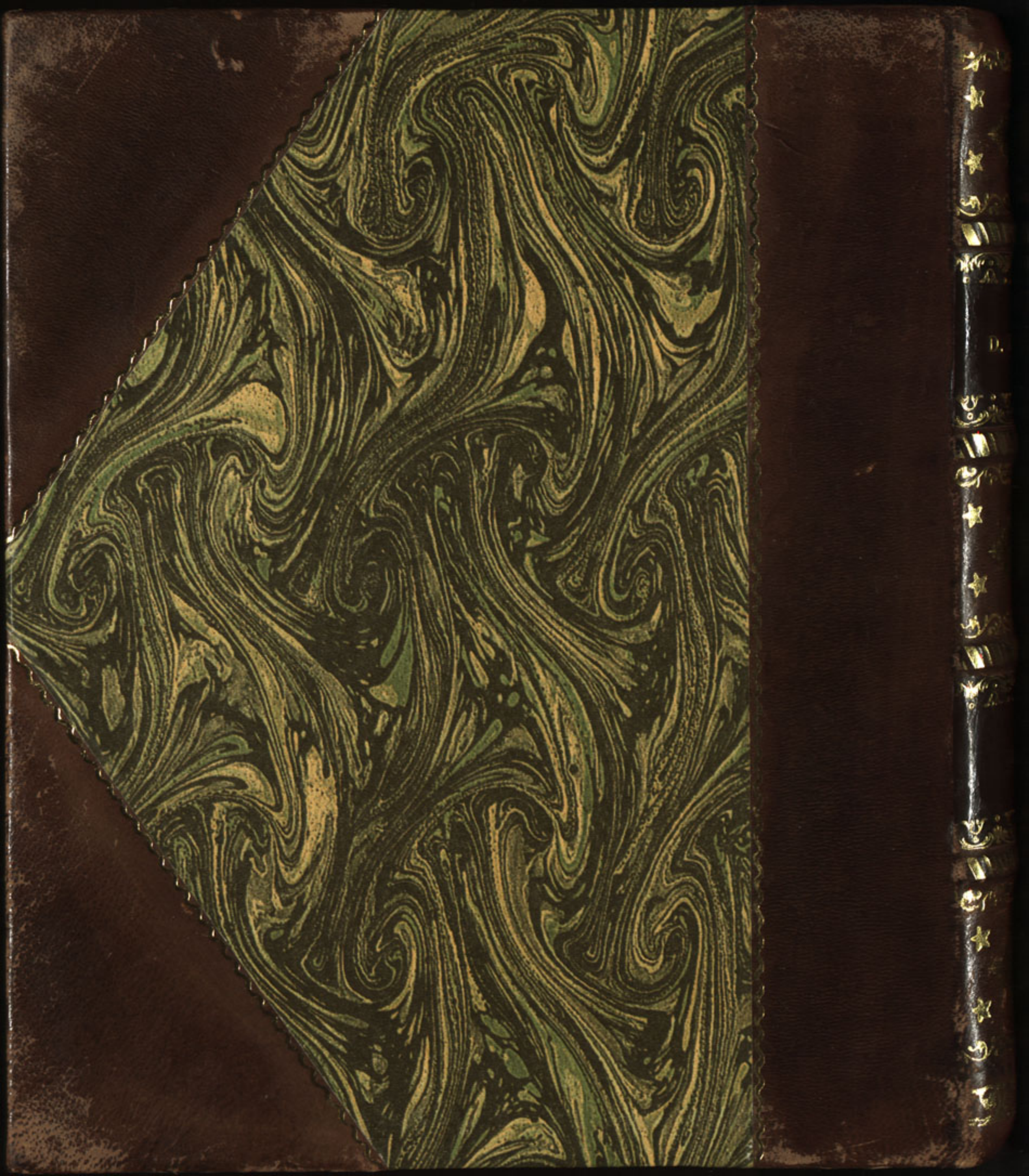
Ordens já dem e dividia batalhas.

Chamavão batalhas os nossos antigos aque
hoje dizemos thechnologia da tactica diz
colunnas: e tambem as ordens dadas e gerais
— Vide os clabs. postcim.

Acabei notas e copia

24 Dezembro 1824

Dia de natal.



D. BRANCA

1824